Diário de Lisboa

ANO 67 N.º 22 374 Quinta-feira, 28 de Maio de 1987 Preço 40$00

LIXEIRA NUCLEAR

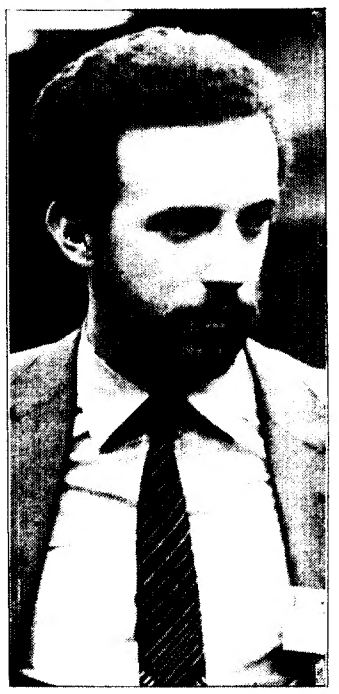
Parecer da CEE só no Outono Pág. 6

Cem milhões presenciaram 45 minutos de futebol de "cinco estrelas"

BRAVO PORTO!

Telefoto Reuter/Lusa em exclusivo para o «DL»

A honra de mostrar o «caneco de prata» a todo o mundo coube a João Pinto, «capitão» na forçada ausência de Fernando Gomes. Era o delírio, o fim dos 45 minutos de raiva que tinham arrojado para a relva o favoritismo da super-milionária equipa do Bayern, reduzida a cisco pela vontade e talento dos «dragões» de Portugal. Págs. 14 a 17



Membros do Governo suspendem funções

Os secretários de Estado da Presidência do Conselho e do Ambiente, Pedro Santana Lopes e Carlos Pimenta, suspenderam as suas funções governamentais por serem candidatos a deputados ao Parlamento Europeu. Fernando Nogueira, Ministro-adjunto e para os Assuntos Parlamentares, assume as funções de Santana Lopes, por despacho do primeiro-ministro hoje publicado.

Mais noticiário sobre o momento político nas páginas 2 e 4

Vasco Lourenço confirma recurso para o Supremo

Falando ao «DL» da vitória do Porto:
«Foi óptimo. Espero que ajude a melhorar o mundo do futebol português que, como muitas outras coisas, anda mal...»

Pág. 2

O nosso enviado especial no FC Porto/Bayern

com o patrocínio de

ALL STAR CONVERSE

OSCAR MOBILIÁRIO

Esta manhã, ao "DL"

VASCO LOURENÇO CONFIRMA INTENÇÃO DE RECORRER PARA O SUPREMO MILITAR

Vasco Lourenço confirmou esta manhã ao «DL» a sua intenção de recorrer judicialmente para o Supremo Tribuinal Militar da sanção disciplinar de cinco dias de detenção que lhe foi aplicada pelo CEME, general Firmino Miguel. Comentando a vitória europeia do Porto, o militar de Abril sublinhou-nos: «Foi óptimo. Espero que ajude a melhorar o mundo do futebol português que, como muitas outras coisas, anda mal...».

O presidente da Associação 25 de Abril, que cumpre hoje o seu terceiro dia de detenção, tomou terça-feira conhecimento, na «Ordem de Serviço» da sua unidade, a CHERET(Chefia de Reconhecimento de Transmissões da Trafaria), da pena aplicada, iniciando de imediato o seu cumprimento.

O recurso daquele tenente-coronel e ex-membro do Conselho da Revolução será dirigido ao Supremo Tribunal Militar e deverá, fundamentalmente, contestar a legalidade da decisão e interpretação dada pela hierarquia do Exército ao artigo 31 da Lei da Defesa Nacional que determina que os militares «não podem fazer declarações públicas de carácter político ou quaisquer outras que ponham em risco a coesão e a disciplina das Forças Armadas ou derespeitem o dever de isenção política e apartidarismo dos seus elementos».

Logo na altura da polémica criada em torno das suas declarações, feitas no convívio da Associação 25 de Abril, e que transcrevemos na nossa edição de ontem, Vasco Lourenço frisou que elas foram citadas fora do contexto, acrescentando que se limitou a constatar factos e não a fazer afirmações políticas.

Pezarat: «Louvor, sim condenação, não»

Em declarações registadas pela Lusa, Pezarat Correia considerou que as palavras de Vasco Lourenço, no convívio do 13º aniversário do 25 de Abril, sublinhando a de disponibilidade dos sócios da A25A para defender a democracia, deviam merecer não uma punição mas antes servir de fundamento a «um louvor ou condecoração».

«Os chefes militares não gostam que os militares afirmem o seu apego à democracia. Não gostam também, como tem sido notório, de ver outros militares que não eles aplaudidos de pé na Assembleia da República pela quase totalidade dos deputados, que assim lhes manifestam o seu reconhecimento pela liberdade», assinalou aquele brigadeiro na reserva.

Em nota do seu departamento de Informação, o MDP/CDE considera que Vasco Lourenço agiu, na sua intervenção, de «forma coerente e lógica, confirmando a fidelidade aos ideais democráticos, por parte dos sócios da Associação 25 de Abril» e sublinha que a pena aplicada é «consequência de uma mentalidade anti-democrática, persecutória e arrogante, de total ausência de sensibilidade pelos valores colectivos e de respeito pela representação individual de cada pessoa» para a qual o Governo de Cavaco Silva «contribui em grande parte».

Para a UDP, a detenção de Vasco Lourenço é «resultado da política de Mário Soares, que colocou Soares Carneiro em vice-chefe do Estado Maior General das Forças Armadas, e do trabalho de Eanes como presidente do Conselho da Revolução, ao recuperar a hierarquia reaccionária com militares que nunca estiveram com o 25 de Abril».

PRD activa corrida pré-eleitoral

Eanes vai ao Porto apresentar candidatos

O presidente do PRD, general Ramalho Eanes, vai participar, sábado próximo, no Porto, numa sessão de apresentação dos candidatos a deputados por aquele círculo nortenho.

O líder dos renovadores terá ainda, durante a sua estadia nortenha, um encontro com representantes da Imprensa regional dos distritos do Porto, Braga, Viana do Castelo, Vila Real e Bragança.

Hoje, entretanto, reune a Comissão Técnica Eleitoral e, domingo, terá lugar um encontro dos coordenadores das Comissões Técnicas Eleitorais distritais e um seminário subordinado ao tema «O Parlamento europeu e as potencialidades da adesão à CEE». Neste seminário serão analisadas as consequências directas da integração europeia para os sectores económicos, incluíndo os mecanismos de acesso aos fundos estruturais e outros apoios comunitários.

Aveiro

Em Aveiro, o coordenador distrital do PRD, Aníbal Campos, considerou «problema pessoal», limitado à estrutura concelhia, a demissão dos seis dirigentes desta comissão.

A demissão ocorreu devido à inclusão de um dirigente nacional, Ivo de Pinho, como cabeça de lista pelo distrito, decisão aceite por todas as estruturas dos renovadores na região, à excepção da concelhia de Aveiro. Esta estrutura exigia a presença de Corujo Lopes como primeiro candidato, pretensão que não foi aceite pela direcção distrital e pelos restantes responsáveis concelhios.

Portugal eleito para a Comissão de Direitos Humanos da ONU

Portugal foi eleito para membro da Comissão de Direitos Humanos da ONU. Juntamente com o nosso país foram igualmente eleitos a Inglaterra, a Espanha, a Alemanha Federal, a Austrália, a Austria e a Grécia. Portugal recebeu 35 votos.

Desta comissão fazem parte 43 países membros da organização e a sua função primordial é promover e proteger os direitos humanos, bem como as liberdades fundamentais, em todos os lados onde os mesmos possam estar ameaçados.

O mandato dos Estados agora eleitos é de três anos e tem início a 1 de Janeiro de 1988.

É a segunda vez que Portugal obtem um mandato nesta comissão, na qual esteve representado de 1979 a 1981 pelo actual Provedor de Justiça, Ângelo Almeida Ribeiro.

MURPI apela voto dos reformados

O MURPI (Movimento Unitário dos Reformados, Pensionistas e Idosos) distribuiu um comunicado através do qual apela à votação nas forças democráticas nas eleições do próximo dia 19 de Julho, com vista à «derrota da direita» a favor de «uma maioria de deputados que defendam os interesses dos trabalhadores, dos reformados e outros estractos desfavorecidos da população».

No seu documento, o MURPI faz várias considerações sobre a queda do Governo e dissolução da Assembleia da República para concluir que os reformados, afectados pela política de direita, têm «um importante e decisivo trunfo nas suas mãos», «visto que representam cerca de dois milhões de votos». A mesma organização faz severas críticas ao «escandalo das pensões em atraso», pois «existem 95 mil reformados que as aguardam há longos meses ou anos perante a passividade dos Serviços de Segurança Social e a indiferença do actual Governo».

No 10 de Junho

Soares embarca no "Creoula"

O presidente da República, Mário Soares, embarcará no próximo dia 10 de Junho no «Creoula», um navio à vela de treino do mar. O chefe do Estado fará uma pequena viagem pelo Tejo acompanhado por 50 jovens, sendo 22 das comunidades portuguesas espalhadas pelo mundo e as restantes do interior do continente: Bragança, Vila Real, Viseu, Portalegre e Évora.

Recorde-se que o «Creoula», última relíquia da Armada da pesca do bacalhau nos mares da Terra Nova e da Gronelândia, foi transformado em navio de treino da mar. Esta semana, a Secretaria de Estado das Pescas fez entrega desta navio à Marinha de Guerra

Ministro das Bermudas visita os Açores

O presidente do Governo Regional dos Açores, Mota Amaral, afirmou ontem que o arquipélago pretende aumentar as suas exportações para as Bermudas. O líder açoriano falava após um encontro em Ponta Delgada com o ministro do Trabalho e Administração do território de Bermudas, John Sharpe, que se encontra de visita oficial de quatro dias aos Açores.

Segundo o gabinete da presidência do Governo Regional, tratou-se de uma audiência onde foram abordadas questões ligadas à amigração açoriana para aquele país. Em declarações à imprensa, Mota Amaral disse que as relações com as Bermudas (um arquipélago da América Central pertencente à comunidade britânica) «são bastante boas» e que a visita deste governante tem resultados de interesse para a Região.

Subsídio de 13 mil contos para formação nas cadeias

A Direcção-Geral dos Serviços Prisionais e o Instituto de Formação Profissional assinaram ontem um acordo de cooperação técnica e financeira para a realização em 1987 de acções de formação. O acordo, que envolve uma verba de cerca de 13 000 contos, destina-se a subsidiar acções de formação profissional de monitores, remuneração dos estagiários (formandos/reclusos), matérias-primas e energia.

As acções de formação profissional vão realizar-se nos estabelecimentos prisionais de Lisboa, Porto, Linhó, Leiria, Mónicas e Tires, para cursos de mecânica automóvel, carpintaria, serralharia civil, tecelagem, tear manual e tapeçaria de Arraiolos.

Os militares e a política

NESTE dia 28 de Maio, recordando a revolta militar que deflagrou, em Braga, no ano distante de 1926, e da cidade dos Arcebispos alastrou ao País, sem um tiro vergando à abdicação o Presidente da República, sem um tiro desarticulando a capacidade operacional das forças fiéis ao Governo de António Maria da Silva, vem a propósito reflectir, embora brevemente, sobre a intervenção dos militares na vida política. Sobre a sorte dos militares que abrem a via do poder de Estado aos políticos. Pensamos no 5 de Outubro e no 28 de Maio. Pensamos no 25 de Abril. Diferentes na forma e desenvolvimento da acção, diferentes no conteúdo político, diferentes na repercussão social e no significado histórico, estes actos revolucionários. Mas o destino dos vencedores militares, uma vez confrontados com a realidade política, oferece singulares analogias.

Nestes dias em que uma pesada pena sancionou o desespero activista de Otelo, hoje que está cumprindo uma punição disciplinar por fidelidade à Democracia, um militar como Vasco Lourenço, ocorre-nos, sem estabelecermos paralelismos políticos, apenas reflectindo nas linhas quebradas dos destinos, os casos de um Machado Santos e de um Gomes da Costa, do comissário naval promovido, por força dos acontecimentos, a «comandante das forças acampadas na Rotunda», e do general, de prestigiosa carreira militar, que comandou a revolta, marchou triunfalmente sobre Lisboa, e na capital, nas malhas da política se perdeu.

A Revolução de 5 de Outubro de 1910, sob o aspecto militar, não se pode resumir aos acontecimentos da Rotunda, mas os combatentes que estiveram com Machado Santos, que com ele correram grandes riscos, que valentemente defenderam o «Acampamento», foram considerados os vencedores da acção e o seu comandante adquiriu a fama de herói da Revolução Republicana. Constituído o Governo Provisório, sem que Machado Santos fosse ouvido, o que lhe desagradou, o comissário naval, com as forças que comandava manteve-se acampado na Rotunda e na qualidade de «comandante das forças acampadas na Rotunda» determinava e mandava públicar «notas oficiosas», «ordens do dia». Era um poder paralelo. O Governo Provisório cometeu a Brito Camacho a missão de encontrar uma saída para a delicada situação: um poder militar na Rotunda, um poder político no Terreiro do Paço.

Brito Camacho promoveu a visita do Governo Provisório ao Acampamento da Rotunda e a visita de Machado Santos ao Governo. Mas foi apenas, o Presidente do Governo Provisório, Teófilo Braga que, no Terreiro do Paço, esteve disponível para acolher e felicitar Machado Santos. Teófilo Braga, cerimoniosamente, disse: «O Governo tinha deliberado receber V. Ex.ª na antiga sala do Conselho de Estado, em Conselho de Ministros. O inadiável expediente de cada ministro tornou impossível este propósito, com grande sentimento dos meus colegas que em mim declinaram a honra de receber a sua visita.»

Respondeu Machado Santos que estava ali para agradecer ao Governo a visita que fizera ao comandante da Rotunda e não para receber homenagens. E Teófilo Braga, protocolar, insistiu na afirmação de que todas as homenagens lhe eram devidas, que «o acto que praticou lhe dava direito a ter o nome numa esquina». Retorquiu Machado Santos com uma sonora gargalhada que explicou dizendo: «Desculpe, sr. doutor, mas é que eu acho um piadão a tudo isto que tem acontecido depois do 5 de Outubro».

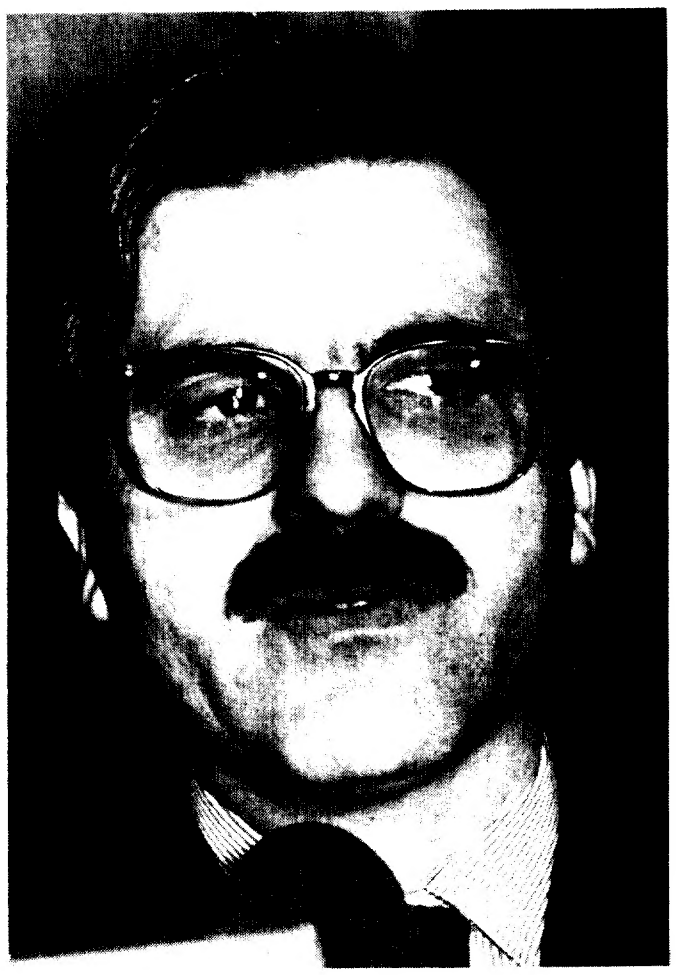
Um «piadão»! É a palavra que registou Brito Camacho no relato que publicou em 1928. Mas esse «piadão» marcaria o desgosto amargo que levaria Machado Santos de uma contestação de esquerda às águas confusas do sidonismo. Deixemo-lo na oposição ao Governo Provisório. Não o acompanhemos no destino trágico.

Encontremo-nos, agora, com Manuel Gomes da Costa. Levado a Braga, onde, festivo, decorria o Congresso Mariano, de Braga arranca e até Lisboa é uma marcha triunfal. Em Lisboa entra e é aclamado como o grande triunfador. De 28 de Maio a 19 de Junho os acontecimentos sucedem-se a um ritmo acelerado e Gomes da Costa elimina José Mendes Cabeçadas. Serão outros vinte dias aqueles em que a Gomes da Costa será consentida a ilusão do triunfo e do poder. Os militares de direita, ou manobrados pela direita conservadora e suas antenas militares, irão afastar o vencedor. Este antigo colaborador da «Seara Nova», este ex-candidato a deputado pelo Partido Radical, será destituído a 9 de Julho desse mesmo ano de 1926, expulso de Belém, detido, desterrado. Regressará feito marechal, e morrerá, ele, o vencedor militar, com o travo amargo da derrota política.

E os «militares de Abril»? Os operacionais entregam o poder de Estado a uma Junta de Salvação Nacional e vão com ela negociando as orientações e objectivos do MFA. Ingressam no Conselho de Estado como parentes pobres. A superstição das estrelas determina concessões, cedências, recuos. As graduações provisórias criam situações complicadas e quase grotescas: o general que regressa a capitão, o general que regressa a major, o general que regressa a tenente-coronel. Os casos de Vasco Lourenço, de Otelo Saraiva de Carvalho, de Carlos Fabião, são paradigmáticos. Exemplar, em sentido contrário, o caso de Salgueiro Maia. O capitão que, na sucessão operacional teve o destino da Revolução nas suas mãos, ficará subordinado à hierarquia que na cama ou à secretária tomou conhecimento dos acontecimentos. Depois foi o Conselho da Revolução. Essa arrastada e triste história da Revolução em queda burocrática. Os resultados estão à vista. E nenhum caso mais exemplar que o do militar de Abril e de Novembro, chamado ao Conselho da Revolução, elevado a chefe do Estado-Maior do Exército, general de quatro estrelas na situação de militarmente desempregado. Falamos do general Amadeu Garcia dos Santos.

Seria longo enumerar outros casos de ostracismo militar e cívico. Porque, na realidade, são cidadãos prestimosos que, por amor à Liberdade exemplarmente provado, são perseguidos, em suas carreiras prejudicados ou definitivamente preteridos, civicamente agravados. E é tempo, nesta desgostosa reflexão, de esclarecermos o leitor. Não veja no que escrevemos a apologia da conquista e retenção do poder de Estado pelos militares vencedores de acções revolucionárias armadas ou de pronunciamentos militares. O que queremos focar é bem distinto. Queremos chamar a atenção para a capacidade de recuperação das hierarquias, das burocracias, dos interesses constituídos e dos seus agentes. Queremos dizer — aos que se empenham na acção e aos leitores — que a História não conhece «meias revoluções» e que perante a acção não há militares e civis: há os que se envolvem na acção, os que contrariam a acção, os que assistem para posteriormente aproveitarem, e em muitos casos deformarem, a acção revolucionária. Os adesivos, os aproveitadores, os manobradores maquiavélicos, foram praga em Outubro, em Maio, em Abril.

Não são precisos mais exemplos para justificar a prevenção: militares e civis, cidadãos inteiros, devem libertar-se das malhas que a política tece para absorver o esforço transformador e a inspiração libertado-



Ausente na pré-campanha

PSD SÓ DESCERÁ À RUA A 28 DE JUNHO

O PSD não entrará na pré-campanha. Para ele, a corrida para as urnas começa a 28 de de Junho e só nessa altura os sociais-democratas se empenharão na campanha cujo início será marcado por dois grandes actos públicos: a apresentação dos candidatos, a 1 de Julho, e, em seguida, em data a estabelecer, a divulgação do seu manifesto eleitoral.

Falando aos jornalistas no final de uma reunião da Comissão Política do seu partido, reunida para analisar a actual situação política, Dias Loureiro, secretário-geral do PSD, destacou o «clima de normalidade» em que se vive: «O país trabalha sem sobressaltos, o Governo governa normalmente, os agentes económicos não acusaram qualquer desgaste ou quebra de confiança», afirmou.

Para aquele dirigente, esta situação resulta «por acção do Governo que nestes últimos meses soube conduzir o país para um clima de grande esperança no futuro» e na convicção de que «após um Governo PSD, depois das eleições, o país terá de novo um Governo do PSD».

Dias Loureiro criticou os partidos da oposição, estabelecendo um paralelo entre as suas actuações e a do PSD, considerando que aqueles têm dado «um espectáculo político de divisões, demissões e zangas». «Entre eles exibem um triste espectáculo de guerrilhas, com acusações mútuas», acusou. Em contraste, na opinião daquele dirigente, o PSD está calmo e resolveu os problemas de formação de listas num clima de diálogo interno.

Críticas especiais foram feitas ao PCP, que Dias Loureiro considerou «estar em pânico» e acusou de «não respeitar as regras democráticas, tendo começado já a campanha eleitoral, com colagem de cartazes e pintura de paredes um pouco por todo o país». «Se seguissemos o exemplo do PCP, a campanha eleitoral não começaria a 28 de Junho, mas imediatamente», concluiu

Jardim contra CDU

A presidência do Governo Regional da Madeira está a deligenciar junto de candidatos da CDU para que ponham termo a várias inscrições murais realizadas por elementos daquele coligação. João Jardim deu já instruções para que todas as inscrições e pinturas murais sejam «imediatamente tapadas».

Cavaco nos Açores

Cavaco Silva desloca-se aos Açores, na qualidade de primeiro-ministro, entre 12 e 15 de Junho. A deslocação faz-se a convite do Governo Regional e, provavelmente, evitará que Cavaco Silva tenha de voltar àquela região durante a campanha eleitoral, na qualidade de líder do PSD. Durante esta visita deslocar-se-á a várias ilhas do arquipélago.

CONSTÂNCIO QUER PESCAR FORA DAS SUAS ÁGUAS

Vítor Constâncio começou ontem a «pescar» fora das suas águas territoriais, apelando aos eleitores do PCP e do PRD para votarem no seu partido nas eleições de 19 de Julho. Vítor Cosntâncio falava no tempo de antena do PS, na RTP, transmitido pouco depois do final do encontro F.C.Porto–Bayern de Munique

Dirigindo–se aos militantes do PCP, o líder socialista convidou–os a «recusar a solidão, recusar a derrota», que segundo afirmou é apanágio dos comunistas, e pediu aos «eleitores socialistas» do PRD para «regressarem a casa», porque «o PRD não sabe para onde vai».

Constâncio disse também que «a escolha clara ao Governo do PSD é um Governo PS» e afirmou que não quer «fabricar arranjos parlamentares artificiais».

Noutra passagem da sua intervenção, o secretário–geral do PS argumentou que a esquerda desunida «será humilhada pela direita», considerando que a sua unidade somente será possível em torno do PS, que «tem as portas e o espírito abertos» para adesões de militantes e organizações da sua área política.

«Não sou e não gostava nada de ser como Cavaco Silva», sublinhou Vítor Costâncio acrescentando que gosta de tratar os outros «com respeito e simpatia».

Sobre o Governo, o lider do PS disse que «ele deu–nos um ano e meio de mau teatro e boa propaganda» e acusou–o de ter distribuído mal «a riqueza que nos veio de fora».

«A ajuda da CEE foi mal administrada» e «viveu–se ao sabor dos acontecimentos», referiu.

Entretanto, o secretário–geral do PS preside hoje no Funchal a uma reunião com empresários, sindicalistas, jornalistas e intelectuais madeirenses, na qual serão anunciados os objectivos eleitorais do Partido Socialista.

Constâncio visitará as freguesias de Santa Cruz, Machico, Caniçal e Camara de Lobos e os bairros de São Gonçalo e Santa Maria Maior (Funchal), para contactos com as populações.

Durante a sua permanência na Madeira, Constâncio tem apenas agendada uma audiência com o presidente da Assembleia Regional.

Desarmamento nuclear reforça armas convencionais

— *afirma Ribeiro de Almeida*

O ministro da Defesa, Leonardo Ribeiro de Almeida, disse ontem em Bruxelas, após uma reunião da NATO, que o desarmamanto nuclear obrigará os aliados a redobrar o esforço relativo à defesa convencional.

Ribeiro de Almeida, que falava a jornalistas no final da reunião do comité dos planos de defesa da NATO, sublinhou que «a paz e a segurança dependem da existência de uma capacidade militar adequada e da invisibilidade da defesa do continente americano e do continente europeu». Aludindo ao que definiu como a necessidade da Aliança «redobrar o esforço de defesa convencional depois do desarmamanto nuclear», o ministro afirmou que será feito um esforço a favor de Portugal e dos outros dois estados membros, economicamente mais fracos.

«Salientamos que a ajuda é necessária e consideramos importante o aumento das despesas em matéria de defesa», disse Leonardo Ribeiro de Almeida, recordando a título de exemplo a primeira Lei de Programação Militar.

Referindo–se à posição aliada sobre a eliminação dos mísseis nucleares de médio e curto alcance instalados na Europa, o ministro da Defesa declarou que «foram reafirmados e relevados os conceitos da reunião da Noruega (Stavanger) e afirmado que a estratégia da resposta flexível continua a ser um objectivo da Aliança».

UDP avança para as eleições disposta a impedir maioria de direita

Contra a dependência externa e contra uma eventual maioria do PSD serão as palavras de ordem da UDP na campanha eleitoral, cuja estratégia vai ser aprovada no Congresso do partido, que se realiza no próximo fim de semana em Lisboa.

Dos 600 delegados eleitos para o Congresso, cerca de 400 vão estar presentes na «Voz do Operário», onde será aprovado o programa eleitoral do partido.

Dirigentes da UDP, entre os quais Mário Tomé, Carlos Marques e Carlos Santos, reuniram–se ontem com a Imprensa tendo reveleado que pretendem «conquistar eleitores aos próprios partidos que não se intitulam de esquerda», denunciando a «política autoritária e de instabilidade e insegurança de Cavaco Silva».

Além de pretender eleger pelo menos um deputado, a UDP tentará impedir que o PSD, o CDS e o PS atinjam a maioria de dois terços necessária para a revisão da Constituição, salientaram os dirigentes da UDP.

A questão dos contactos com o PCP foi igualmente abordada pelos dirigentes da UDP, que disseram terem havido contactos com o dirigente comunista Octávio Pato para uma eventual coligação da UDP com aquele partido para as eleições legislativas, hipótese que se gorou. «Continuamos a defender que a melhor solução era mesmo uma coligação com o PCP ou com qualquer outra força de esquerda», disse, na altura, Mário Tomé.

Uma das teses em discussão no Congresso é a hipótese de a UDP apoiar um Governo, com a condição de que seja suspenso o pagamento da dívida externa e que sejam postos em causa os acordos com a CEE.

Carlos Santos disse, por sua vez, que é possível à UDP eleger um deputado para o Parlamento Europeu, pois — sustentou — «são precisos cerca de 200 mil votos, se tivermos em conta as abstenções e os votos brancos».

No Congresso vão estar presentes delegações do PS, PRD, MDP, PC(R) e da Associação 25 de Abril. O PCP não foi convidado: «Nunca tivemos relações protocolares com o PCP, que também nunca nos convidou para nenhuma das suas actividades», explicou Carlos Marques», acrescentando: «O PCP permanece na posição de caluniar a UDP».

A fábula dos partidos democráticos

Que nos seja perdoado recapitular-se de chofre alguns lugares-comuns e conceitos basilares da nossa cultura; pelo adiante da exposição se entenderá porquê. No sentido etimológico do termo, democracia é o poder do povo. Recebêmo-lo dos gregos há cerca de 25 séculos, e, de então para cá, sempre que se quer referendar ou exprobar uma atitude política, o termo democracia é repetidamente utilizado — a sua institucionalização conheceu desenvolvimentos tão diferentes que só resta como denominador comum a ideia correspondente a um governo escolhido por sufrágio popular. Em meados do séc. XIX, irrompem duas concepções revolucionárias de democracia: uma inspirada no modelo americano, de que Alexis de Tocqueville foi o seu arauto mundial, e outra baseada no pensamento de KarlMarx, a quem se deve a concepção da revolução mundial po via do proletariado.

Enquanto que o primeiro insistiu na marcha da História para condições de igualdade entre os homens (ainda que inspirado no figurino americano), o segundo enfazitou a necessidade da transformação violenta nas estruturas políticas, sociais e económicas visando a suprssão das classes e a eliminação da exploração do homem pelo homem. No primeiro caso entroncam todas as concepções liberais, desde importantes correntes da social-democracia actual até à democracia-cristã. A democracia-cristã que por seu turno entronca no liberalismo católico exige (como os liberais) o reconhecimento das liberdades de consciência, educação, associação e sufrágio universal — e é um termo amplo que tanto se pode referir à «democracia social» — acção social da Igreja — quer à democracia política inspirada em Leão XIII. Nesta acepção, democracia política é a mensagem de Pio XII no Natal de 1944 que aborda a distinção entre «massa» e «povo» e onde se afirmava dever ser o Estado «a unidade orgânica e organizadora do verdadeiro povo», e em que dois direitos fundamentais assistem aos cidadãos: «exprimir a sua opinião pessoal sobre os deveres e os sacrifícios que lhe são impostos e não ser obrigado a obedecer sem ser consultados.»

Neste vertiginoso percurso sobre conceitos de democracia, vemos como são variadas as iterpretações nos herdeiros do liberalismo e marxismo, desde os neo-individualistas aos euro-comunistas. Mas, grosso modo, enquanto os liberais privilegiam o Estado de Direito e as suas múltiplas consequências ao nível da empresa, da organização do trabalho e da sociedade, os mais inflexíveis seguidores do marxismo exaltam os princípios da democracia «real» em oposição à democracia «burguesa» dos liberais.

Mesmo ao nível da democracia representativa, prestigiados juristas estabelecem distinção entre Estado de Direito e legalidade democrática como bem acentuou Niall MacDermot, secretário-geral da Comissão Internacional de Juristas, quando afirmou em 1959: «o Estado de Direito é um conceito dinâmico por cuja expansão e realização os juristas são eminentemente responsáveis, e que deve ser utilizado não só para salvaguardar e promover os direitos civis e políticos do indivíuo numa sociedade livre mas também para criar condições sociais, económicas, educacionais e culturais, nas quais as suas legítimas aspirações e dignidade possam realizar-se». Também reputados juristas portuguesaes se têm debruçado nos últimos anos sobre o tema dos direitos do Homem inter-relacionado com o próprio conceito de democracia que defendem, como é o caso de: Pedro Soares Martinez, ao encarar a defesa das liberdades como um plano de convergência dos homens de Direito e as garantias de salvaguarda dos direitos dos cidadãos e dos corpos intermédios perante as possíveis situações contitucionais do tipo voluntarista e do tipo institucional; Jose Magalhães Godinho, inserindo a temática dos direitos, liberdades e garantias individuais no quadro da promoção do socialismo democrático; Jorge Miranda, ao estabelecer a distinção entre bases para uma organização constitucional democrática (concepção de democracia, renovação da democracia, governo eficaz, parlamentarismo racionalizado, etc.) e o exercício dos direitos fundamentais; Gomes Canotilho, ao definir normas programáticas e normas consagradoras de direitos fundamentais (o sentido da chamada «regulamentação da liberdade» entendido cmo a aplicação imediata das normas contitucionais em relação aos direitos, liberdades e garantias). E acrescenta-se uma voz autorizada da Igreja Católica, D. António Ferreira Gomes, referindo na palavra pastoral após o 25 de Abril que «nada se faz sem tempo e que a massa popular, o povo massificado é o contrário de um povo livre», finalizando com a definição de Estado de Direito como sinónimo de um «povo livre».

Esta deambulação, que corre o risco de se afigurar de pretensão académica de mau gosto recheada de conceitos óbvios, só serve para demonstrar que a defesa dos direitos e liberdades fundamentais do homem não é um problema de hoje, decorre da progressão da ideia político-cultural de democracia, do socialismo, de esquerdas e direitas. Mais: as origens das preocupações da comunidade internacional remontam às seculares tradições humanitárias e às lutas pela liberdade e pela igualdade travadas pelos povos. Será que se pode justificar o nosso subdesenvolvimento e obscurantismo na classificação de «partidos democráticos» na idêntica proporção do nosso empenhamento pela defesa dos direitos do Homem?

E que, parece-nos, o inter-relacionamento dos direitos do Homem devia plasmar-se com mais rigor nas lutas partidárias e deixar de constituir uma classificação bacoca, imprópria da dignidade democrática e pouco atraente para a mobilização dos direitos do Homem a simpatia por um governo emanado da própria esquerda.

Com efeito, o período eleitoral que se avizinha vai prestar-se a clivar os partidos em uns mais democráticos que outros, indo-se ao ponto de, pasme-se, apelidar com representatividade parlamentar como não sendo democráticos. Se não veja-se:

Para o CDS, partidos democráticos são ele próprio, o PSD e o PS desde que expurgado do marxismo — os demais são totalitários; para o PSD, o leque demorático é extensivo ao PRD, e quanto a totalitarismo segue as pisadas do CDS; para o PRD, a fronteira da democracia pára ou avança até ao PCP, consoante o afã legislativo ou a ideia de formar governo; para o PS, todos são democráticos conquanto uns sirvam para formar governo e outros não, e esta abrangência tem nuances para a eleição presidencial, e o PCP é umas vezes totalitário e quase sempre estalinista; para o PCP, partidos democráticos são ele e pouco mais, pois tudo depende das conjunturas, mas de qualquer forma isto de partidos democráticos vai na estação alta até ao PS, caracterizando-se todos os demais de reacionários ou esquerdistas.

Deploravelmente, nem só os partidos são responsáveis por este babel que Linneu não previu, e que para nós não é nem edificante nem educativa — afinal, nem a própria esquerda sabe onde está a sua composição democrática. Se, presentemente, a conquista de maior influência serve de motivo à exacerbação político-partidária, já não se compreende que homens de cultura ou proeminentes politólogos cometam os mesmos dislates.

Se a esquerda quer ser tomada permanentemente a sério pelo eleitorado tem que elevar e aclarar a sua comunicação por forma a sintonizar-se com os ineresses populares identificados com as esperanças de concretização dos ideais do 25 de Abril, designadamente no tocante ao desenvolvimento e diálogo. Quando a esquerda não é transparente é eleitoralmente punida. Não é por se falar desencontradamente em economia social de mercado, protecionismo, teoria económica liberal, planificação, estatização, integração dos nossos trabalhadores na sociedade de consumo, compromisso democrático, eficácia social, estratégia ofensiva da modernização, por exemplo, que a esquerda se dilacera. É quando move e aprofunda processos de suspeição sobre os «mais» e os «menos» da democracia, da liberdade e da fraternidade. Não se pede convergência obrigatória à partida mas reclama-se solidariedade nos resultados finais.

A esquerda é a confluência de Abril; e é intelectualmente abominável que partidos, as pessoas e ideias que se vangloriam de urdir a ordem constiucional, de promover os ideais do trabalho e do bem-estar, não saibam fazer da sua própria relação uma estratégia de crescimento qualitativo.

Beja Santos

Contra poluição de ribeiro

SABOTAGEM DESTRÓI ESGOTO DO MATADOURO DE ANSIÃES

«Até as vacas que vão beber ao ribeiro chegam lá e começam a bufar e a espirrar e não bebem, tendo nós de as levar a beber ao fontanário público», desabafou uma habitante da aldeia de Marzagão, do concelho de Carrazeda de Ansiães, referindo-se ao grau de poluição de uma ribeira que passa junto à povoação.

Causa do mal, segundo os habitantes, é o matadouro da firma «Rebelo e Rebelo», e a falta de resposta aos telegramas enviados ao Presidente da República, primeiro-ministro e outros membros do Governo, levou a que se iniciasse a contagem decrescente para a sabotagem que viria a afectar um quilómetro e meio de esgoto.

Anteriormente, os esgotos daquele matadouro tinham sido desviados para uma nova conduta com mais de três quilómetros para não pôr em perigo a água da barragem do Belver que abastece a povoação de Ansiães. Dado que as instalações ficam a montante da linha de água que abastece a barragem, foi proposto pela Câmara Municipal de Carrazeda de Ansiães, com a necessária aprovação dos Serviços Hidraúlicos, a construção de uma nova conduta que levasse o efluente para um lugar abaixo da barragem.

Obra construída, o proprietário do matadouro e o presidente da Câmara de Carrazeda de Ansiães, Abreu Lima, aguardavam que até ao fim da corrente semana tudo ficasse resolvido com a instalação de caldeiras para o aproveitamento para rações do sangue de abate.

Uma acção de surpresa

Por isso, a sabotagem foi surpresa, mas Luis Ramires, presidente da Junta de Freguesia de Marzafão, e que se encontra solidário com a população, tentou dissuadir os seus conterrâneos, alertando o presidente da Câmara Municipal de Carrazeda de Ansiães. «Mandei quatro telegramas, em 14 de Abril para o Presidente da República, primeiro-ministro, ministro da Saúde e secretário de Estado do Ambiente onde lhes expunha o problema e dizia que a falta de resolução obrigaria à intervenção das freguesias», acentuou o autarca em declarações ao «Jornal de Notícias».

Por outro lado, a proposta por si apresentada e aprovada em Assembleia Municipal prevendo o encerramento do matadouro até ser tudo resolvido, foi confrontada com problemas de ordem legal pois, segundo o presidente da Câmara de Carrazeda de Ansiães, a autarquia não tem competências para decidir sobre tal matéria, cabendo a decisão à Junta Nacional dos Produtos Pecuários ou à Secretaria de Estado do Ambiente, entidades a quem o problema já tinha sido comunicado.

Perante a inexistência de respostas, populares destruiram os tubos de esgoto, a partir do ponto onde este se juntava ao ribeiro. Para tornarem mais eficaz a sua acção, foram abrindo brechas nas quais introduziram foguetes que, depois de fazerem o percurso permitido pela sua carga propulsora, rebentavam e abriam novas brechas na canalização, destruindo, assim, cerca de um quilómetre e meio de conduta.

Termas de S.Pedro do Sul: não há poluição

As Termas de São Pedro do Sul podem ser utilizadas este ano sem qualquer restrição, ao contrário de informações dadas a alguns doentes, disse uma fonte da Câmara de São Pedro do Sul.

O município de São Pedro, responsável pela exploração das termas, desmentiu que as águas estejam poluídas ou que as instalações do velho balneário não ofereçam condições aos utentes.

«Não há qualquer indício contrário na utilização das instalações das termas ou das águas», afirmou João Evangelista.

Após uma vistoria, realizada em 1986 no final da época termal, a Direcção-Geral dos Cuidados de Saúde Primários considerou que o antigo balneário não estava em condições de ser utilizado, mas foram efectuados restauros e em vistoria recente, realizada em finais de Abril, a Administração Regional de Saúde de Viseu considerou que as instalações estavam aptas a ser utilizdas, acrescentou a mesma fonte.

O problema das águas poluídas nunca se verificou, como tem sido invocado, mas apenas o de instalações, e este está já ultrapassado, disse ainda.

A Câmara de São Pedro do Sul anunciou entretanto que devido à escassez das instalações do velho balneário e à procura cada vez maior das termas, inclusive por estrangeiros, o novo balneário começará a funcionar no dia 1 de Junho.

O novo edifício termal, localizado a menos de 50 metros do antigo, é um dos mais modernos da Europa e orçou em cerca de 250 000 contos, não estando no entanto ainda totalmente equipado por falta de financiameto.

As Termas de São Pedro do Sul são utilizadas anualmente por milhares de pessoas, portuguesas e estrangeiras, afectadas essencialmente por dermatoses reumatismo ou complicações do aparelho respiratório.

Docentes dos Açores contestam abertura das aulas a 21/9

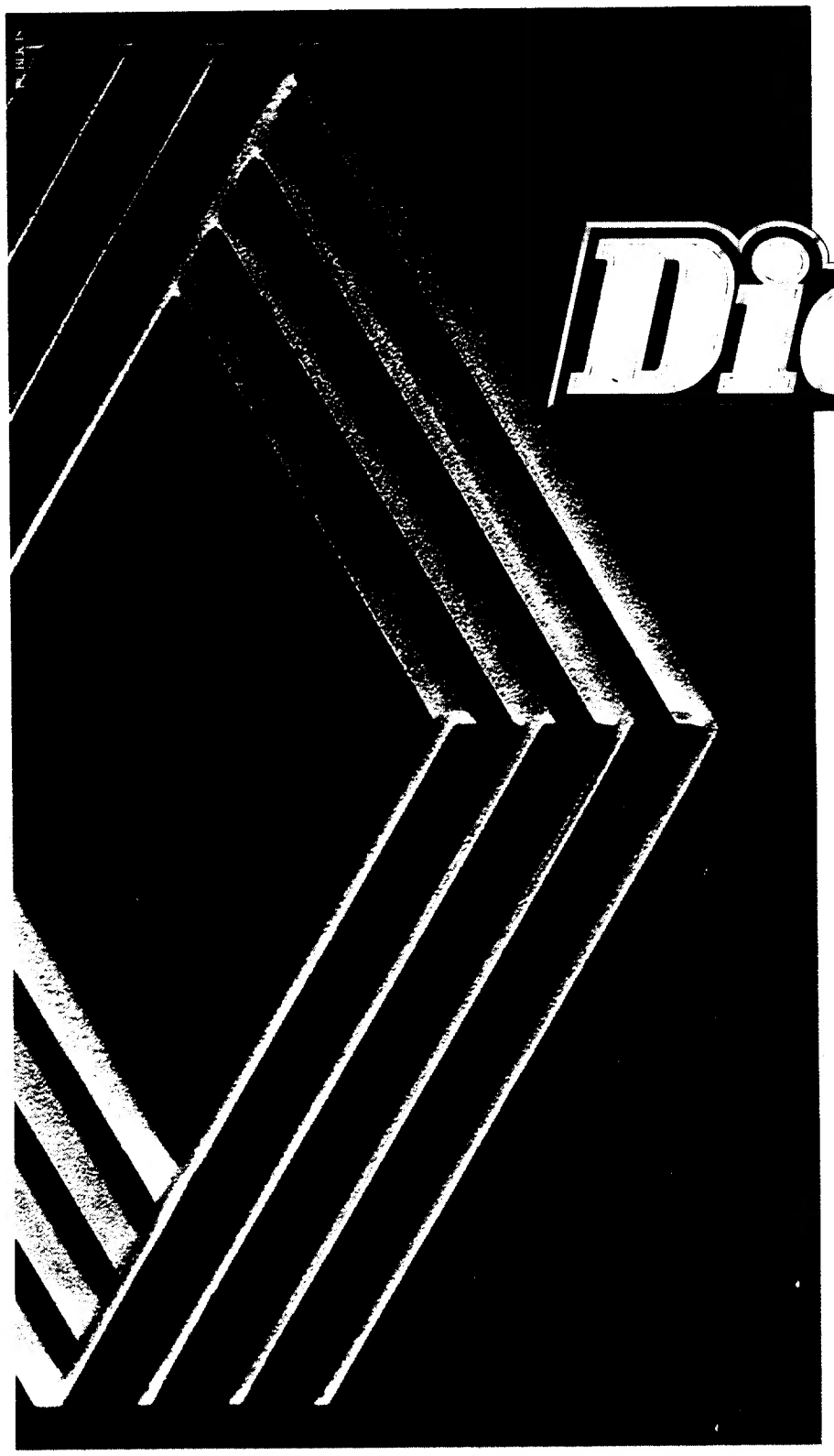
O Sindicato dos Professores dos Açores considera «não ser viável» a decisão do Governo Regional de começar as aulas a 21 de Setembro.

Em conferência de Imprensa em Ponta Delgada, Francisco de Sousa, presidente do Sindicato, expôs as razões sindicais de oposição ao Governo Regional: divulgação tardia da data, o que causará inconvenientes aos alunos e pais.

O SPA entende que é impossível até àquela data colocar a generalidade dos professores e concluir as obras necessárias à rede escolar da Região Autónoma.

O dirigente sindical criticou ainda o Governo Regional por promover a discriminação entre professores com atribuição de subsídios de fixação em zonas mais isoladas, mas não extensivo a todos os graus de ensino.

Francisco de Sousa anunciou a realização na próxima semana em Ponta Delgada de um encontro sobre formação de professores e considerou resolvido o conflito laboral dos educadores de infância das ilhas que exigiam a equiparação dos respectivos horários aos dos professores primários.



RENAULT

a liberdade de escolher

Diesel

Liberdade de escolher de entre a mais vasta gama de automóveis ligeiros **diesel** do mercado.
Liberdade de escolher veículos **diesel** tecnologicamente muito avançados, de consumo baixo e performances elevadas.
Liberdade de escolher a viatura **diesel** mais adequada, em tudo idêntica no conforto e segurança aos modelos a gasolina.
Liberdade de escolher automóveis **diesel** potentes, robustos e silenciosos.
Liberdade de escolher um **diesel Renault.**
Liberdade de escolher a liberdade.

Crédito RENAULT
As melhores condições de compra.

Renault Supercinco TD/GTD Diesel

Renault 9 GTD Diesel

Renault 11 GTD Diesel

Renault 21 GTD e Turbo DX Diesel

Renault 21 Nevada Turbo D Diesel

Renault 25 Turbo DX Diesel

Explanada espantosa

Na melhor nódoa cai o pano, poderíamos dizer em trocadilho total para assinalar uma gralha, só uma a título de exemplo, das que atingiram o texto ontem por nós publicado no «DL», sob o título «Lisboa tão longe dos peixes do Tejo». É claro e evidente que explanadas as coisas como iam no texto a esplanada de que falávamos era outra, com rio, gente, mesas. Mas ressalvemos uma outra falha técnica em que o mesmo rio, o Tejo, é obrigado a entrar duas vezes no mesmo país, o nosso. Coisas que acontecem a quem escreve...

R.V.

Colunas lunares

Às vezes não é uma questão de palavras. Ou seja, também é porque elas alinham–se por colunas, e as regras da leitura exigem que ela se faça da esquerda para a direita, de cima para baixo e de forma contínua. Quando este contrato se rompe, torna–se difícil distinguir entre o que é o Sado e a mancha de poluição que afectou este rio, as opiniões sobre a questão e o futuro das ostras sadinas. Aconteceu ontem na peça «Derrame de fuel–óleo da Portucel no Sado». Colunas trocadas, como aconteceu, têm sabor a colunas lunares. Ou seja, é uma coisa de outro mundo. As nossas desculpas aos leitores e não só.

"TRANSPORTADORA DE SILVA & ESCARAMEIA, LDA"

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 5 de Maio corrente, lavrada de folhas 68 verso a folhas 70 verso, do livro de notas para escrituras diversas número 51-I, do Segundo Cartório Notarial de Almada, a cargo da notária Licenciada Maria Luísa Vieira Elvas da Silva Borges Soeiro, foi feito um contrato de sociedade entre:

a) – MANUEL DA SILVA ESCARAMEIA, natural de S. Salvador da Aramenha, Marvão, casado sob o regime da comunhão geral de bens com Rita de Jesus da Silva, residente na Calçada do Forte, n.º 54, r/c, em Lisboa;

b) – FRANCISCO DA SILVA ESCARAMEIA, solteiro, maior, natural de S. Lourenço, Portalegre, residente na morada acima indicada;

c) – ANTÓNIO FONSECA DE ALMEIDA, natural de Celorico (S. Pedro), Celorico da Beira, casado sob o regime da comunhão geral de bens com Maria Fernanda da Cruz de Almeida, residente no Bairro S. João de Brito, Rua C, n.º 9, Lisboa.

Sociedade com a denominação em epígrafe com sede na Calçada do Forte, número cinquenta e quatro, rés-do-chão, freguesia de São Vicente de Fora, cidade de Lisboa, a qual ficou a reger-se pelas cláusulas constantes da fotocópia anexa que, com esta se compõe de cinco folhas e vai conforme o original.

Segundo Cartório Notarial de Almada, aos cinco de Maio de mil novecentos e oitenta e sete

O Ajudante,
(Maria Clotilde Duarte Martins dos Vales Cortes)

A sociedade adopta a denominação "TRANSPORTADORA DE SILVA & ESCARAMEIA, LDA", tem a sua sede na Calçada do Forte, número cinquenta e quatro, rés-do-chão, freguesia de São Vicente de Fora, cidade de Lisboa, podendo instalar agência onde e quando convier e a sua duração é por tempo indeterminado. O contrato da sociedade pode autorizar a gerência, com o consentimento da assembleia geral, a deslocar a sede dentro do mesmo concelho ou para concelhos limítrofes.

SEGUNDO

O seu objecto consiste no transporte de cargas e descargas, serviços de transportes locais de longa distância, nomeadamente de carga nas garagens, terminais com ou sem armazenamento e seus derivados.

TERCEIRO

O capital social integralmente realizado é de seiscentos contos, a que corresponde a soma das seguintes quotas: uma quota do valor nominal de duzentos e cinquenta contos do sócio Manuel da Silva Escarameia; uma quota do valor nominal de cem contos do sócio Francisco da Silva Escarameia e uma quota do valor nominal de duzentos e cinquenta contos do sócio António Fonseca de Almeida, realizadas em dinheiro já entrado na caixa social quanto à quota do sócio Francisco da Silva Escarameia e à quantia de setenta contos do sócio António Fonseca de Almeida; e quanto à restante parte da quota deste pela transferência para a'sociedade do veículo automóvel com a matrícula FN-00-07, marca FORD, pesado de mercadorias, D-0607-mil novecentos e oitenta e um no valor de cento e oitenta contos; e quanto à quota do sócio Manuel da Silva Escarameia pela transferência para a sociedade do veículo automóvel matrícula AZ-02-85, marca MITSUBISHI Canter FE cento e dez Elig, ligeiro de mercadorias no valor de duzentos e cinquenta contos.

QUARTO

Qualquer sócio poderá fazer à sociedade os suprimentos necessários nos termos e condições deliberadas em assembleia geral, podendo ainda esta, desde que haja unanimidade, exigir prestações suplementares de capital até ao montante de mil e duzentos contos.

QUINTO

A gerência da sociedade dispensada de caução, remunerada ou não, conforme foi deliberado em assembleia geral, será exercida por todos os sócios que desde já são nomeados gerentes.

Para obrigar a sociedade é necessária a intervenção do gerente António Fonseca de Almeida, podendo os documentos de mero expediente ser assinados por qualquer gerente.

Em caso algum, os gerentes poderão obrigar a sociedade em actos documentos que não digam respeito aos negócios sociais, sobretudo em letras de favor, avales, fianças, abonações ou actos semelhantes.

SEXTO

A cessão de quotas entre os sócios é livre, mas a cessão a estranhos depende do consentimento da sociedade, à qual é reservado o direito de preferência em primeiro lugar e em segundo aos outros sócios.

SÉTIMO

Pontualmente será dado balanço, com relação a trinta e um de Dezembro, devendo apresentar-se contas, de modo a poderem ser apreciadas, discutidas e votadas, dentro dos noventa dias seguintes.

OITAVO

Dos lucros líquidos apurados em cada balanço sairão as percentagens legais e as que a assembleia geral destinar para qualquer outro fundo de reserva, sendo o remanescente partilhado na proporção das quotas.

PARÁGRAFO ÚNICO

Nenhum sócio poderá emitir vales à caixa social, bem como dela fazer qualquer levantamento por conta de lucros ainda não apurados ou a distribuir, nem poderá levantar quaisquer lucros, salvo com deliberação em contrário, enquanto a sociedade não dispuser de fundos suficientes para o seu regular e normal funcionamento.

NONO

As assembleias gerais serão convocadas por cartas registadas, dirigidas aos sócios com a antecedência mínima de quinze dias, salvo o caso em que a lei exija outra forma de convocação.

Assim o disseram e outorgaram por minuta.

"D.L." 28/5/1987

A propósito da publicação de documentos secretos por revista espanhola

GOVERNO CONFIRMA OPOSIÇÃO AO PROJECTO DE "LIXEIRA" JUNTO DA NOSSA FRONTEIRA

• *Decisão da Comissão das Comunidades deve ser anunciada no Outono*

O Governo português reafirmou ontem a sua oposição total ao projecto de instalação de um laboratório de resíduos nucleares, a que geralmente as populações chamam «lixeira nuclear», junto da fronteira luso–espanhola, mais concretamente na povoação espanhola de Aldeadavila. Um informador governamantal interrogado a propósito da divulgação de correspondência com o Governo espanhol, em que essa posição se tornava evidente, confirmou a posição da parte portuguesa.

Precisando a posição do Governo português, um informador disse à Lusa: «Têm estado a decorrer negociações com as autoridades espanholas, em Madrid, e as autoridades comunitárias, em Bruxelas».

Sobre a fuga de documentos incluídos no dossier da revista espanhola «Interviu», o mesmo porta–voz disse aue «se houve fuga, o Governo lamenta profundamente que tenha acontecido».

Comunidades Europeias darão parecer em Outubro/Novembro

O director–geral de Energia da Comissão das Comunidades Europeias aformou que a decisão sobre o projecto espanhol de instalção de um depósito de resíduos nucleares em Aldeadavila deverá ser tornada pública em Outubro/Novembro do ano corrente.

Vicente Collada sublinhou que «não existe nenhum impedimento legal que impeça a instalação de uma unidade daquele tipo» em zona de fronteira.

«O ideal seria que ambos os países chegassem a acordo», disse, argumentando que a concretização do projecto com base na falta de impedimentos legais não parece politicamente a melhor solução».

Segundo este membro das Comunidades Europeias, que analisa o projecto espanhol no sentido de o subsidiar com cerca de 800 nil contos, por enquanto nada está decidido e só no Outono «a CEE deverá tomar uma decisão».

Caso a CEE aprove o projecto de Investigação de Resíduos Nucleares depositados subterraneamente, neste caso em solos graníticos, o seu arranque deverá fazer–se já em 1988.

Por outro lado, segundo Michel Poniatowsky, presidente da Comissão do Parlamento Europeu, que se encontra de visita a Portugal, «embora o Artigo 37º do Tratado Eurotom não contemple o caso dos depósitos subterrâneos de resíduos nucleares», a situaçãoo deve ser encarada «como o da instalação de uma central nuclear junto à fronteira e que segundo a legislação existente tem de ser negociada entre ambos os países envolvidos».

«Se quisermos ter condições de segurança, temos de caminhar para um controlo internacional do nuclear e este é actualmente o nosso problema», disse Poniatowsky.

«A União Soviética não exclui a hipótese de um controlo internacional do funcionamento das centrais nucleares» o que só se torna mais fifícil dado que além do urânio é também explorado plutónio, para fins militares, o que poderá constituir um óbice a esse controlo», acrescentou.

Sobre a política energética, Poniatowsky entende que a Comissão «respeita a escolha que Portugal fará em 1990, esperando que aundo chegar a hora o nosso país estaja em condições de optar».

«A política a seguir deverá procurar a utilização racional da energia, incluindo as alternativas, sejam a energia solar, eólica ou a biomassa, por forma a garnatir a menor dependência energética do país», sublinhou ainda Poniatowsky.

Protestos dos alunos das escolas de Vila Real

«O Douro quer viver» será o tema de um desfile, integrado nas comeorações do Ano Europeu do Ambiente, que os alunos das escolas de Vila Real farão, em protesto contra o referido projecto espanhol.

A organização da iniciativa pertence à Comissão Concelhia das comemorações por entender que as intenções espanholas põem «em risco a saúde e o bem estar das populações» e ameaçam todo o Nordeste trasmontano e em particular a bacia do rio Douro.

As comemorações do Ano Europeu do Ambiente decorrerão entre 3 e 10 de Junho, em Vila Real, e contarão com a presença de um grupo de pauliteiros de Miranda, simbolizando a área que será mais directamente afectada caso se concretize o projecto do Governo espanhol.

A Assembleia Municipal de Vila Real aprovou entretanto, por unanimidade, uma moção de censura e protesto contra a instalação do laboratório em Aldeadavila, apenas a dez quilómetros de Mogadouro.

POr outro lado, o Sindicato Nacional de Energia (Sindel) manifestou–se contra a concretização do projecto, afirmando que «mandatou o seu secretariado para promover reuniões em Aldeadavila, bem como com a Federação das Indústrias Químicas e Energéticas de Espanha e outras entidades interessadas na construção do laboratório/lixeira a fim de dar conhecimento do seu parecer negativo».

O mesmo sindicato afirma que solicitará igualmente reuniões com entidades governamentais propondo um anexo ao acordo luso–espanhol sobre as instalações nucleares de fronteira, no sentido de serem contempladas as uestões relacionadas com os resíduos radioactivos, por forma a não afectarem a segurança e o meio ambiente de Portugal.

Reuniões com as Câmaras afectadas e com organismos da região de Trás–os–Montes estão também previstas pelo Sindel.

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

BALANÇO EM 31 DE DEZEMBRO DE 1986

CONTAS	ACTIVO BRUTO	PROVISÕES, AMORTIZAÇÕES E MENOS-VALIAS	ACTIVO LÍQUIDO	CONTAS	PASSIVO	
Caixa e Depósitos em Bancos Centrais	10 556 836 661$90		10 556 836 661$90	Depósitos à Ordem	48 295 574 645$10	
Valores a Cobrar	5 662 228 795$70		5 662 228 795$70	Depósitos com Pré-Aviso	20 000$00	
Depósitos e Aplicações noutras Instituições de Crédito no País	3 971 679 661$00		3 971 679 661$00	Depósitos a Prazo	142 787 662 965$90	
Depósitos no Estrangeiro	4 728 517 378$60		4 728 517 378$60	Depósitos de Poupança	8 072 699 231$80	199 155 956 842$80
Notas e Moedas Estrangeiras e Ouro	356 454 642$90		356 454 642$90	Cheques e Ordens a Pagar	1 194 012 653$60	
Crédito Concedido	169 935 896 506$00	4 477 061 670$90	165 458 834 835$10	Empréstimos por Obrigações	4 780 981 870$00	
Acções, Obrigações e Quotas	15 318 326 310$00	7 577 106$00	15 310 749 204$00	Recursos Consignados	12 170 229$30	
Bilhetes do Tesouro	120 700 000$00		120 700 000$00	Outros Recursos	8 950 158 694$20	
Aplicações de Recursos Consignados	5 716 419$40		5 716 419$40	Credores	1 515 366 063$40	
Devedores	8 788 027 337$70		8 788 027 337$70	Contas Diversas	30 950 219 832$30	47 402 909 342$80
Participações Financeiras	270 420 409$60		270 420 409$60	Provisões para Riscos Diversos		1 641 835 910$70
Imóveis	5 485 061 823$20	739 229 697$00	4 745 832 126$20	Capital	3 250 000 000$00	
Equipamento	2 338 952 043$00	1 215 749 810$00	1 123 202 233$00	Reservas	1 036 297 573$00	4 286 297 573$00
Outras Imobilizações	567 398 791$50	181 847 295$00	385 551 496$50	Resultado do Exercício		102 987 448$80
Contas Diversas	31 105 235 916$50		31 105 235 916$50			
Totais	259 211 452 697$00	6 621 465 578$90	252 589 987 118$10	Total		252 589 987 118$10

CONTAS EXTRAPATRIMONIAIS

Valores Recebidos em Depósito	19 717 727 308$10
Valores Recebidos para Cobrança	6 424 314 985$90
Valores Recebidos em Caução	40 881 966 905$70
Garantias e Avales Prestados	11 188 859 063$30
Créditos Abertos	13 306 009 294$20
Valores Dados em Caução	4 625 000 000$00
Obrigações de Caixa Emitidas	2 793 500 000$00
Outras Contas Extrapatrimoniais	35 430 075 121$50

DEMONSTRAÇÃO DE RESULTADOS DO EXERCÍCIO DE 1986

CONTA DE EXPLORAÇÃO

DÉBITO	MONTANTE	CRÉDITO	MONTANTE
Custos de Operações Passivas	32 030 302 080$90	Proveitos de Operações Activas	34 274 318 198$30
Custos com Pessoal:		Proveitos de Serviços Bancários	398 659 253$80
Remunerações dos Órgãos de Gestão e Fiscalização	20 172 024$40	Proveitos de Outras Operações Bancárias	1 606 971 238$00
Remunerações de Empregados	3 034 575 475$40	Rendimento de Títulos de Crédito e de Participações Financeiras	3 008 089 222$30
Encargos Sociais Obrigatórios	685 408 720$40	Outros Proveitos Bancários	281 653 297$20
Outros Custos com o Pessoal	116 593 360$20	Proveitos Inorgânicos	7 594 787$00
Fornecimentos de Terceiros	260 185 020$80		
Serviços de Terceiros	1 547 355 722$20		
Outros Custos Bancários	848 001 968$30		
Impostos	19 604 647$20		
Custos Inorgânicos	7 471 238$00		
Dotações para Amortizações	526 481 935$00		
Dotações para Provisões	403 639 059$00		
Lucro de Exploração	77 494 744$80		
Total	39 577 285 996$60	Total	39 577 285 996$60

CONTA DE LUCROS E PERDAS

DÉBITO	MONTANTE	CRÉDITO	MONTANTE
Perdas Relativas a Exercícios Anteriores	311 541 558$60	Lucro de Exploração	77 494 744$80
Perdas Excepcionais	256 966 955$20	Lucros Relativos a Exercícios Anteriores	131 761 188$90
Resultado do Exercício	102 987 448$80	Lucros Excepcionais	19 866 721$70
		Provisões Utilizadas	442 373 307$20
Total	671 495 962$60	Total	671 495 962$60

O DIRECTOR FINANCEIRO
Manuel Costa Batista

O CONSELHO DE GESTÃO
José Manuel Ferreira Neto — *Presidente*
Joaquim Filipe Marques dos Santos — *Vice-Presidente*

António Carlos de Magalhães Fernandes Tato
José Eduardo Lopes Palma
Jorge Manuel Arriaga da Cunha

Relatório, Balanço e Contas aprovados pelo Senhor Secretário de Estado do Tesouro em 21 de Maio de 1987.

Técnicos debatem tema com apoio da OMS

APENAS DOIS MIL IDOSOS APOIADOS NUM TOTAL DE 245 MIL CARENTES

OS cerca de 245 000 idosos que em Portugal necessitam de apoio domiciliário, apenas 2000 eram assistidos em 1985, segundo dados revelados num seminário para técnicos a decorrer em Lisba. No seminário, que decxorre desde segunda até sexta-feira, participam técnicos e consultores da Organização Mundial de Saúde (OMS) e médicos, enfermeiros, terapêutas e outros técnicos da SAÚDE E Segurança Social ligados aos problemas da terceira idade.

Um elemento da organização disse que é a primeira vez na Europa que a OMS realiza uma iniciativa deste tipo em que participam simultaneamente técnicos da Saúde e da Segurança Social.

O relatório da visita efectuada a Portugal em 1985 por Einer Helander, chefe de reabilitação da OMS, revela que naquele ano apenas receberam cuidados hospitalares 6000 dos 30 400 idosos que deles necessitavam, havia 17 000 pessoas em lares para um total de 24 300 candidatos e os centros de dia abrangiam cerca de 10 000 pessoas num universo de 72 900 que precisariam daquele programa.

Aquele documento, de 1985, recorda que Portugal iniciou um programa de regionalização de cuidados de saúde, prevendo que ira haver uma expansão dasa facilidades hospitalares que responderão às necessidades mais urgentes dos idosos e deficientes.

O documento estima que deveria haver uma ajudante doméstica para cada cinco pessoas idosas que necessitam de apoio domiciliário, estimando que dentro de 10 anos, em 1996, serão necessárias 200 terapeutas supervisoras e mais de 110 000 ajudantes domésticas.

Gostar do campo

Júlio Granjo garantiu gostar cem veze mai do campo do que do ac nhego do abi ete e d plorou que nem t dos os agrónomos de Portugal sintam o mesmo apelo telúr co.

O conhecime t rático adquirido sobre as potencialidades da Qui ta da Capa -Rota levam a afirmar que nela se podem recriar, a ualmente, à volta de 250 novil a até aos seis meses.

Admitiu, porém, que se ef ctivo ecuári não e tá plenamente alcan ado «por se ter malogrado um protocolo d coo era ão com as unidade cooperativas de rodut res de leite de Entre Douro e Mondego .

Está presentemente em estudo outro protocolo, agora com a Direcção-Geral de Pecuária, para recria da vaca «marinha», oriunda da região de Aveiro, e que é uma raça especialmente vocacionada para a produção de carne.

Desta junção de vacas marinhas e holando-portuguesas nas mesmas condições de alimentação ver-se-aó resultado, mas Júlio Granjo antecipa que «vai dar certo».

A alimentação dos bovinos à base de pastagens e forragens, considera aquele agrónomo, é «sadia, equilibrada e económica porquanto consumida no local e na sua fase natural».

O interlocutor da Lusa sublinhou que, na Quinta da Capa-Rota, só muito excepcionalmente é acrescentado à alimentação dos bovinos algum produto concentrado, até pela abundância dos fenos e silagens que nela se recolhem.

Alimento natural

Esta alimentação no terreno e à base dos produtos que dele brotam é, considera Júlio Granjo, «a mais adequada até porque os bovinos são erbívoros e a importação de concentrados custa divisas».

Acentuou, ainda, que os animais em manadio gozam de mais saúde, têm mais longevidade e produzem carne, leitee sucedâneos de muito melhor qualidade.

A Quinta da Capa-Rota foi adquirida em hasta pública, em 1972, pela extinta Federação dos Grémios da Lavoura da Beira Litoral, tendo depois andado de mão em mão devido aos acontecimentos políticos após o 25 de Abril.

Em 9 de Fevereiro de 1981 um despacho governamental fê-la transitar para a posse da Direcção-Regional de Agricultura da Beira Litoral como «propriedade agrícola de demonstração e experimentação para benefício de todos os agricultores da área da ex-Federação dos Grémios da Lavoura».

Júlio Granjo afirmou ter «consciência perfeita de quje esse programa está a ser bem cumprido».

Trabalhada sem fins lucrativos, ela presta e vai ainda multiplicar exemplos que muito interessam aos agricultores desta região e que pretende alargar.

Tripulante ferido na explosão dum iate em S.Pedro de Muel

Um iate que se encontrava ao largo da praia de S. Pedro de Muel explodiu ontem de manhã, afundando-se e provocando um ferido entre os seus dois tripulantes. A Capitania do porto da Nazaré disse que o ferido, Amílcar Vicente Filipe, sofreu queimaduras de segundo grau no rosto e foi transportado ao hospital daquela localidade onde recebeu tratamento.

O acidente com o «Nioneto» verificou-se quandoAmílcar Filipe ligava a ignição para pôr o motor em funcionamento e este explodiu, projectando-o para o mar. O segundo tripulante, que também foi atirado à àgua, foi reclhido, tal como Amílcar Filipe, por uma embarcação de pesca artesanal que os levou até ao «Zebro III», unidade do Instituto de Socorros a Náufragos, que os conduziu à vila.

Matou-se por envenenamento na cadeia das Caldas da Rainha

O Estabelecimento Prisional das Caldas da Rainha registou o 12.º suicídio em cadeias portuguesas desde o Natal do ano passado com a morte, por envenenamento, de Carlos Alberto Gomes, de 42 anos.

Natural de Coimbra, comerciante, que estava a cumprir uma pena de 14 anos por furto qualificado. Detido desde Outubro de 1981 e condenado em Fevereiro de 1985, Carlos Alberto Gomes estivera já detido em 1975/1976 para cumprir uma pena de oito meses.

Ao que afirmou um porta-voz da Direcção-Geral dos Serviços Prisionais «não são conhecidas as razões que expliquem o suicídio, já que o recluso em causa vivia em regime aberto, ia ao quartel buscar o rancho e tinha bom comportamento».

A propósito de declarações sobre ex-comandos africanos da Guiné

Capitão Marcelino da Mata considerado "irresponsável" pelo EME

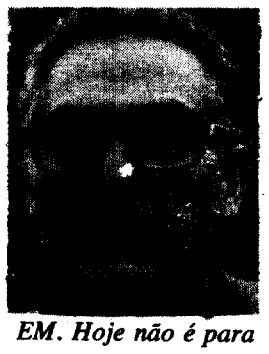
O Estado-Maior do Exército (EME) informou ontem que o antigo oficial do Corpo de Comandos Africanos da Ex-Colónia da Guiné-Bissau, Marcelino da Mata, recebe do Estado português um salário «líquido mensal que excede os 100 000 escudos». O departamento presidido pelo ggeneral Firmino Miguel tornou pública esta informação a propósito das recentes movimentações de ex-militares e ex-colaboradores do Exército português, de origem africana, que, afirma, «dirigidos pelo capitão reformado Marcelino da Mata têm realizado nos últimos empos reivindicações, nomeadamente de natureza social e sanitária».

Segundo o EME, «vivem em Portugal cerca de 150 indivíduos, oriundos do ex-Ultramar, que serviram o País como militares ou colaboradores não militares e que procuram aqui solução para as suas situações de carência sanitária e social ou para outros problemas, incluindo, algumas vezes, os de carácter político», tendo a situação daqueles que se têm apresentado como deficientes das Forças Armadas, sendo portugueses, sido resolvida de acordo com a legislação em vigor, legislação esta que «só é aplicável a indivíduos de nacionalidade portuguesa». Para o EME, aqueles que «tendo obtido a nacionalidade portuguesa, mas não são deficientes das Forças Armadas», não poderão «ter benefícios especiais, dado haver carências no mercado de trabalho nacional».

Referindo-se a declarações proferidas pelo capitão Marcelino da Mata, que ascendeu ao posto de capitão ao serviço de uma estrutura militar chamada «Comandos Africanos», formada na Guiné-Bissau durante a guerra colonial, pelo então governador colonial e comandante-chefe, general António de Spínola, o EME considerou-as «irresponsáveis e totalmente despidas do menor sentido ético-militar». O capitão reformado Marcelino da Mata, especifica o EME, está a receber do Estado português «um valor líquido mensal que excede os 100 000 escudos», salário este que «é francamente superior ao vencimento de um oficial no activo com o posto de capitão».

Marcelino da Mata, que vive em Queluz com a mulher e os seus quinze filhos, é um dos mais condecorados militares do Exército português, tendo recebido inclusive a «Torre Espada».

FUNDO DE ARTIGO



Mário Castrim

BEM. Hoje não é para rir, nem ao menos para sorrir. Nem tem ualquer indirecta política, como às vezes. Hoje vai um bocadinho pró triste. Quem não apreciar o género, fica avisado, mude de página e quant antes porque eu vou entrar a matar: a Amélia morreu. Eu bem lhes dizia...

Aquele era o seu dia de folga. Dormiu até tarde e quando saiu do quarto teve o pressentimento que é a coisa que o pobre tem mais, de que lhe ia acontecer alguma coisa de bom.

Foi ao longo da rua, entrou na avenida e depois, como o centro comercial estivesse mesmo à mão, lembrou-se de dar uma olhadela. Sempre matava o tempo.

Assim fez. Passou, vaarosamente mas longinquamente, por cada vitrina. Deus, havia um vestido de chita que custava oito contos! Estava tudo pela hora da morte, era uma maluqueira pegada.

Quando começou com afrontamentos, achou melhor pegar o fresquinho da rua. Era quase hora do almoço e dirigiu-se para uma daquelas padarias finas, onde se vende toa a espécie de pão e etão abertas ao domingo. Tirou a senha. Compraria duas vianinhas e um queque para comer à tarde, com um chazinho.

Foi quando um senhor que estava à frente dela deixou cair o boné e até o pisou quase. Apressou-se a apanhá-lo e a tocar no braço do sujeito:

— Desculpe, o seu boné.

Ele abriu um sorriso:

— Obrigado, minha senhora. Ora a senhora esteve a incomodar-se...

Minha senhora... *Já no passeio, as palavras soavam-lhe como uma música celestial. Sujeito mais delicado!* **Minha senhora,** *imagine-se! Se ela contasse às colegas da limpeza ninguém ia acreditar. Sentia-se tão leve, tão feliz, que comprou cinquenta gramas de fiambre e meia garrafa de vinho tinto, para o seu almoço. Entretanto, o dia morria. Fez seu chá de erva cidreira e comeu seu queque. Depois deitou-se tão feliz a pensar que se alguma vez tinha de morrer, e tinha, Deus quisesse que fosse numa altura assim. E foi. Não se levantou mais.*

Podem perguntar como sei eu que ela pensava aquilo. Não responderei. Artistas e jornalistas não podem e não devem revelar as suas fontes de informação.

Sessenta moradores sem luz na Guarda

DÉBITOS DO CONSTRUTOR IMPEDEM FORNECIMENTO DE ENERGIA

CERCA de 60 pessoas que vivem em três blocos residenciais da Guarda estão há cerca de uma semana privadas de energia eléctrica, devido a débitos da empresa construtora à Electricidade de Portugal (EDP), informaram na quarta-feira, à Lusa, aqueles moradores.

O corte decidido pela EDP deve-se ao facto de a empresa construtora possuir débitos de aproximadamente 2.400 contos relativos ao fornecimento desde o período da construção.

A alimentação de energia realizava-se através de um contador de obras e respectiva baixada, «o que impedia os moradores, aproximadamente 20 inquilinos, de requisitarem os respectivos contadores.

A empresa construtora solicitou inicialmente o pagamento a cada morador de 22 contos, preço referente ao período de Março a Novembro de 1986, sob pena de ela própria cortar a energia, o que foi recusado pelos moradores.

Estes argumentaram que os construtores «não podem cobrar um serviço que é exclusivo da EDP», tendo exigido que sejam colocadas as instalações próprias para requisição individual de contadores.

Por seu turno, a sociedade construtora, constituída por Manuel Madeira Grilo, Amilcar Dias de Carvalho, Rui Gilzans dos Santos Viana e Armindo Maia Conde, contrapõe que os compradores dos andares e ou os arrrendatários dos mesmos nunca pagaram electricidade.

Os moradores dos blocos culpam também a EDP por esta situação, considerando que a empresa não deveria ter deixado acumular os débitos até ao montante de 2.000 contos.

Por outro lado, denunciaram a existência de «situações de falta de escritura de compra dos andares, apesar de estes terem sido pagos, o que impede a requisição de contadores».

O carácter «provisório» do contador geral que alimenta os blocos residenciais originou já um incêndio, sem consequências graves, que motivou a intervenção dos bombeiros», — referiram.

Por seu lao, a EDP, em reunião mantida com uma delegação de moradores, afirmou não reactivar a ligação enquanto não forem pagos os débitos em atraso.

Eleições no Sindicato dos Professores da Grande Lisboa

Unidade, Determinação e Representatividade é o lema da lista A, candidata ás eleições dos corpos gerentes do Sindicato dos Professores da Grande Lisboa, marcadas para o próximo dia 4.

Aquela lista, que mantém António Teodoro na presidência da Direcção, indica para a presidência da mesa da assembleia geral a vice-reitora da Universidade Clássica de Lisboa, Maria Helena Mira Mateus.

A lista para a mesa da assembleia geral inclui ainda Ana Carita, Augusto Pascoal e Maria Helena Gonçalves, enquanto a direcção tem nas funções de vice-presidente o professor do ensino preparatório Paulo Lucena e inclui, entre outros, os professores Lourdes Fernandes (ensino primário), António Costa (professor associado do Instituto Superior Técnico), Manuel Valério (ensino preparatório), Óscar Soares (ensino secundário) e Vasco Graça (ensino primário).

A lista suplente tem como presidente da assembleia geral Graça Vilhena, e da Direcção, Cândida Calvário.

As mesas de voto funcionarão nas escolas sem curso nocturno das 9 e 30 às 18 horas e nas escolas com curso nocturno, das 9 e 30 às 20 e 30.

I Encontro sobre Educação e Ciências

«Desenvolvimento das capacidades metacognitivas e ensino das ciências» é um dos temas em debate hoje no I Encontro sobre Educação em Ciências, a decorrer na Universidade do Minho.

O tema será abordado por Duarte Costa Pereira, da Universidade do Porto.

O encontro, que começou ontem e terminará no próximo dia 30, é da iniciativa da área de Metodologias de Ensino da Unidade de Ciências da Educação da Universidade do Minho.

Destinada a professores de Física e Química, Biologia e Geologia e Ciências da Natureza de todos os graus de ensino, esta iniciativa tem por objectivo debater as mais diversificadas matérias e os aspectos mais actuais do ensino-aprendizagem das Ciências da Natureza.

RDP em 86: resultado positivo

Por lapso, noticiámos no passado dia 25 que a Rádio Comercial tivera um «resultado positivo». Ora aconteceu que a Rádio Comercial faz parte integrante da RDP-Radiodifusão Portuguesa. EP. Assim sendo, foi a RDP (como esta empresa pública nos faz sentir) «quem registou em 1986 um resultado positivo de 177 mil contos».

Importa também referir que a RDP, EP «vem já obtendo resultados positivos desde 1983, ininterruptamente.»

São presidente do Conselho de Administração e director financeiro, respectivamente, os drs. Brauhlio Barbosa e Pimentel Saraiva.

Concurso de ensaio para jovens

Um concurso de ensaio para jovens entre os 18 e os 29 anos residentes em França, Itália, Portugal e Espanha, foi lançado recentemente no âmbito da Comunidade Europeia.

Intitulado «Europa 18-29», o concurso destina-se a divulgar e valorizar as ideias e pensamentos dos jovens daquele grupo etário residentes nos países da Comunidade Europeia, através da publicação de obras e ensaios.

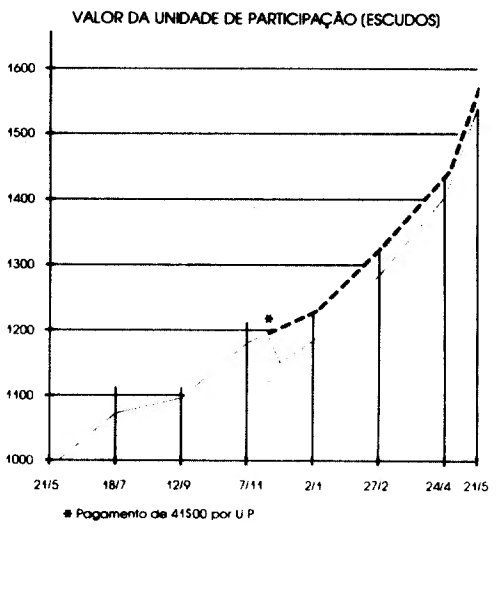
Todavia, a primeira edição é reservada aos jovens dos quatro países referidos.

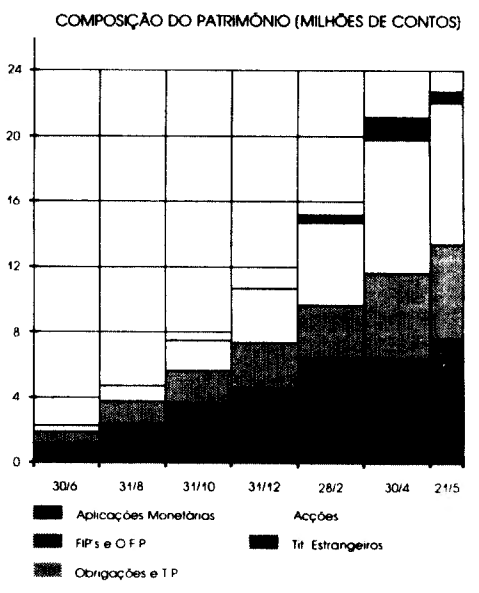
Os interessados deverão enviar duas cópias dactilografadas de uma obra de ensaio inédita, até 30 de Setembro próximo, para «Europa-18-29», Città di Torino, Assessorato alla Gioventú, via Assarotti 2 — 10122 Torino, Itália.

INVEST

FUNDO INVEST

Os Participantes do FUNDO INVEST estão de parabéns!
No termo do 1.º ano de actividade, a valorização do seu capital ultrapassou as melhores expectativas, cifrando-se em 57%





Uma gestão profissionalizada e competente alimentou o crescente interesse e a reforçada confiança dos nossos Investidores.

Aumentámos regularmente o valor das Unidades de Participação e vamos proceder à segunda distribuição de rendimentos, 6 meses após a primeira.

O montante global de rendimento distribuído nos dois semestres de actividade ascende a 1,2 milhões de contos.

Os Certificados INVEST justificam, assim, plenamente a preferência dos investidores nacionais e estrangeiros.

Certificados INVEST, o investimento em segurança.

Congresso em Coimbra inclui documentalistas

Bibliotecários e arquivistas debatem integração na CEE

A política comunitária de informação e a posição de Portugal nesse domínio face à integração europeia começou a ser debatida em Coimbra no Congresso Nacional da Associação de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas (Bad). No encontro, que já é o segundo (o anterior verificou-se há 22 anos, também em Coimbra), e no qual participam cerca de 500 pessoas, tem como tema central «A integração europeia: um desafio à Informação».

O presidente da Associação, Luís Abreu Nunes, salientou na abertura do Congresso «o papel da Informação como factor de desenvolvimento das sociedades, patente nas medidas tomadas a nível internacional, tendentes a dinamizar o chamado mercado da Informação».

As bases nacionais de dados sectoriais e dados bibliográficos, a gestão do património arquivístico nacional, a política de leitura e formação face à evolução da actividade profissional serão os temas principais a analisar durante o Congresso que se prolonga até amanhã.

Exposições documentais sobre a Universidade de Coimbra e a Europa entre 1537 e 1937 e sobre o quinto centenário do primeiro livro impresso em Portugal — eis algumas das actividades em curso no âmbito do Congresso, a decorrer no Auditório da Universidade.

Figuras e factos relevantes sobre o intercâmbio científico-cultural ao longo de quatro séculos entre Coimbra e os países europeus, ilustram a I Mostra Documental, organizada pelo Arquivo da Universidade.

A exposição sobre o quinto centenário do primeiro livro impresso em Portugal, organizada pela Biblioteca da Universidade, destaca algumas dezenas de exemplares dos seus fundos de reservados.

O facto de se repartir pelas pequenas celas das antigas «Prisões Académicas» constitui para Graça Pericão, responsável pela organização, «uma forma de dar a conhecer esse espaço da Biblioteca Joanina.

CARAVANAS, BARCOS, ATRELADOS E TENDAS
NOVOS E USADOS
PROMOÇÃO ATÉ 25 DE JUNHO DE 1987

		Preço Tabela	Promoção
NOVAS			
Caravanas	ANKA 355N	510 000$00	452 000$00
	ANKA 440N	770 000$00	710 000$00
	ANKA 500N	860 000$00	790 000$00
	ANKA 300L	540 000$00	480 000$00
	ANKA 356L	600 000$00	499 000$00
	ANKA 500LB	980 000$00	870 000$00
	ANKA 635	1 260 000$00	1 099 000$00
Caravana	Roller	1 250 000$00	1 100 000$00
USADAS			
	ANKA 500	700 000$00	630 000$00
	ANKA 440	620 000$00	560 000$00
	ANKA 355	430 000$00	390 000$00
	ANKA 9 × 3	1 200 000$00	1 080 000$00
	ANKA 6 × 3	750 000$00	675 000$00

BARCOS

NOVOS

GLASTRON	SSV 173	1 627 500$00
	V 214	3 202 000$00
	RIA 728	5 250 000$00

USADOS

GLASTRON V 194 Motor 190 CV Mercruiser (Completamente novo, com instrumentos, claxon, escada e atrelado)	3 450 000$00
Motor auxiliar 9 CV Mercury	200 000$00
RIAMAR 480 GLS (estado novo) Motor Johnson 90 CV, instrumentos depósito	1 850 000$00

Preços válidos até 25 de Junho de 1987
Exposição permanente: Calçada da Ajuda, 72-B
LISBOA
Telef. 632999 — 640703

ABERTO AOS SÁBADOS E DOMINGOS

ESCOLA DE FORMAÇÃO TEATRAL DO CENTRO CULTURAL DE ÉVORA

CURSO DE ACTORES

Estão abertas as inscrições para o concurso de admissão ao curso de actores.
Podem candidatar-se jovens com idades compreendidas **entre os 18 e os 25 anos.**
Informações na secretaria do Centro Cultural de Évora, Teatro Garcia de Resende – 7000 ÉVORA ou pelos telefones 2 31 12 ou 2 55 33 de Évora

APOIO DO FUNDO SOCIAL EUROPEU

LISBOETAS SÃO FIÉIS À CARNE CONSUMIDA

Os lisboetas mantiveram-se fiéis, durante 1986 e princípios de 1987, ao tipo de carne que consomem, garantem os comerciantes de Lisboa abrangidos por uma amostra considerada significativa pela Direcção-Geral do Comércio Interno.

Segundo o inquérito realizado, o frango foi o tipo de carne mais consumido pelos lisboetas, seguido de perto pelo de carne bovina e, mais distanciado, pelo de suína, com médias diárias por estabelecimento de 67, 55 e 26 quilos, respectivamente.

Os dados foram extraídos de uma amostra de 31 estabelecimentos - quinze talhos independentes, dez de supermercado e seis em mercados municipais - representativa de freguesias com características de consumo diversificadas.

O estudo agora publicado, demonstra que as vendas de carne, no ano passado, sofreram uma baixa progressiva durante os três primeiros trimestres, que foi recuperada no último, particularmente em Novembro e Dezembro, altura em que se registaram os valores mais expressivos.

Os dois meses seguintes, já em 1987, não continuaram essa linha ascendente, um pouco em clima de ressaca das festividades. Janeiro foi um mês de quebra, em qualquer tipo de carne e estabelecimento de venda, embora em Fevereiro se tivesse observado uma melhoria dos valores do consumo de carne suína, precisamente o produto que teve uma evolução de preço menos pronunciada.

Os consumidores lisboetas preferiram adquirir carne nos talhos dos supermercados, locais onde se observaram os maiores índices de médias diárias, bastante distanciados dos outros tipos de estabelecimentos, nomeadamente para compra de carne de frango e suína.

O estudo elaborado conclui que, de um modo geral, existe uma forte correlação entre a procura de carne das espécies bovina e suína e os respectivos preços de venda, o mesmo já não acontecendo com a carne de frango. O consumo deste tipo de carne apresenta-se bastante indiferente a variações no respectivo preço, havendo períodos em que a evolução do preço e dos valores do consumo crescem simultaneamente.

A maioria dos responsáveis pelos estabelecimentos referiu que, entre os motivos conducentes à elevação do preço, estiveram situações de escassez ou excesso da oferta no mercado. No caso de carne de bovino nacional, a tendência para a escassez de oferta vem já assumindo uma natureza estrutural, enquanto no caso do frango e da carne suína as situações de carência ou de abundância sucedem-se periodicamente.

Os comerciantes inquiridos afirmaram que, no ano de 1986, as alterações do preço de carne tiveram repercuções nos índices de venda verificados. Por outro lado, são de opinião que as quantidades vendidas não foram influenciadas pelas condições de abastecimento do mercado ou pelos hábitos alimentares dos lisboetas que a generalidade dos comerciantes consultados concorda em dizer que não se alteraram.

A oscilação dos preços

Os preços, segundo este estudo, mantiveram-se estáveis ao longo do ano, nomeadamente para a carne bovina, tanto de primeira como de segunda sem osso, com variações que oscilaram entre -0,5 e 8,5 por cento relativamente ao preço de Janeiro de 1986.

O mesmo não aconteceu com a carne suína que sofreu um acréscimo acentuado nos meses de Julho e Agosto, calculado entre 20,1 e 26,1 por cento. Oscilações mais atípicas caracterizaram a evolução do preço da carne de frango que teve um máximo nos meses de Abril, Maio e Junho, com variações entre os 22,8 e 28,6 por cento relativamente a Janeiro, mantendo-se em média 10 por cento acima do valor daquele mês durante os respectivos seis meses.

Em Janeiro de 1987, a descida das médias de venda foi sensível, particularmente no caso na suína com um decréscimo da ordem dos 23 por cento, não verificado em Fevereiro, altura em que registou uma recuperação de sete por cento. Relativamente ao mês homólogo do ano passado, o consumo registou um acréscimo de quatro e oito por cento para a carne bovina e de frango, paralelamente também a um aumento de preço de doze e quatro por cento, respectivamente.

No mês de Fevereiro, comparativamente ao homólogo de 1986, o consumo de todas as espécies de carne cresceu significativamente, e em particular da suína e bovina, com acréscimos de 16 por cento para a primeira, 19 e 30 por cento para a carne limpa e costeletas de lombo, respectivamente.

Na quinta da Capa Rota

Estação-piloto de Coimbra engorda vacas leiteiras

ENTRE as muitas centenas de vacas criadas nos últimos seis anos na Quinta da CapaRota, próximo de Coimbra, apenas três foram parar ao matadouro «por se recusarem a ser mães» — no dizer do gestor dessa exploração- piloto do Ministério da Agricultura e Pescas.

O engenheiro agrónomo Júlio Granjo disse à Lusa tr apostado na recria da raça leiteira «holando-portuguesa» e que não há novilhas que cheguem para as encomendas dos agricultores da região.

Os alunos finalistas do Instituto Superior de Agronomia, Escola de Medicina Veterinária e escols superiores agrárias de Coimbra e Santarém contraíram o costume de não entrarem na vida prática sem prévia visita a essa estação- piloto.

Mas também grupos de agricultores nacionais e estrangeiros e até de turistas transformaram em «Meca» a Quinta da Capa-Rota.

O que assim faz movimentar tanta gente é a exemplaridade da exploração dessa área de 114 hectares de pasto e floresta ao serviço dos bovinos.

Muitos espaços da zona do Baixo Mondego oferecem boas condições para a cultura de pastagens e forragens adequadas a essa espécie de gado e tais condições foram ainda requintadas na quinta em referência.

Mesmo com parcos fundos de maneio e com a simples mobilização de uma dúzia de trabalhadores a Quinta da Capa-Rota dá nas vistas a quem transita na estrada entre Soure e Gesteira até por uma boa parte dela confinar com o idílico rio Arunca.

Está já em funcionamento nos concelhos de Salvaterra de Magos, Mafra e Alcácer do Sal e nalgumas freguesias de Lisboa, com apoio da Organização Mundial de Saúde, um projecto-piloto de reabilitação e prestação de cuidados da comunidade a idosos, na sua própria casa.

Articulação a nível local

O projecto visa a articulação com os serviços e instituições locais para responder de forma integrada às situações encontradas.

No âmbito desse projecto foi lançado um inquérito à população com mais de 60 anos visando conhecer as condições de habitação, a utilização dos serviços de saúde, o nível de dependência, a situação económica e ocupação.

Um estudo actual da Direcção-Geral dos Cuidados de Saúde Primário estima que em Portugal havia no final de 1985 cerca de 1,234 milhões de pessoas com 65 ou mais ans, o que representa 12,1 por cento da população total.

O estudo revela que a população portuguesa está a envelhecer, já que os menores de 15 anos diminuíram de 27,9 por cento da população em 1975 para 25,5 por cento em 1981 e 23,3 por cento em 1985, enquanto os idosos aumentaram de 9,9 por cento para 11,5 por cento e 12,1 por cento nos mesmos anos.

O distrito com maior percentagem de jovens de menos de 15 anos é o de Braga, com 32,1 por cento, que tem também a mais baixa taxa de idosos (8,8 por cento), enquanto Portalegre tem a máxima percentagem de idosos (19,1 por cento) e a mais pequena de menores de 15 anos (19,6 por cento).

Lisboa com 327 300 e Porto com 147 600 são os distritos que em 1985 tinham maior número de idosos embora as suas taxas (11,2 e 9,0 por cento, respectivamente) se situem entre as mais baixas.

O presidente da Câmara Municipal de Nelas, eng. Lopes Almeida, durante a conferência de Imprensa, ladeado à sua direita por dois vereadores, e, à esquerda, por dois representantes dos trabalhadores da empresa

Em causa a economia de todo o concelho de Nelas

IRMÃO DE MIGUEL CADILHE ESTÁ A CONTRIBUIR PARA O ESTRANGULAMENTO DOS "FORNOS ELÉCTRICOS"

Manuel Geraldo

MANUEL CADILHE, irmão do ministro das Finanças e administrador judicial nomeado pelo Governo, foi acusado de estar a contribuir para o estgrangulamento da Companhia Portuguesa de Fornos Eléctricos (CPFE), sediada em Canas de Senhorim, no distrito de Viseu, durante uma conferência de Imprensa ontem à tarde realizada na Casa das Beiras, em Lisboa, em que estiveram presentes o presidente da Câmara de Nelas, eng. José Lopes de Almeida (PSD), acompanhado de dois vereadores e de representantes dos 2000 trabalhadores dependentes da empresa.

A decisão da EDP (Electricidade de Portugal — EP), na qualidade de fornecedora e principal credora, deixar de fornecer energia aos Fornos Eléctricos levou à sua paralisação em 5 de Novembro de 1986, data a partir da qual os trabalhadores passaram a sobreviver exclusivamente à custa da venda dos «stoks» existentes, mantendo assim uma situação que os mesmos consideraram insustentável para além dos próximos dois meses, se entretanto não forem tomadas medidas que conduzam a empresa a retomar a sua actividade.

«Passados que são quase sete meses do corte de fornecimento de energia determinado pela EDP — ao que afirmaram — e de mais de cinco meses de um despacho de viabilização da empresa, que coincidiu com a nomeação pelo Governo do dr. Manuel Cadilhe como administrador judicial, persiste-se na inactividade da CPFE, retardam-se soluções, inviabilizam-se hipóteses de acordo, comprometendo-se gravemente o seu futuro, bem assim como o próprio desenvolvimento económico e social de toda uma região».

Registe-se que à CPFE, a requerimento dos principais credores (EDP, BPA e Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa), foi aplicado o Decreto-Lei N.º 117/86, de 1 de Junho, no pressuposto da sua recuperação, tendo-se tais entidades, secundadas por vozes autorizadas do Governo, comprometido a viabilizar a empresa, de forma a evitar uma verdadeira agressão ao equilíbrio social do concelho de Nelas, onde se integra.

Tendo neste momento um passivo de 16 milhõesde contos, a CPFE, que facturava cerca de quatro milhões de contos por ano, sendo 80 por cento produto de materiais para exportação, chegou à presente situação, ao que denunciam os trabalhadores, devido «a dificuldades de mercado, no início da década, e a uma gestão menos clara».

Segundo afirmou Carlos da Mota Veiga, dirigente sindical e presidente da Junta de Freguesia de Canas de Senhorim, «não foram as reivindicações dos trabalhadores que levaram a empresa à situação actual, pois nos últimos anos têm-se limitado exclusivamente à contratação colectiva, com os custos do pessoal e baixarem de 12,5 por cento, em 1981, e de oito por cento em 1985».

A «nebulosidade» do Governo

Com 70 anos de existência a CPFE é uma empresa que se integra no subsector nacional de electrometalurgia de silício, um material de grande valor, fundamentalmente utilizado nas indústrias do aço e do alumínio e na indústria química e da electrónica e cuja matéria fundamental é o quartzo de que Portugal possui grandes quantidades de boa qualidade e cujo aproveitamento só poderá ser utilizado na indústria do silício.

Para além da indústria do silício, essencialmente virada para a exportação, surgem com interesse vital na estrutura industrial do nosso País, os fabricos da gusa, carboneto e cianamida cálcica, dos quais a CPFE é a única produtora a nível nacional, pelo que a sua paralisação já levou à suspensão da actividade em várias outras unidades, com destaque para a Ferominas, em Setúbal.

Referindo-se ao facto do Ministério da Indústria já haver dado «luz verde» para a formação de uma nova empresa no ramo, a «Euroligas», resultante da fusão da CPFE, da Milnorte (Régua e Minas de Campeã) e Vicominas (Vila Real), Carlos da Mota Veiga acusou o Governo de «grande nebulosidade, com aspectos extremamente curiosos e estranhos em todo este processo».

Para o presidente da Câmara de Nelas, o encerramento da CPFE iria agravar de forma dramática os desequilíbrios no concelho, com 15 mil habitantes, onde a edilidde é a terceira entidade empregadora, afectando de forma irremediável o comércio e a indústria da região».

Em suma: será que o Governo se apresta para provocar em Nelas mais um drama sociolboral idêntico aos que já gerou no distrito de Setúbal e na zona da Reforma Agrária?...

Dizem Lucas Pires e Medeiros Ferreira

Portugal não está a preparar-se para o mercado interno europeu

O deputado europeu Lucas Pires alertou ontem em Bruxelas contra eventuais «euforias com súbitas transferências financeiras decorrentes da adesão», as quais, à semelhança do que aconteceu com outros países comunitários, podem gerar expectativas posteriormente defraudadas.

«A nossa conta à ordem aumentou, mas a nossa conta a prazo é duvidosa do ponto de vista dos seus efeitos económicos», afirmou aquele deputado, que participava com Medeiros Ferreira num debate sobre o balanço da adesão de Portugal às Comunidades.

O debate realizou-se na Livraria Portuguesa Orpheu, a única do género existente em Bruxelas.

Os dois deputados criticaram o que consideram a única preocupação do Governo português: a apresentação do balanço financeiro da adesão, francamente favorável a Portugal no primeiro ano — 30,4 milhões de contos.

Ao contrário, disseram, Portugal não está a preparar-se para o salto que é o mercado interno europeu, cujo saldo é medido muito mais em função da competitividade económica que do ponto de vista financeiro.

Medeiros Ferreira recusou, ainda, «a aceleração da Europa política», considerando que «Portugal não tem muito a ganhar, nesta fase, com a diminuição do estatuto do Estado».

«Precisamos de defesas de qualidade e uma delas é o Estado», justificou, apesar de admitir que, nesta matéria, está «contra a corrente dos deputados europeus».

COTAÇÕES CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por Unidade) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	41$85	47$85
ALEMANHA FED. (marco)	76$95	78$15
ÁUSTRIA (xelim)	10$90	11$10
BÉLGICA (franco)	3$509	3$759
BRASIL (cruzado)	3$000	5$500
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	104$05	106$55
(notas de 5 a 1000)	104$55	107$05
DINAMARCA (coroa)	20$45	20$85
ESPANHA (peseta)	1$074	1$194
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	140$40	143$90
(notas de 5 a 1000)	140$90	144$40
FINLÂNDIA (marka)	31$70	32$30
FRANÇA (franco)	23$10	23$80
HOLANDA (florim)	68$35	69$45
IRLANDA (libra)	206$90	210$90
ITÁLIA (lira)	$097	$112
JAPÃO (iene)	$935	$990
NORUEGA (coroa)	20$80	21$30
REINO UNIDO (libra)	227$30	231$80
SUÉCIA (coroa)	22$05	22$55
SUÍÇA (franco)	93$00	94$50
VENEZUELA (bolívar)	4$40	5$40

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

O lider do Partido Social-Democrata britânico. David Owen, discursa para a comunidade sikh. Em Londres foi, entretanto, divulagdo que os três maiores partidso concorrentes às eelições de 11 de Junho apresentaram um número recorde de mulheres candidatas ao Parlamento

A Organização Mundial de Saúde (OMS) iniciou uma campanha mundial de informação pública sob o lema «Sida, um esforço mundial o vencerá» e apresentou o símbolo da doença - dois corações unidos por uma caveira. A campanha tem por objectivo informar internacionalmente as pessoas acerca do perigo da doença. Os dois corações simbolizam o amor ou o sexo, a cor vermelha dos mesmos o sangue transmissor do vírus e a caveira o perigo reconhecido internacionalmente. A estratégia da OMS na luta contra o vírus consiste na prevenção da sua propagação, atacando todas as forças de transmissão da doença em todos os países e utrilizando todos os meios científicos de educação disponíveis.

Chegada de Sabina Zlatin ao Tribunal de Lyon, onde recordou como 44 crianças foram brutalmente arrastadas para um camião com destino às camaras de gás de Auschwitz por ordem de Klaus Barbie . Sabina foi a úncia sobrevivente da tragédia de Izieu

Mitterrand não negoceia com "terroristas"

O Presidente François Miterrand afirmou durante uma visita oficial ao Canadá que a França nunca se comprometerá com terroristas, apesar das recentes ameaças de um desses grupos. «Primeiro que tudo temos de estar prevenidos contra este tipo de perigo e devemos continuar a lutar contra o terrorismo», disse o Presidente francês numa conferência de Imprensa. «Não pode haver compromisso possível com os terroristas». Os guerrilheiros que se responsabilizaram pelos ataques bombistas que abalaram Paris no ano passado, provocando a morte de 13 pessoas e ferindo mais de 250, renovaram esta semana as suas ameaças, afirmando que a capital francesa iria ter «um Verão quente». Membros do Governo canadiano afirmaram que a visita de Miterrand virou uma página na história das relações entre Otava e Paris.

Filipinas: não há "provas" de fraude

O Supremo Tribunal filipino rejeitou uma petição para anular as recentes elcições para o Congresso, afirmando que a oposição não apresentou provas suficientes de fraude generalizada. A aliança liderada pelo antigo ministro da Defesa, Juan Ponce Enrille, apelou ao tribunal para que declarasse nulas as eleições de 11 de Maio por alegadas fraudes eleitorais generalizadas. O partido da Presidente Corazon Aquino venceu por margem esmagadora. Segundo os resultados oficiais, em mais de 70 por cento dos círculos oficiais, a coligação de «Poder Popular» da Presidente terá obtido 22 dos 24 lugares do Senado e mais de 140 mandatos na Câmara de Representantes de 200 membros. O tribunal afirmou que não havia provas suficientes de uma fraude nacional para justificar a sua intervenção, acrescentando que a anulação das cleições significaria «criar um vácuo», ao adiar a convocação da Câmara e do Senado, em fins de Julho.

Nova força de oposição na Coreia do Sul

Membros da oposição, dissidentes, grupos religiosos e defensores dos direitos humanos criaram um novo movimento de oposição contra o Governo sul-coreano, em plena crise política provocada pela morte de um estudante numa sessão de tortura. A criação do «movimento nacional para uma Constituição democrática», do qual fazem parte dois dos mais destacados inimigos do regime do Presidente Chun du Huan, foi anunciada numa igreja de Seul. Num comunicado assinado por mais de 2.000 personalidades vindas dos mais diversos quadrantes políticos, este movimento manifestou a intenção de levar a sua luta para a rua, a fim de obrigar o Presidente sul-coreano a permitir uma revisão constitucional. Entretanto, cerca de 7.000 sul-coreanos, na sua maioria estudantes, manifestaram-se pelas ruas de Seul, protestando contra a tortura de dissidentes políticos, tendo sido reprimidos pela Polícia.

Argentina: militares expulsos

Os cinco membros das «juntas militares» que governaram a Argentina entre 1976 e 1982 foram expulsos das Forças Armadas, confirmou o porta-voz do Ministério argentino da Defesa. A medida abrangeu os ex-Presidentes Jorge Videla e Roberto Viola, os almirantes Eduardo Massera e Armando Lambruschini e o brigadeiro da Força Aérea Orlando Agosti. A expulsão dos ex-comandantes do último regime militar argentino foi ratificada pelo Presidente Alfonsin, em decreto assinado a 13 de Maio, mas só ontem ficou cxoncluído o processo administrativo para a sua implementação, disse o porta-voz da Defesa. Os generais Videla e Viola e o almirante Lambruschini foram notificados da sanção na prisão de Magdalena, 80 quilómteros a Sul de Buenos Aires, onde cumprem pesadas penas pela sua responsabilidade em violações aos direitos humanos cometidas durante a ditadura militar.

Frost diz que não está em "perigo"

EMBAIXADOR DA DINAMARCA NO MÉXICO SEQUESTRADO POR CAMPONESES ZAPATISTAS

O embaixador da Dinamarca no México e o pessoal da Embaixada continuavam ao fim da manhã sequestrados por um grupo de camponeses radicais de esquerda, seguidores do herói Emiliano Zapata, que na terça-feira à noite ocuparam as instalações diplomáticas, na Cidade do México, ameaçando incendiá-las.

O grupo, aparentemente constituído por quatro elementos, entrou na na Embaixada, situada numa zona residencial da capital mexicana, trancou as portas e apresentou uma série de reivindicações relacionadas com maus tratos inglingidos pelas autoridades aos camponeses.

Uma força especial da Polícia mexicana mantém-se nas imediações da Embaixada, mas o grupo já fez saber que prefere imolar-se pelo fogo e incendiar a missão diplomática do que entregar-se às autoridades.

O embaixador, Torben Frost, considerado um dos diplomatas mais experientes na Cidade do México, disse telefonicamente que não se sentia em perigo.

«Acho que não há motivos para preocupações, masa prefiro não fazer comentários neste momento», disse Frost, dando a entender que o grupo estava a escutar.

Os elementos da Polícia que estão dispersos em redor da Embaixada seguem as sugestões do embaixador de não intervir.

Elementos do mesmo grupo ocuparam também na terça-feira as embaixadas de França e Itália, mas sairam pacificamente ao cabo de 20 minutos.

Os grupos camponeses zapatistas afirmam que a terra prometida aos camponeses - na Constituição de há 70 anos pela qual combateu Zapata - nunca foi entregue e que, por isso, a revolução não está ainda completa.

Irlanda aprova Acto Único

A Irlanda aprovou ontem, por uma maioria de 70,2 por cento, o Acto Único Europeu, o que deverá permitir a sua entrada em vigor no próximo dia 1 de Julho. No entanto, a abstenção foi grande- 44 por cento dos eleitores não votaram.

A Irlanda, que devido a uma decisão do seu supremo Tribunal de Justiça- declarando incompatível o Acto Único com o princípio constitucional irlandês de neutralidade em matéria de política externa- era o único país da CEE que ainda não tinha ratificado o Acto, provocando um atraso da entrada em vigor do documento, inicialmente prevista para o passado dia 1 de Janeiro.

Num comentário distribuido em Bruxelas, o presidente da Comissão Europeia, Jacques Delors, declarou que a instituição a que preside se «encontra muito satisfeita» com o resultado do referendo na Irlanda. Delors conclui, afirmando que chegou a altura de concretizar o Acto Único e os seus objectivos fundamentais ou seja, «o relançamento da economia europeia graças à concretização do grande mercado sem fronterias até 1992».

Pacto de Varsóvia vai responder à NATO

Funcionário soviético condena aumento de despesas com armas convencionais

Um funcionário superior do Partido Comunista soviético condenou ontem a decisão dos ministros da Defesa da NATO, reunidos em Bruxelas, de aumentar as despesas com armas convencionais. Numa conferência de imprensa en Berlim- na véspera de uma reunião do Pacto de Varsóvia - Albert Vlassov, vice-presidente do Departamento de Propaganda do Comité Central do Partido Comunista da União Soviética, disse que a Europa atravessa um período crítico.

Vlassov, referindo-se à decisão da NATO, considerou que «todo o movimento à retaguarda, seja no campo das armas nucleares ou das convencionais, agrava a situação».

Os ministros da Defesa da Aliança Atlântica conmprometeram-se ontem em aumentar os gastos com armamento cinvencional em três por cento ao ano, para tentar ultrapassar o que consideram ser a superioridade do Pacto de Varsóvia.

Esta questão deverá ser, aliás, um dos principais temas da reunião de dois dias do Comité Político consultivo do Pacto de Varsóvia que hoje começou em Berlim. A capital da RDA chegou já Mikhail Gorbachev, que chefia a delegação soviética presente no encontro. Da delegação fazem também parte o presidente Andrei Gromyko, o primeiro-ministro Nikolai Ryzhkov, o ministro dos Negócios Estrangeiros, Eduard Shevardnadze e o ministro da Defesa, Sergei Sokolov.

Maior apoio a Portugal

A decisão dos ministros da Defesa da Nato é justificada num comunicado final distribuido após a reunião de Bruxelas e no qual se afirma que as reduções pelas superpotências das armas nucleares aumentaria a importância da «eliminação das disparidades convencionais» entre o Ocidente e o Leste.

Os ministros da Aliança lançaram um apelo à «solidariedade» da organização por forma a obter-se uma «repartição mais justa dos riscos e dos encargos da defesa». Nesse sentido, sublinharam a «necessidade de atribuir uma ajuda maior a Portugal, à Grécia, e à Turquia, para que estes países possam reforçar os respectivos sistemas de defesa clássica».

Entretanto, em Oslo, Noruega, o negociador-chefe soviético para o armamento químico disse que aceitou, em princípio, a chamada vistoria «com curto aviso» de locais de produção ou armazenamento de armas químicas, numa aparente mudança da posição soviética nesta área. Yuri Nazarkin, que participa num simpósio internacional sobre armamento químico, tinha antes rejeitado as vistorias rápidas, alegando que poderiam ser usadas para fins de espionagem.

África do Sul

COOPERAÇÃO COM ISRAEL AMEAÇA A PAZ

A crescente cooperação entre Israel e a África do Sul constitui uma «gravíssima ameaça para a paz e a segurança», declarou Denis Goldberg, dirigente do movimento clandestino sul-africano, Congresso Nacional Africano (ANC). Goldberg interveio num seminário internacional sobre a colaboração entre Israel e a África do Sul, convocado pela Organização de Solidariedade com os Povos Afro-Asiáticos (AAPSO), que se realizou no fim-de-seman em Espoo, próximo de Helsínquia.

Em declarações à IPS, Goldberg disse que a ameaça para a paz provocada pela aliança entre Israel e a África do Sul se deve ao facto de se tratar de dois países agressores.

«São uma ameaça para a paz pela simples razão de que ambos se arrogam o direito de atacar qualquer país das suas respectivas regiões», disse.

Goldberg destacou o facto de os dois países estarem em guerra contra as nações vizinhas: a África do Sul contra países da África do Sul, Israel com algumas nações árabes do Médio Oriente.

O dirigente do ANC advertiu que «existe um verdadeiro perigo de que esses conflitos possam provocar uma guerra nuclear que envolva todos os países do mundo».

Potências nucleares

Segundo Goldberg, a ameaça é ainda mais grave porque ambos os países representam actualmente potências nucleares.

No caso da África do Sul, citou a explosão registada próximo da costa desse país em 1979, que fontes de inteligência afirmaram ter sido causada por um engenho nuclear que a África do Sul fez explodir.

A África do Sul, segundo se comenta, leva a cabo em segredo as experiências nucleares.

Denis Goldberg é o único membro branco do ANC a ter sido detido, julgado e preso em 1963 juntamente com Nelson Mandela, o líder negro do movimento que ainda se encontra preso.

Goldberg foi libertado em princípios de 1985 e agora opera permanentemente no ANC em Londres.

«A África do Sul», afirmou, «fornece aço, urânio, carvão e especialmente meios financeiros à indústria de armamentos israelita, obtendo em troca apoio diplomático e também tecnológico em matéria nuclear».

«Não é surpreendente, pois, que os dois países usem o mesmo tipo de armas», disse Goldberg, citando o exemplo do míssil israelita, «Gabriel», idêntico ao míssil sul-africano «Skorpion».

Goldberg acusou o governo dos Estados Unidos de incentivar essa cooperação, afirmando que «a colaboração entre Israel e a África do Sul é apoiada pelos Estados Unidos de acordo com uma decisão precisa da sua política externa».

O funcionário do ANC afirmou que quando o Congresso norte-americano não permite que o governo negoceie directamente com alguns governos, utiliza Israel para que actue em seu lugar.

Citou o caso recente da venda de armas norte-americanas ao Irão e aos «contras» que combate o governo de Manágua, operação levada a cabo por Israel.

«A colaboração constitui um triângulo em cujo vértice se encontram os Estados Unidos», afirmou Goldberg.

Jane Hunter, jornalista da revista «Assuntos Exteriores de Israel», editada nos Estados Unidos, declarou no seminário que sabe-se que Israel e a África do Sul constituem empresas em conjunto, no sector privado e público.

A jornalista referiu-se em particular à «Iksoor», uma sociedade constituída conjuntamente pela empresa nacional de aço da África do Sul e uma federação do trabalho de Israel.

A «Iskoor», disse Hunter, «produz objectos que servem de adorno aos veículos militares de ambos os países».

A jornalista disse anda que a cooperação económica com Israel serve também à África do Sul para ultrapassar, pelo menos em parte, os efeitos do boicote internacional aplicado contra os seus produtos.

Sanções

Segundo explicou a jornalista «várias empresas privadas foram constituídas expressamente para introduzir nos mercados ocidentais os produtos sul-africanos proibidos».

Desta forma, declarou Hunter, produtos sul-africanos entram nos países ocidentais, nomeadamente na Comunidade Económica Europeia (CEE), como se procedessem de Israel, que goza de uma situação privilegiada na CEE.

O seminário, que durou três dias, concluiu ontem os seus trabalhos com um pedido da AAPSO dirigido a todos os governos ocidentais para que imponham sanções contra o governo segregacionista da África do Sul.

Fundada em 1958, a AAPSO é uma organização internacional não governamental com a sua sede principal no Cairo. Os seus membros são entidades de solidariedade que se encontram em mais de 90 países da África, Ásia, Europa e América do Norte.

O primeiro seminário internacional sobre a colaboração entre a África do Sul e Israel foi realizado em Viena em 1983.

Entretanto, o governo finlandês apresentou um projecto de lei para interromper as relações comerciais com a África do Sul, que se for aprovado, entrará em vigor a partir de Julho.

A Finlândia segue assim o exemplo dos outros países escandinavos. A Noruega e a Dinamarca já interromperam todas as relações comerciais com a África do Sul, ao passo que a Suécia decidiu também recentemente que vai adoptar posição semelhante.

"Dragões" são campeões europeus

PORTO: O FUTEBOL A SEUS PÉS

Neves de Sousa
nosso enviado especial

Há anos, quando o colega francês Gabriel Hanot, num momento de inspiração e de alguma transpiração, inventou a Taça dos Clubes Campeões Europeus e da primitiva ideia de a promover através do «L'Equipe» passou o testemunho para a UEFA, estava bem longe de imaginar que, ontem, do «Prater» para todo o mundo, o fascinante espectáculo dado pelos portistas na réplica ao famoso Bayern seria transmitido para 69 países (Eurovisão, Intervisão, Américas do Norte e do Sul, Austrália, África, Ásia e Estados do Golfo), rendendo caixotes de milhares de contos a quem superintende no futebol europeu e às duas formações que chocaram no deslumbrante, fascnante, arrasante e maravilhoso estádio vienense.

Sabe-se qe estavam em jogo quantias fabulosas: um dos futebolistas do «dragão» dizia-me esta madrugada, quando o nosso avião se preparava para poisar nas Pedras Rubras, que com o dinheirinho do prémio vai comrar um andar na Foz do Douro. E ainda não estava no monte a catadupa de promessas particulares; desde barras de ouro a férias em estâncis de luxo. Mas, com toda a certeza o juramos, nem um só dos «dragões» pensava na meta-dinheiro quando, numa reviravolta sensacional, só possível por equipas de gabarito mundial, passou daquele aglutinante e terrível 0-1 para a decisiva situação de vantagem, com os golos de Madjer e Juary que levantaram 700 milhões de espectadores, o nunca mais esquecido raide do menino Paulo utre (que, por um pequeno triz, não redundava num dos mais belos disparos fatídicos de toda a moderna história do jogo-rei), com a impressionante calma de Celso, a atenção sublime de Mlynarczyk, aquela esmagadora demonstração de apego à luta que Sousa fez brotar de sob a pele nos derradeiro 45 minutos ou com a tarefa demolidora e causticante assinada pelo grande profissional que é André, na cilindragem dos germânicos em todas as áreas de operação guerreira.

Claro: seria chover no molhado começar aqui a lembrar o que foi a loucura vivida por todos nós (os portugueses) numa terra que, sendo estranha, ontem vestiu completamente um manto de apreço e respeito pelos «dragões» das Antas. Uma coisa que (desculpem a fraqueza) arrancou lágrimas nos olhos a muita gente de barba rija e da mais sólida formação mental. E, se também perdoam a lembrança, pela minha frente já desfilou toda a gama emocional possível e imaginária. Mas (que é que querem?) um sujeito, mais dia menos dia, vai-se abaixo das canetas e ergue ao ar o mais incontido grito de alegria. E foi o que aconteceu.

Adiante. Sabe-se (toda a gente logo notou isso) que o brilho da glória portista contribuiu para que seis clubes portugueses alinhem na próxima temporada uefeira, aconteça o que suceder até ao fim desta época: Porto e Benfica na Taça dos Clubes Campeões Europeus, Sporting na Taça dos Vencedores das Taças, Guimarães, Belenenses e Chaves na Taça UEFA. Quer dizer: jogando a longa distância, rstelianos e flavienses saltavam a

O «menino de ouro» troca os olhos a Nachtweig

muralha pelo impulso portista e ajudavam a Federação da Praça da Alegria a distribuir os dois pontos equacionados em Mapuata a quem melhor os merecer. Para além disso, o sucesso dos donos das Antas valeu ouro fino para muitos e muitos milhões: todos os que estão envolvidos no maior negócio deste nosso mundo.

Para o Porto, os convites para participar em exibições particulares vão cair em torrente: não foi impunemente que se disparou para a eternidade um «show» que, nos três quartos de hora que aceleravam ou travavam a caminho do último apito de um bom e amigalhaço árbitro belga, levaram as cinco partidas do universo a tomar conhecimento renovado de que existe (afinal) um futebol português bem diferente (graças a Deus!) daquilo que ultimamente foi apresentado em palco por uma denominada «selecção nacional».

Embrulhe-se isso e deite-se também para muito longe o facto dos tentos portugueses no Prater terem sido culminados por voto estrangeiro, da defesa estar chefiada também por duas vedetas não portuguesas: as faltas de Gomes e Lima Pereira impediram que, ao lote de maravilhosos solistas já mencionados, se aderissem mais figuras desta minha terra. Todavia, as que lá estiveram, chegaram e sobraram. Como se viu.

Certamente que o meu companheiro de leitura não estará minimamente interessado em que comente (ou relembre) aqui o que se passou no celestial relvado vienense, em termos técnicos e tácticos, recordar a maravilha ou fazer novamente aflorar o que foi o nosso comum sofrimento durante muitas voltas do tartaruguento ponteiro que não andava nem desandava. Tudo isso fica para as Calendas gregas: o que mais importa, aqui e agora, é conduzir o amigo que faz o favor de estar a nosso lado até ao plano da mais admirativa contemplação para um feito que faz retornar todo o desporto lusitano a credencial antiga, de quando nos enchia de júbilo o mesmo senhor Eusébio da Silva Ferreira que ontem remeteu para Viena, aos seus descendentes na opulência das quatro linhas, um telegrama que foi mais um pretexto para toda a comitiva incentivar os portistas para a glória maior.

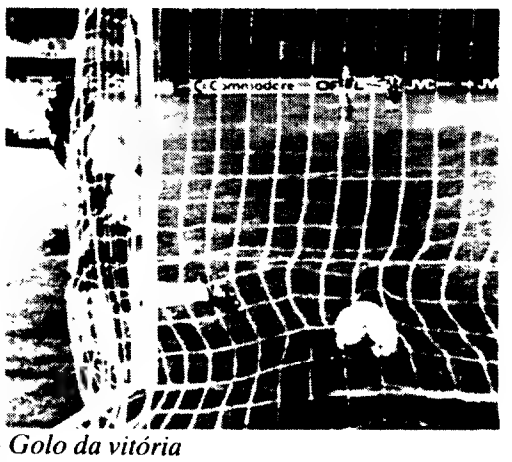
Foram muitos milhares os que, talvez com sacrifício de outros prazeres ou do estiraçar da sua bolsa, foram até à beira do Danúbio, motivados pela paixão que nutrem pelo símbolo do dragão.

Mas, há também os aderentes do espectáculo que, embora presos a outro emblema, não desperdiçaram de acompanhar os portistas na transposição do portal da fama e da fortuna: por exemplo os esposos Centeno, um par de bons amigos que se privou depassar em Portugal o dia dos anos do casal dos seus gémeos, chorava e ria quando se concluiu o rodar da girândola e (todavia) estavam ali cidadãos de coração ligado ao Benfica e ao Belenenses. Como também se viu o Carlos Almeida (de S. João da Madeira) primo do dirigente portista Luis César, amparar o familiar que estava fisicamente reduzido a fanicos depois do «maior susto que passara na vida».

Essa foi a maior vitória do clube dirigido por Jorge Nuno Pinto da Costa e chefiado tecnicamente, em termos de futebol, pelo Artur Jorge a quem também referencio de chapéu na mão, como o maior e melhor continuador da obra do meu muito

Final do jogo, começo da euforia

Foi assim com um toque «à Socrates» que Madjer fez o 1.º golo portista



Golo da vitória

saudoso companheiro e amigo José Maria Pedroto. Isso mesmo: uma súbita união de todos os portugueses, afirmada através de mensagens ou testemunhos vivos, como não me recorda de há muitos anos a esta parte.

Não quero maçá-los. Estamos todos arrasados. Mas, bem para nós, acham ou não que valeu a pena percorrer uma enorme estrada, esperar serena e cautelosamente o trilho final da longa espera, o fim da travessia no deserto? Claro: na hora de não ter palavras, saudemos um Futebol Clube do Porto que conseguiu, mais que os discursos de milhares de políticos, encaminhar hoje para Portugal o olhar dos mais recônditos cantinhos deste nosso globo. E é por isso que, por delegação de mim próprio, assino e confirmo: Obrigado, Porto!

A ESCOLHA DAS ESTRELAS
ALL STAR CONVERSE

HORA DE JÚBILO PARA O DESPORTO PORTUGUÊS

A história de um dia inesquecível para o desporto português aconteceu em várias frentes, em muitas vertentes que se encaminhavam para a capital das valsas e dos bosques verdes. Estava a tarde a meio e Viena via a falange de apoio portista, aqui e além matizada pelo desaguar de apaixonados germânicos que estavam perfeitamente confiantes de que não haveria qualquer estorvo à confirmação do favoritismo dado pela maioria da crónica especializada aos alemães do Bayern. Só que, tal como muitos anos antes aconteceu em Berna, o pigmeu nocauteou o poderoso gigante.

De tarde, horas de esperanças, mas também de muitos nervos, chegavam a Viena telegramas às dezenas. E notícias de mais incentivos, d prémios particulares que poderiam fazer entrar em turbilhão as cabeças mais serenas. Só que nem Artur Jorge nem os dirigentes portistas deixavam que os artistas do espectáculo fossem conagiados. Mas, vinham novas de todos o mundo: emigrantes nos EUA ofereciam mil dólares (coisa como 140 contos) a cada «dragão» se a equipa trouxesse para as Antas o **caneco de prata.**

A empresa patrocinadora da turma portista também abria mais os cordões à bolsa: a meta-miragem parece que valia 2500 Donas Marias para acrescentar ao monte. E surgiam informações: que até a Rádio oficial da Guiné-Bissau transmitia directamente o jogo, com a filial portista naquele país (F.C. de Cachungo) a colocar altifalantes na fronteira da sua sede para que toda a gente pudesse ter os ouvidos em Viena.

Faziam-se prognósticos: o mais palpitante era o 2-1, chegava de Moçambique (na voz do locutor João de Sousa), aparecia como palpite maioritário entre os jornalistas portugueses que representavam 28 órgãos de Comunicação Social presentes na capital austríaca. E iam surgindo novas: estava firme (e iria cumprir-se) a escalação adiantada na véspera por Artur Jorge: Jaime Pacheco fora doonze», certamente porque o técnico ainda não tem plena confiança na capacidade atlética de um «astro» que emerge de longo período de recuperação de grave lesão.

Por aífora

Por cá, parece que os nervos tinham tomado de assalto um país. O meio milhão de habitantes portistas deixava as ruas desertas, contam-nos que a cidade parecia um fantasma no deserto, aqui e além com o silêncio quebrado or uma viatura que arrancava velozmente até casa do dono, para que toda a família pudesse (bem juntinha) seguir todas as peripécias do choque.

Os estabelecimentos comerciais fecharam mais cedo, a grande maioria perto das 17 horas, enquanto nos cafés, praticamente todos munidos de TV a cores, desde o fim do almoço que «tiffosi» ou meros simpatizantes tomavam posições estratégicas para as esperadas 19 e 15. De carro, autocarro, camioneta ou comboio (os táxis esgotaram-se) milhares e milhares de pessoas (muitas de azul-branco vestidas) convergiram para os televisores: na expectativa da grande festa da noite ou secretamente preparando-se para grande decepção.

Em Viena, adeptos do FC Porto e do Bayern confraternizavam em bares ambulantes nos arredores do Estádio Prater, aparentemente indiferentes quanto ao resultado da final entre os dois clubes. Cerca de três horas antes do início do jogo, adeptos de ambas as equipas comeram sandes e beberam cerveja: e só depois entraram no estádio, já parcialmente cheio por entusiastas locais.

À mesma hora, a «claque» do Porto estava a ganhar em barulho: porque era mais numerosa e estava confiante na vitória. O desejo de triunfo era igualmente demonstrado por dezenas de apoiantes da Juventude Leonina e do Benfica que se associaram à festa junto dos azuis-brancos, que tinham nos «superdragões» uma falange de alegria contagiante.

A segurança no estádio tinha duas centenas de guardas com intercomunicadores, a dividir a entrada dos adeptos portugueses e germânicos.

Na hora de abrir corações

Depois, seria o jogo, a festa no estádio, a colectiva alegria de milhões de portugueses. No «Prater», um batalhão de homens da Informação enchia totalmente uma sala onde iriam procesar-se as conferências de Imprensa. Com nítidos sinais de cansaço, mais parecendo um «boxeur» esmurrado até ao inapelável KO, ali estava Udo Lattek. O treinador do Bayern de Munique, mal se sentou, logo acusou alguns dos seus jogadores de serem culpados da derrota frente ao Porto, admitindo que o resultado fora justo para a equipa portuguesa, «porque soube aproveitar as oportunidades criadas», mas dizendo que «na origem da derrota do Bayern, esteve também a circunstância de alguns dos meus jogadores não terem respeitado as instruções que lhes dei ao intervalo». «Não atacámos no 2.º tempo: e isso foi-nos fatal, porque o nosso estilo de jogo é o ataque», acrescentou o técnico alemão-federal, que se despediu do Bayern, que troca na próxima epoca pelo Colónia.

Segundo as suas palavras, a entrada de Madjer em campo, após se ter magoado e imediatamente antes da jogada do dianteiro argelino que deu origem ao segundo golo portista, terá sido ilegal, por falta de autorização do árbitro, versão esta que foi contrariada pelo juiz belga Alexis Ponnet.

Segundo contou Lattek, o melhor jogador da sua equipa foi o marcador do golo (Kogl) que, em função da sua baixa estatura, designou como «o nosso pequeno-grande homem». O técnico alemão referiu que o guarda-redes Pfaff não teve quaisquer culpas nos golos sofridos e esclareceu que, ao contrário do que alguma Imprensa tinha referido, o Bayern de Munique nunca se considerara favorito para esta final da Taça dos Campeões Europeus.

Em relação ao adversário, Lattek confidenciou que o Futebol Clube do Porto o surpreendera no 2.º tempo, dado que estava à espera de uma queda da força anímica da equipa portuguesa: «Os jogadores portistas são combativos e eficazes na marcação individual e o guarda-redes Mlynarczik fez uma excelente exibição», acrescentou. Por último, Udo Lattek sseverou que, na hipótese de poder contratar alguns jogadores do Porto, optaria «sempre» por Futre e Juary.

Continua na pág. 16

OSCAR
MOBILIÁRIO

ÓSCAR & CA., LDA.

FÁBRICA • BARBELÃES • FRAZÃO

☎ 96 34 90

4590 — PAÇOS DE FERREIRA

O ÓSCAR EM MOBILIÁRIO

A ESCOLHA DAS ESTRELAS

ALL STAR CONVERSE

LÁ COMO CÁ: "VIVA O PORTO!"

Continuação da pág. 15

Porém, coloquemo-nos novamente no nosso país. Na capital nortenha, era o fim! Milhares de portuenses iam acorrendo à «baixa» da cidade, celebrando ruidosamente o êxito dos «dragões». A movimentação começou escassos minutos depois do termo da partida de Viena. A pé ou de carro, em veículos pejados de gente, os associados e simpatizantes dos «azuis-brancos» não se cansavam de extravasar a incontida alegria pela vitória na final dos campeões europeus, a primeira na história dos «dragões».

O ambiente que se viveu na baixa portuense só pode ser comparado às demonstrações de festa habituais no São João, o santo padroeiro da cidade.

Entoando cânticos e tocando os mais variados instrumentos, abafados pelo estrelejar de foguetes, os portuenses enchiam a sala de visitas da cidade e as artérias que conduzem à Praça da Batalha. O verdadeiro «São João» teria lugar já alta madrugada, no aeroporto das Pedras Rubras, onde a equipa «azul-branca» chegou às quatro horas, em avião directo da capital austríaca.

O «São João» antecipado foi previsto pelo «parapsicólogo» Lesagi Zandinga, que acertou no resultado final da partida (2-1), «**se o FC Porto marcar primeiro vai perder a final, mas se forem os alemães a inaugurar o marcador, ganhará o Porto por 2-1**» — dissera o controverso «astrólogo» antes do encontro, previsões que se confirmaram.

Porto inteiro nas ruas

E o Porto estava todo na rua. A festa em honra dos novos campeões europeus atingia o rubro, assistindo-se a um monumental «concerto» de buzinas, bombos, panelas e «martelos de São João». A estranha «música» era acompanhada por cânticos e vivas ao clube das Antas. Dez minutos foi o tempo necessário para a população da cidade se refazer das emoções vividas frente ao televisor e de ouvidos na Rádio, seguindo atentamente o jogo de Viena, onde o Porto batera de forma categórica o «tanque» germânico do Bayern, impotente para responder ao «fogo» de Madjer e Juari.

Erguida a Taça dos Clubes Campeões Europeus, pelo «capitão» João Pinto, os portuenses saíram espontaneamente e sem demora para a rua, dirigindo-se em direcção à Avenida dos Aliados, palco habitual das grandes manifestações de alegria popular. O visual logo foi dominado pelo azul e branco das bandeiras e outros símbolos dos novos titulares europeus, salteado aqui e além por bandeiras com as cores nacionais e também o verde e o vermelho.

Contrariamente a Munique (onde a cerveja deveria estar certamente a fermentar nos reservatórios) no Porto o vinho verde jorrava sem parar das garrafas e barris, regando as gargantas já enrouquecidas dos adeptos portistas que as tentavam manter em forma para o «São João».

Chaves: hip, hip, hurrah!

A euforia pelo brilharete do Porto estendeu-se a Lisboa (onde milhares de pessoas festejaram também rijamente o triunfo) e à maioria dos capitais distritais do País, desde o continente às ilhas. Em Coimbra, milhares de pessoas e centenas de carros percorreram as mais importantes artérias, agitando objectos com motivos dos «dragões» e provocando o congestionamento do trânsito no centro da cidade. Desfraldando conjuntamente com símbolos do FC Porto, viam-se também bandeiras portuguesas, do Benfica, Sporting e da Académica.

Em Chaves, a festa só foi comparável à que se viveu quando o Desportivo local ascendeu (há três anos) à 1.ª divisão, alegria inteiramente justificável já que a consagração dos portistas como campeões europeus abriu definitivamente as portas da Europa aos flavienses, a uma jornada do final do campeonato nacional.

Os adeptos do clube comandado por Raul Águas, que foram obrigados a recorrer à TVE para seguir a partida devido a uma avaria no retransmissor local da RTP, apressaram-se a fazer estoirar foguetes.

O trânsito nas principais ruas de Chaves parou por completo, obrigando os flavienses a comemorarem a vitória a pé, tal o número de veículos envolvidos, alguns dos quais apresentavam reboque.

Também em Ponta Delgada, o êxito dos «dragões» foi comemorado com a formação de caravanas automóveis e «procissões» pedestres de simpatizantes do FC Porto, que percorreram incessantemente o principal centro urbano dos Açores.

Artur Jorge: a palavra autorizada

Porém, situemo-nos novamente em Viena de Áustria. O estádio começava a ficar deserto mas, nas imediações, não havia ainda espaço para uma cabeça de alfinete. Para um «exército» que registava as suas palavras, Artur Jorge declarava que a conquista da «**Taça dos Campeões**», **foi um feito muito importante para o futebol português e estamos contentes por ter-lhe dado mais dignidade**».

«**As pessoas podem ficar cientes de que temos bons jogadores para fazer uma selecção nacional**», acrescentava Artur Jorge, o primeiro treinador português a ser campeão europeu de futebol.

Segundo o técnico portista, a sua equipa entrou no estádio «Prater» nervosa e receosa do prestígio do adversário, não praticando por isso o seu futebol habitual. «**Mas, no segundo tempo tudo foi diferente, pois actuámos de forma muito mais prática e operacional**», sublinhou Artur Jorge, acrescentando (num quase gracejo) que lamenta não terem os desafios de futebol mais intervalos «**pois teria sido muito bom poder falar com os meus jogadores aos 25 minutos, quando a equipa sofreu o golo e reve-**

Continua na pág. 17

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 22/87 DE 31 DE MAIO DE 1987

Jornal de Amarante: 211 111 X11 1111; Jornal da Beira: X11 X11 111 1211; Correio do Vouga: 211 111 121 X211; A Defesa: 211 111 1X1 XX11; Defesa de Espinho: X11 111 1XX X211; Diário de Lisboa: 211 X11 122 2XX1; Diário de Viseu: X11 1XX 121 1211; Folha do Domingo: 211 11X 121 XX11; Ecos de Cacia: 211 11X 1X1 X211; Eu Sei Tudo: 111 111 121 2211; Jornal de Felgueiras: 211 111 XX1 XX11; Jornal da Lixa: X1X X11 1X1 X11; Maria da Fonte: X11 111 1X1 X211; O Mensageiro: 211 111 11X 2111; No Estúdio e no Estádio: 2X1 X12 12X 1211; Notícias de Felgueiras: X11 11X 1X1 XX11; Notícias de Viseu: X11 11X 1X1 X211; Clube da Manhã/RDP Comercial: 111 X12 111 2X12; Boomerangue/RDP Centro: X11 111 1X1 2211; Programa da Manhã/RDP Centro: 211 111 X22 22X1; Música Com Elas/RDP Centro: X11 111 122 2211; Fotogramas/RDP Centro: 211 111 XX2 22X1; Fora de Jogo/RDP Centro: 211 111 121 22X1; Bola ao Centro-/RDP Centro: X11 111 1X1 2211; Grande Sábado/RDP Centro: 211 111 121 22X1; Canal Mais/RDP Centro: 211 111 XX1 22X1; Sintonia Desportiva/RDP Centro: X11 111 X21 22X1; RR/Diário do Desporto: 211 X11 12X XX11; RR/Bola Branca: X11 111 1X1 X2XX; RR-/Desporto: X1X 111 1X1 1211; Jornal de Sintra: 211 111 12X 2X11; A Voz de Domingo: X11 11X 111 X111; Voz de Lamego: 211 111 121 2X11; Desporto Regional/Rádio Altitude: 211 111 121 X211; RDP/Rádio Guarda: X1X 12X 112 2X11; Gente Gira/RDP Antena Um: 211 111 1X1 12X1; Pista de Dança/Rádio Altitude: X11 111 1X1 1X11; Sons da Madrugada/Rádio Altitude: 211 111 1X1 1211; Livre e Directo-/RDP Antena Um: 112 X11 111 1X11; Tarde Desportiva/RDP Antena Um: X1X X11 12X X212; Desporto Regional/RR: X11 1X1 1X1 XX11; O Algarve: 21X 11X 1XX 12XX; Correio de Coimbra: 211 111 12X 121X; Jornal do Fundão: 21X 1X1 12X XX11; Gazeta das Caldas: X11 X1X 11X 1211; Rádio Totobola: X1X 212 XX1 1X11; Linhas de Elvas: 211 111 12X 1111; Notícias de Gouveia: X11 111 1X1 2211; Notícias de Guimarães: 221 11X 1X1 2211; Reconquista: 211 111 121 X211; Informação Desportiva/Rádio Altitude: X11 111 1XX X111; Rádio Sports: 21X 111 121 X211; Voz do Ave: 211 X11 1XX X211; Penalti: 21X 111 121 2111; Jornal do Sul: 21X XX1 1X1 2211; Diário de Coimbra: X11 111 1X1 XX11; Panorama Desportivo/Rádio Guarda: X1X X12 X21 12X1; Litoral: 21X 111 1XX 22X1; A Ordem: 111 111 121 X211; Notícias de Viana: X1X 1X1 1XX X211; Comércio de Leixões: 211 X11 1X1 1X11; De Tudo Um Pouco: 211 111 121 X211; Jornal de Gaia: 211 1XX X21 X11X; Jornal da Graça: X1X 111 111 221X; O Primeiro de Janeiro: 111 X11 121 12X1; Quadrante Norte: X11 X11 1XX 1211; Repórter do Dia: 21X 11X 111 1X11; Resenha Desportiva: X1X 111 X22 X211; Alvo Desportivo: 111 211 1X1 1111; Rádio Alvo: X1X X11 11X 1X11; Alvo: X12 X11 1XX 1X11; Alvo Suplemento: 111 X11 112 1111; A Voz dos Ridículos: 111 X21 1X1 XX11; Rádio Placard: X1X 111 1X1 X211; Estúdio 64: 111 111 111 1111.

assim vai o totobola

	RESUMO 1	RESUMO X	RESUMO 2	BOLAS (*) 1	BOLAS (*) X	BOLAS (*) 2
1. Braga-Benfica	9	31	35	1	5	6
2. Sporting-Guimarães	73	1	1	10	1	1
3. Académica-Salgueiros	55	18	2	9	2	1
4. Portimonense-Rio Ave	54	19	2	9	2	1
5. Belenenses-Chaves	67	6	2	10	1	1
6. Varzim-Farense	59	12	4	9	2	1
7. Boavista-Marítimo	65	10	0	11	1	1
8. Tirsense-Espinho	13	34	28	2	5	5
9. Vizela-Gil Vicente	50	18	7	8	3	1
10. E. Portalegre-Covilhã	24	29	22	4	5	3
11. Marinhense-Beira Mar	11	21	43	2	4	6
12. Nacional-Oriental	62	13	0	10	2	1
13. U. Madeira-E. Lagos	68	5	2	10	1	1

(*) — Nos termos do Art.º 14.º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A "CHAVE" LÓGICA SERÁ:
211 111 1X1 X211

A longa escalada

Um quarto de século depois da vitória do Benfica sobre o Real Madrid (5-3) um clube português voltou a ocupar o trono de campeão europeu de futebol. Trata-se da 3.ª taça da principal competição da UEFA conquistada por clubes portugueses, depois do Benfica ter vencido as duas anteriores em épocas consecutivas (6061 e 61-62). Também foi a 6.ª presença de equipas portuguesas em finais da Taça dos Campeões, a última das quais datava de há 19 anos quando o Benfica foi derrotado pelo Manchester United (4-1 após prolongamento) no Estádio de Wembley (Londres).

Com o grande sucesso de ontem, o FC Porto quebrou também a hegemonia do Benfica a nível internacional, uma vez que nesta competição (a principal da UEFA) o Benfica tinha o seu nome ligado a todas as presenças (5) de clubes portugueses nas finais da Taça dos Campeões. O FC Porto conseguiu também (tal como o Benfica, há 26 anos) conquistar o troféu logo na sua estreia numa final desta competição europeia.

Os oitavos-de-final da Taça dos Campeões foi a meta alcançada por duas vezes pelos portistas nas anteriores seis presenças nesta prova, a primeira das quais data da época de 1956-57 onde foi eliminado pelos espanhois do Atlético de Bilbau logo na 1.ª eliminatória (1-2 e 2-3).

Aparte as duas vezes em que chegou aos oitavos-de-final, o F. Porto nunca conseguiu ultrapassar a eliminatória de abertura. Na época de 1959-60, os portistas foram eliminados pelos checos do Ruda Hvezda, com duas derrotas (1-2 e 0-2) e, na temporada de 1978-79, também ficou cedo pelo caminho, frente aos gregos do Aek -6 e 4-1). Na 1.ª vez que chegou aos oitavos-de-final da competição (1979-80) o FC Porto eliminou o Milão (0-0 e 1-0) mas depois foi afastado pelo Real Madrid (2-1 e 0-1). Em 1985-86 voltou a passar um adversário (o Ajax, da Holanda) com 2-0 e 0-0, mas tornou a ser eliminado pelos espanhóis (Barcelona, com 0-2 e 3-1). Agora, a turma de Artur Jorge (o primeiro treinador português a vencer uma final da Taça dos Campeões) eliminou, sucessivamente, os seguintes adversários: Rabat Ajax, de Malta, (9-0 e 1-0), Vitkovice, da Checoslováquia (0-1 e 3-0), Brondby, da Dinamarca (1-0 e 1-1) e os soviéticos do Dinamo de Kiev (2-1 e 2-1).

Dos cinco jogos que efectuou na prova, os portistas apenas averbaram uma derrota frente aos checos do Vitkovice (1-0) e um empate (1-1 no terreno dos dinamarqueses do Brondby.

No computo geral das suas presenças na Taça dos Campeões, o FC Porto soma um total de 12 vitórias, oito derrotas e três empates, com 38 golos marcados e 25 sofridos. O triunfo do FC Porto nesta 32.ª final da Taça dos Campeões marcou Rabath Madjer com a proeza de se tornar no 1.º futebolista argelino a conquistar a principal Taça uefeira. O êxito maior da história do FC Porto adivinhava-se já há alguns anos e, na temporada de 1983-84, já os portistas tinha surpreendido a Europa do futebol, quando atingiram a final da Taça das Taças, que acabaram por perder 2-1 para a Juventus, de Itália.

Esta madrugada o «caneco de prata» chegava ao Porto. Era o delírio e todos pretendiam tocar no mais prestigiante troféu

É NOSSO O CANECO DE PRATA!

Continuação da pág. 16

lou algumas dificuldades». Enfim: **«o FC Porto atingiu em Viena um objectivo muito bonito e nada impede que um dia possamos ser campeões do mundo».**

Depois de ter cumprimentado os futebolistas e o treinador do Bayern, **«por terem proporcionado um grande espectáculo no Prater»**, Artur Jorge disse sentir-se bem no F.C.Porto, constituindo de momento o seu maior desejo **«juntar-me aos milhares de pessoas que se encontram felizes com esta vitória da sua equipa».**

O técnico dos «dragões» lamentou as ausências (por lesão) de Gomes e Lima Pereira e, acerca de Paulo Futre, referiu que o jogador **«está a tornar-se numa grande 'estrela' do futebol e encontra-se no melhor caminho para atingir a celebridade internacional».**

A seta negra

Por seu turno, o ulgurante Juary, autor do olo da vitóri do Porto, a irmava os jornalistas que a sua equipa **«teve medo do Bayern de Munique no primeiro tempo». «Mas, após o intervalo, aparecemos soltos e soubemos aproveitar os erros e a lentidão do adversário»**, acresce tava Ju ry, adianta do: **«a vitória foi a mais importante da minha carreira».**

Segundo dianteiro portista, a partir dos 60 minutos de ogo s «azuis e bra cos sentiram que po iam virar a seu favor o resultado do e contro, **«apesar do Bayern de Munique ser uma das grandes equipas europeias». «Sempre acreditei que poderia ser utilizado neste jogo, apesar de ainda há pouco tempo ter estado lesionado»**, re eria Juary, adiantando de imediato que s joga ores ortistas que não puderam a inhar (Gomes e ima Pereir) **«estiveram em espírito com toda a equipa».**

Também o efesa João Pinto, que foi «capi ão» dos 11 «dragõe na final, exteriorizou a ua **«muito grande alegria»** por ser campeão europeu aos 25 anos de idade. **«Quando tinha a taça nas mãos, no final do jogo, não pude deixar de me lembrar do Gomes e do Lima Pereira, que não puderam estar connosco, e também por isso esta vitória vai inteirinha para os nossos dois colegas».**

E, na cidade o Porto, que ia acontecendo? Os che es das equipas de «urgênci » dos hospitais e . João e Santo António referiam que **«tudo estava normal»**, adiantando mesmo **«estar mais sossegado que noutras noites».** Salvo casos esporádicos de comoções ligeiras e pequenas e coria ões por quedas (não passíveis de ligação com a a egria futebol´stica) tudo est va normal naqueles dois estabele imentos hospitalares. N entanto, os clínicos re eriram que os ervi os de urgência estavam preparados para acorrer a qua quer tipo de situação

Também o oficia de dia da PSP do Porto eclarava que e nhum i cidente ocorreu até cerca da uma hora da madruga a e que as essoas tinham **«toda a liberdade, ainda que controlada, para se dvertirem».** Medidas esepciais oram t davia adoptada no Aeroporto de Pe ras Rubras (on e a equipa portista chegar a cerca as quatro horas) e no Está io das Antas (cuja entrada seria franqueada livremente, e onde t da a equipa portista e deslocaria após a chegada de ie a, em voo especia).

Saudações oficiais

Entretanto, o Presidente da República saudava a equipa do FC Porto. Em telegrama endereçado a Jorge Nuno Pinto da Costa, o dr. Mário Soares afirmava-se **«muito satisfeito com a vitória do FC Porto, no jogo que segui com grande emoção».** O Presidente da República acrescentava: **«Abraço calorosamente jogadores, treinador e dirigentes do clube que tanto honraram as cores nacionais.»**

Obrigado, Jorge!

Artur Jorge Braga Melo Teixeira, 41 anos, licenciado em Germânicas, treinador de futebol, cidadão português, cidadão do mundo, cidadão exemplar, merecia esta vitória. Que me perdoem os leitores a emoção e o ditirambo. Também nasci na ocidental praia, neste cantinho europeu, discreto e suave, profundamente sensível a raras e, por vezes, dolorosas alegrias. Como esta de uma saborosa, orgulhosa e internacional vitória.

Meu caro Jorge, este abraço não é só por ti e para ti. Tu percebes. Como percebem os vinte e tal magníficos, tão diferentes e difíceis, que sabiamente, humanamente, soubeste envolver num projecto de risco, ousadia e vitória.

Dizia esta manhã o Inácio, em conversa com o António Pedro, da Antena UM: «espero que o dr. Silva Resenda aprenda com isto. Aprenda como se deve dialogar com os jogadores. Foi o diálogo que nos levou à vitória...». Recordo as tuas palavras ontem em Viena: «ao intervalo, trocamos ideis e vimos que era possível jogar de outra maneira. E foi isso que aconteceu(...)é um feito para todos nós, que trouxe um pouco mais de dignidade ao futebol português...».

Um desabafo, Jorge. Nem a minha velha costela de «lagarto», nem a habitual serenidade com que «curto» os pequenos e grandes jogos de futebol, resistíu a noite passada à tua maravilhosa vitória. A tribo toda(com destaque para os «encarnados» Daniel e Sérgio), ia rebentando com a loja.

Obrigado, meu caro, obrigado pelo bom futebol, obrigado pela lição aos arrogantes e tiranetes, obrigado pela pedagogia do diálogo e da competência. O futebol pode ser grande e belo também.

E viva o Porto!

Eugénio Alves

Porto entra na história

Para a história: o FC Porto inscreveu pela 1.ª vez o seu nome na galeria dos campeões europeus de futebol. Assim é a 2.ª equipa portuguesa a figurar no «palmarés» da mais importante das taças europeias de clubes, depois do Benfica ter vencido as finais de 1961 e 1962. O FC Porto bateu na 32.ª final da competição o Bayern de Munique (três vezes campeão) entre 1974 e 1976, por 2-1. O quadro das finais da Taça dos Campeões Europeus é o seguinte:

- 1956 — em Paris: Real Madrid-Stade Reims, 4-3
- 1957 — Madrid: Real Madrid-Fiorentina, 2-0
- 1958 — Bruxelas: Real Madrid-Milão, 3-2 (após prolongamento)
- 1959 — Stuttgart: Real Madrid-Stade de Reims, 2-0
- 1960 — Glasgow: Real Madrid-Eintracht Francoforte, 7-3
- 1961 — Berna: Benfica-Barcelona, 3-2
- 1962 — Amesterdão: Benfica-Real Madrid, 5-3
- 1963 — Londres: Milão-Benfica, 2-1
- 1964 — Viena: Inter de Milão-Real Madrid, 3-1
- 1965 — Milão: Inter de Milão-Benfica, 1-0
- 1966 — Bruxelas: Real Madrid-Partizan de Belgrado, 2-1
- 1967 — Lisboa: Celtic de Glasgow-Inter de Milão, 2-1
- 1968 — Londres: Manchester United-Benfica, 4-1 (prolongamento)
- 1969 — Madrid: AC Milão-Ajax de Aemsterdão, 4-1
- 1970 — Milão: Feyenoord-Celtic de Glasgow, 2-1 (prolongamento)
- 1971 — Londres: Ajax-Panathinaikos, 2-0
- 1972 — Roterdão: Ajax-Inter de Milão, 2-0
- 1973 — Belgrado: Ajax-Juventus, 1-0
- 1974 — Bruxelas: Bayern de Munique-Atlético de Madrid, 1-1 (prolongamento) e 4-0 na «finalíssima».
- 1975 — Paris: Bayern de Munique-Leeds United, 2-0
- 1976 — Glasgow: Bayern de Munique-St. Etienne, 1-0
- 1977 — Roma: Liverpool-Borussia Moenchengladbach, 3-1
- 1978 — Londres: Liverpool-Brugges, 1-0
- 1979 — Munique: Nottingham Forest-Malmoe, 1-0
- 1980 — Madrid: Nottingham Forest-Hamburgo, 1-0
- 1981 — Paris: Liverpool-Real Madrid, 1-0
- 1982 — Roterdão: Aston Villa-Bayern de Munique, 1-0
- 1983 — Atenas: Hamburgo-Juventus, 1-0
- 1984 — Roma: Liverpool-Roma, 1-1 (4-2, grandes penalidades)
- 1985 — Bruxelas: Juventus-Liverpool, 1-0
- 1986 —Sevilha: Steaua de Bucareste-Barcelona, 0-0 (2-0, grandes penalidades
- 1987 — Viena: FC do Porto-Bayern de Munique, 2-1

L'EQUIPE CONFIRMA: CHALANA REGRESSA AO BENFICA

O Benfica deu já o seu acordo para o regresso de Fernando Chalana, escreve o diário desportivo francês «L'Equipe».

Confirmando a transferência, o jornalista François Trasbot cita afirmações que ouviu pessoalmente do presidente do Bordéus, Claude Bez, segundo o qual o Benfica pagará 400 000 dólares (cerca de 56 000 contos) ao clube francês.

Entretanto, um porta-voz dos girondinos, Gilles Estey, confirmou o teor das afirmações feitas segunda-feira à noite por Claude Bez, anunciando o regresso de Chalana ao Benfica no final da época.

A assinatura do contrato, escreve o «L'Equipe», poderá ocorrer sexta-feira, em Portugal, acrescentando que esse acto concretiza uma transferência «esperada desde há algum tempo».

Entretanto, no Porto, onde convalesce de nova intervenção cirúrgica, Chalana disse **«desconhecer qualquer contrato entre o Bordéus e o Benfica para a sua transferência»**.

Sobre o assunto disse, ontem, o presidente do executivo do Benfica (João Santos) após a recepção concedida pelo Presidente da República, **«não haver em curso quaisquer negociações»** ainda que reconheça que Fernando Chalana é um jogador da mais alta craveira e por isso interessa ao clube desde que seja considerado apto fisicamente.

O «folhetim» prossegue.

Violência prossegue

Quatro incidentes, número invulgarmente baixo em relação ao habitual, foram registados no fim-de-semana pela Guarda Nacional República, nos recintos desportivos do país.

Os quatro incidentes traduzem-se em dois casos de arremesso de pedras e outros objectos para o interior dos rectângulos de jogo, um caso de agressão à equipa de arbitragem por espectadores (jogo de futebol entre o Poiares e o Argus, no distrito de Coimbra) e outro caso de injúrias a militares da Guarda.

As injúrias ocorreram num encontro de futebol da categoria de juniores, disputado em Calvário/Valongo, distrito do Porto, envolvendo um indivíduo de 24 anos, que insultou a força da GNR presente no recinto, quando esta protegia a equipa de arbitragem no final do jogo.

O espectador em causa foi já julgado em processo sumário e condenado a 50 dias de prisão remíveis a 200 escudos por dia, 8750 escudos de impostos legais e 1000 escudos de indemnização ao ofendido ou, em alternativa, 45 dias de prisão a cumprir. A pena foi suspensa por 2 anos.

Homenagem em memória de Mariano Amaro

Um minuto de silêncio em homenagem ao antigo internacional português Mariano Amaro será observado domingo em todos os campos do País em que se realizem jogos dos nacionais de futebol — anunciou a FPF.

Mariano Rodrigues Amaro, recentemente falecido, destacou-se nos anos 30 ao serviço do Belenenses, tendo representado 19 vezes Portugal, 18 das quais em jogos particulares e uma em partida de qualificação para o «Mundial» de 1938.

EM PORTUGAL

	T. 6 h	Min.	Prec	Às 13 h.
Bragança	8	7	0,0	Neblina
V. Castelo	8	7	0,0	Neblina
Vila Real	8	7	0,0	Limpo
Porto	9	8	0,0	Neblina
Coimbra	11	11	0,0	Neblina
C.Carvoeiro ...	15	15	0,0	P. nub.
C. Branco	–	–	–	—
Portalegre	13	10	0,0	Nevoeiro
Lisboa	13	13	0,0	P. nub.
Évora	10	10	0,0	P. nub.
Beja	10	9	0,0	Neblina
Faro	15	14	0,0	Limpo
Sagres	15	15	0,0	Limpo
P. Delgada	17	17	0,0	Neblina
Funchal	16	16	0,0	Limpo

Temp. máx. prevista para hoje: Lisboa 24, Porto 21, Faro 25, Ponta Delgada 20, Funchal 23.

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

NA EUROPA

	T. 7 h	Min.	Às 13 h.
Madrid	10	9	Pouco nub.
Londres	8	8	Bruma
Paris	9	6	Muito nub.
Bruxelas	8	7	Muito nub.
Amesterd.	9	8	Encoberto
Genebra	13	11	Muito nub.
Roma	15	13	Neblina
Oslo	3	3	Chuva
Copenhaga	8	8	Chuva
Estocolmo	6	0	Pouco nub.
Berlim	10	10	Encoberto
Viena	13	12	Chuva
Varsovia	14	9	Pouco nub.
Atenas	21	15	Pouco nub.
Moscovo	7	2	Muito nub.

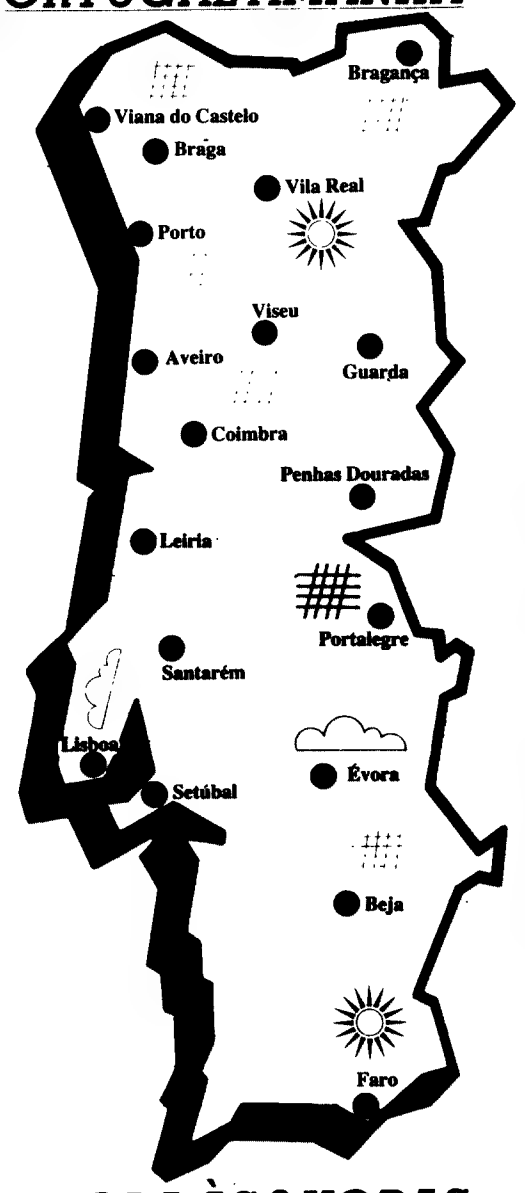
Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

NO MUNDO

	Min.	Máx.	Às 13 h.
Caracas	19	26	Chuva
Joanesburgo ...	8	20	Limpo
Los Angeles	13	20	Limpo
Montreal	10	24	Nublado
Nova Deli	24	40	Limpo
Nova Iorque ...	11	16	Limpo
R. de Janeiro ..	13	22	Nublado
S. Francisco ...	9	18	Nublado
Sao Paulo	6	–	Nublado
Tóquio	16	21	Nublado

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

PORTUGAL AMANHÃ



TEMPO

HOJE

No Continente:

Céu pouco nublado, apresentando-se muito nublado no litoral durante a madrugada e manhã. Vento fraco. Neblina ou nevoeiro matinais. Pequena subida da temperatura.

Estado do mar:

Costa Ocidental: Mar encrespado ou de pequena vaga. Ondulação de noroeste de dois a três metros.

Costa Sul: Mar encrespado. Ondulação fraca.

Nos Açores:

Céu muito nublado. Vento fresco de sudoeste. Períodos de chuva em especial no Grupo Ocidental e Central.

***Estado do Mar*: Grupo ocidental e central: mar cavado a grosso. Ondulação oeste de três metros. Grupo oriental: mar de pequena vaga a cavado. Ondualção oeste de dois metros.**

Na Madeira:

Céu geralmente pouco nublado. Vento moderado de nordeste.

Estado do mar: **Mar encrespado ou de pequena vaga. Ondulação de norte de um a dois metros. Na costa Norte a um metro.**

AMANHÃ

Céu pouco nublado ou limpo. Vento fraco de nordeste. Subida de temperatura.

DEPOIS

Céu pouco nublado, tornando-se muito nublado nas regiões do Norte a partir da tarde. Vento fraco. Neblinas matinais.

Hoje

Praia-Mar		Baixa-Mar	
2.19	3,8 m	8,08	1,1 m
14.43	3,5 m	20.27	1,1 m

Amanhã

3.02	3,8 m	8.42	1,1 m
15.23	3,8 m	21.04	1,1 m

• Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica.

EUROPA ÀS 6 HORAS

• Informação da agência Lusa

Microscópio

Ténis: Nuno Marques na rota dos dólares

Nuno Marques passou à segunda ronda do quadro principal do torneio de ténis de Montabaur, na Alemanha Federal, ao derrotar o mexicano Lozano, em três «sets». Marques perdeu o primeiro «set», 2-6, mas venceu os dois seguintes, 6-2 e 6-2, qualificando-se para a segunda ronda deste torneio dotado com 25 000 dólares em prémios.

Voleibol: Portugal vence o Luxemburgo

Portugal estreou-se com uma vitória por 3-0 sobre o Luxemburgo, em jogo da «poule» de apuramento do europeu de voleibol/seniores masculinos, que decorre na cidade de Espinho até ao proximo domingo.

Nesta primeira jornada a Suécia derrotou a Itália, rincipal favorita, por 3 a 1 e a selecção alemã-federal descansou.

Hoje disputa-se a 2ª jornada com os jogos Alemanha Federal — Itália e Suécia — Luxemburgo.

Esta fase de apuramento destina-se a determinar a participação de duas equipas na fase final do «Europeu» da modalidade, a disputar na Bélgica, entre 27 de Setembro e 4 de Outubro próximos.

Atletismo: Portugueses correm lá fora

Aurora Cunha e Rosa Mota participam domingo em Nova Iorque numa corrida de 10 quilómetros, intitulada «L'Eggs Mini Marathon».

Portugal estará também representado no «meeting» de atletismo de Sevilha, com cinco atletas: António Leitão e João Campos, ambos do Benfica, e Ezequiel Canário, do Imortal de Albufeira, estão inscritos para a prova de 3 000 metros, em que será tentada a melhor do recorde do mundo, pertença do queniano Henry Rono.

Os outros dois atletas portugueses presentes em Sevilha são os benfiquistas Álvaro Silva, que correrá os 800 metros, e Virgínia Gomes, inscrita para os 100 metros planos.

Acácio: despe a camisola

Acácio da Silva perdeu a camisola amarea na clássica «Dauphine Libere» para o francês Bruno Cornillet, vencedor destacado da segunda etapa, disputada entre Bellegrade e Saint-Etienne.

Acácio da Silva, que assumira (terça-feira) a liderança da competição, com o mesmo tempo do francês Laurent Biondi, desceu para o 4º lugar da geral, estando agora a 17 segundos do novo guia.

Colectividades

Bragança: não há sede não há presidente

O presidente eleito do Grupo Desportivo de Bragança, António Reis, renunciou ao cargo por o clube estar na iminência de ficar sem sede. Em carta dirigida à actual Comissão Administrativa da colectividade, António Reis, que hoje deveria ser empossado, refere as razões da sua renúncia, a mais importante das quais se prende com, edifício sede do clube.

Torralta foi extinto

Por decisão da administração da Empresa, foi deliberado extinguir o Grupo Desportivo da Torralta que se encontra a disputar o campeonato nacional de futebol da 3.ª divisão.

DIÁRIO COM PRAÇA DE TOUROS AO FUNDO

26 de Abril, domingo

Almoço na Estufa Fria, dos militares de Abril. Afinal ainda são muitos, os que restam; aqueles para quem essa madrugada de um dia 25 não se transformou num lamentável equívoco de suas esperanças, mesmo quando receberam em troca o lugar repousado de uma prateleira onde não possam incomodar. No fim do repasto frugal e do discurso da praxe, cantam a «Grândola», num coro a que José Afonso não poderá nunca mais vir juntar-se. Cantam abraçados, com um sentimento ainda vigoroso, apesar do fundo de melancolia, onde há qualquer coisa de nostálgico, de conformação de alguém que contempla um céu nebulado e espera que a chuva comece a cair, sem vontade de ir abrigar-se debaixo dos telhados onde se aperta, anónima, a multidão dos que se conformam com não se molharem, a meia abastança lhes basta, televisão a cores, fatinho completo do pronto-a-vestir que talvez dê ar de feito por medida, quinze dias de férias em Benidorm, hotel de quatro estrelas. Depois, quando o canto se extingue, regressa o vozear em que desabafam os reencontros, a avidez apressada de tantos assuntos e lembranças. E no meio, imaginem, sobra espaço para uns dedos de conversa sobre touros, matéria onde a revolução não entrou. O general Vasco Gonçalves não é aficionado, mas lembra-se de quando era garoto, e o pai o levava ao Campo Pequeno, recorda-se até de ter lá visto touros de morte; digo-lhe que seriam certamente aquelas corridas do ano de 1933; sim, concorda, devia ser por essa altura; nesse caso o senhor general viu os grandes maestros que então as mataram, Marcial Lalanda, Nicanor Villatta, Domingo Ortega, Armillita; dos nomes o general não se lembra, não acompanhou a festa, cresceu e nunca mais foi, até que aí pelos anos sessenta se lembrou de voltar ao Campo Pequeno, ouvia falar, deixa-me lá ver como é isto. Viu e não gostou. E explica-me: sabe, achei que os toureiros passavam o tempo em agradecimentos, faziam uma coisa qualquer e punham-se a agradecer, não há dúvida que o general Vasco Gonçalves, com aquele seu humano profundo olhar, aquele espírito inquieto e generoso que procura entender todas as coisas até para além do sonho, captou perfeitamente essa regra tauromáquica nacional, que começa nas cortesias e se prolonga no resto: mesmo que um toureiro não tenha feito nada, mesmo que não se oiçam aplausos, devem ser agradecidos como se existissem. E ai do marialva que um dia não siga esse preceito, não queira sair das tábuas: do outro lado da arena virá o forcado exigir-lhe que o cumpra, primeiro por palavras e depois, se for preciso, puxando-lhe pela manga da casaca, venha daí dar a volta à arena, não seja chato.

28 de Abril, terça-feira

Estive lá hoje, na «Estrela da Sé», a matar as saudades ao mesmo tempo que a fominha, asseio e preços económicos. Para quem não saiba, a «Estrela da Sé» fica no Largo de Santo António da dita, à direita de quem sobe, não tem nada que enganar, na porta vê-se logo a estrela, branca em fundo azul. É um velho restaurante lisboeta, daqueles que já não se usam, separados em compartimentos para recato da clientela, da entrada só se vê o espaço digamos público, o balcão de pedra onde se aviam os copos de três, lá estão os cascos de vinho arrumados à parede, fora o resto da decoração, gaiola com periquito, chocalho, galo de Barcelos, serradura, objectos diversos. E também, à direita de quem entra, em devida moldura, um retrato do Perfeito. O Perfeito, se não é o dono da casa, ou sócio maioritário, é a personagem que a defende e representa, sempre à testa do negócio, não precisa de criadagem para servir os filetes, os guisados, os canjirões. O Perfeito faz parte, digamos, da mobília. Galego de Pontevedra, a esta vizinha lusitana terra aportou como tantos, bem cedo, depois na «Estrela da Sé» amarrou a ficar. Lógico e de direito, portanto, que tenha o retrato na parede. Mas atenção, não se trata de um retrato qualquer, mas de um retrato do Perfeito vestido de toureiro, e não trajo curto, de festival, mas trajo de luzes, de corrida formal, como deve ser. Facto a requerer explicação, que o retratado dá a quem lha pedir, a quem não se fique pela introversão das conclusões imediatas, sempre precipitadas, do género «sendo espanhol não admira que o Perfeito tenha sido toureiro, com farda e tudo», ingnorando que a Galiza não é região produtora de espadas, se calhar há quem almoce todos os dias na «Estrela da Sé» e não saiba que foi em Portugal que o Perfeito aprendeu as primeiras luzes da arte de Montes, começou na escola do Luciano Moreira, e depois passou para a Escola Arena, a do Júlio Procópio, onde também andava por sinal o Amadeu dos Anjos, este foi, segundo o Perfeito, «o único que saiu fora de portas, o resto ficou tudo em terra». Não será bem assim, digo eu: porque o Perfeito (ou, taurinamente falando, «El Perfecto», como terá chegado a anunciar-se), se é certo que nunca cruzou a fronteira para se apresentar na praça da sua Pontevedra natal, nunca o chamaram para as festas agostenhas de La Peregrina, atravessou-a para tourear em Badajoz; e aquém-fronteira actuou em várias arenas, desde o Campo Pequeno até Salvaterra, foi lá que lhe tiraram o retrato que ali está, para quem o quiser ver, na parede da «Estrela da Sé». Perfeito Fernandez Duran, «El Perfecto». A história da tauromaquia não é feita só com Belmotes e Ortegas.

1 de Maio, sexta-feira

Praça de Touros de Badajoz. Novilhos de Palha para Luís Parra «Jerezano», Fernando Cepeda e Francisco António Ruiz «Espartaco».

Pernoita de viagem, no «Huerta Honda» de Zafra, caminho de Sevilha. Da janela do quarto via-se o céu, cobrindo de estrelas a noite quieta, e lá em baixo a esplanada, mesas à volta da piscina, gente tomando café, refrescos, espíritos, ouve-se o rumor da conversa mole, entre espanhóis nunca demasiado mole, e a música e o piano além, junto à porta que dá para o salão, duas meninas de cabelos compridos e louros puseram-se debruçadas sobre o instrumento, olham fascinadas as mãos do pianista, movendo-se suaves sobre as teclas, não se quer saltitada nem veemente música de fundo para conversa de esplanada, e já agora para hóspede escrevendo no quarto o seu diário, hoje consagrado à novilhada a que o referido assistiu à tarde, inauguração da temporada em Badajoz, o cartaz bem posto deu em festejo entretido e leve, sem emoções fortes, uma vez que os novilhos de Palha, que se anunciavam de formosa lâmina (que o público poderia testemunhar previamente, das dez ao meio-dia, indo vê-los de forma gratuita nos currais da praça), tinham presença digna, e nas varas cumpriram, mas deixando ideia de perigoso abrandamento da casta, sem vestígios que correspondessem à fama do antigamente, quando os Palhas eram conhecidos por toda a Espanha como terroríficos. Pelo contrário, foram em geral soltos e distraídos, de forças justas, chegaram à muleta sem fazerem mal, o último nem à muleta chegou, no encontro com a primeira vara caiu e já não se levantou, teve de ser apuntilhado, causa desconhecida para quem de veterinárias não entende. E assim não pudemos ver pela segunda vez o Espartaco Chico, irmão do famoso, aliás uma faena bastava para vermos que aponta o estilo arreia-passes do mano, o picador também arreou duas vezes com a vara no novilho, retirou entre protestos do respeitável, «tens cara de judeu!», gritava-lhe um espectador, e a mulher não compartilhava de tal opinião, «eu acho que tem mas é cara de sardinha frita», esta de picador com cara de sardinha frita nunca tinha ouvido. Fernando Cepeda, a dois passos da alternativa, que tomará em Madrid pelo Santo Isidro, esse tem ar de peixe de mar alto, mesmo sem apertar mostrou as suas boas e sossegadas e prometedoras maneiras, desta vez não extensivas à espada, em que a brevidade foi à custa dos baixos. E também prometedor o Luís Parra, alternativa igualmente próxima, na sua terra de Jerez; para já, pode chegar onde não chegou o «Jerezano» pai, se lhe amadurecerem as verduras, e o sabor e finura que o moço exibiu na faena ao primeiro da tarde, e confirmou aqui e além no quarto, de mais incerta investida mas consentiu o bordado daqueles ajudados que não apenas olhamos, sentimos.

Novilhada, pois, entretida e leve. E com uma deliciosa abertura, coisas que só aqui em Espanha, não são ficção, acontecem mesmo. Foi assim: iniciado o passeio, ao grito dos primeiros clarins, antes dele terminar saiu da trincheira um padre, pôs-se diante das quadrilhas, fazendo sinais para que se detivessem. Um padre de sotaina negra, até aos pés, enfim, vestido de padre como deve ser, nada desse trajar moderno de cidadão como os outros, alguns nem gravata usam. Bom, as quadrilhas quietas, a música calada. Minuto de silêncio, pensei, a novidade estava em ser um padre a dirigi-lo, quanto ao resto coisa normal, relativamente frequente, relativamente e infelizmente para os evocados falecidos. Só que, nesta tarde, havendo de facto um falecido, o minuto não era de silêncio coisa nenhuma. O padre, voltado para a bancada de sombra, que a de sol era um deserto, botou uma palavra evocativa, viera ali para recordar um grande aficionado, um tal Aquilino Claver, se fosse vivo estaria sentado entre ustedes, aí numa dessas localidades de tendido, vamos todos rezar um Padre Nosso em sua memória. Isto sem microfone, sem megafone, sem nenhum desses actuais artifícios, só com a garganta que lhe deu Nosso Senhor. E pôs-se a rezar o Padre Nosso, a figura erguida à frente das quedas e mudas quadrilhas, qual alguacil apeado, maestro regendo o coro dos espectadores, numa postura com garbo que parecia toureiro, altar era ali a arena. E quando chegou do Padre Nosso o remate final do Ámen, uma voz potente clara antecipou-se aos aplausos, saltou do tendido: Olé!

TEATRO ABC
Lisboa, Tejo e Tudo Nova Versão
A Revista mais premiada do Ano

"BAETA & BAETA, LIMITADA"
TERCEIRO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA

Certifico para efeitos de publicação que, por escritura de 7 de Maio corrente, lavrada de fls. 95 a fls. 96 v.º do livro de notas para escrituras diversas número 61-E, deste Cartório, a cargo do Notário Francisco Roldão Pinheiro – Norberto Baeta e Maria Filomena Ramos do Espírito Santo Baeta, deixaram de fazer parte da sociedade, com a firma em epígrafe, com sede na Rua Mousinho de Albuquerque, número 22-A, na Damaia, concelho da Amadora, matriculada sob o n.º 2910, do livro C-8, da Conservatória do Registo Comercial da Amadora, com o capital social de 50 000$00, e renunciaram à gerência que vinham exercendo na aludida sociedade mas autorizaram que o seu apelido "BAETA", continuasse a fazer parte da firma social; Agostinho António Santos e João Alberto Pisco Ferreira, como únicos sócios que ficaram a ser da dita sociedade, deliberaram nomear-se gerentes da mesma.
Está conforme.
Lisboa, 8 de Maio de 1987
A Ajudante,
(Helena Maria Martins Gonçalves Pires)
"D.L." 22/6/1967

COMPANHIA Tel 2752175
TEATRO DE ALMADA

ADELAIDE JOÃO em
O fim da ENFERMEIRA João
de FRANK MARCUS Enc ARTUR RAMOS
sex. ás 21.30
dom. ás 16
só até 31 de Maio

A BARRACA
R. ALEXANDRE HERCULANO, 70 — LISBOA
RESERVAS: 686300
Descontos para estudantes às 3.as, 4.as e sáb. às 16 horas
3.º mês de exibição

O DIABINHO DA MÃO FURADA
versão e encenação de Helder Costa
com
Maria do Céu Guerra
João Maria Pinto
António Cardoso
António Gomes
João Azevedo
José Carretas
Luis Tomar
Maria João
Paula Sousa
Teresa Faria
4.ª a sábado às 21.45
Sáb. e domingos às 16 horas
cenografia: Rui Pimentel
canções: Orlando Costa
guarda-roupa: José Carretas

novo grupo de teatro
A SEGUNDA VIDA DE FRANCISCO DE ASSIS
DE JOSÉ SARAMAGO
CENÁRIO E ENCENAÇÃO: NORBERTO BARROCA

TEATRO ABERTO
de dias
APOIO DO «DIÁRIO DE LISBOA»

CINEMAS

Uma cena do filme português «REPÓRTER X», realizado por José Nascimento, em exibição no Estúdio 444 e Quarteto

Alfas Triplex
— T. 806496

A LEI DE MURPHY
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

O MENINO DE OURO
(maiores 6 anos)
13.45, 16.15, 18.45, 21.15 e 23.45 h

SALVADOR
(maiores 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

CUJO – O NOVO SÍMBOLO DO TERROR
(maiores 16 anos)
14.30 16.30, 19.00, 21.30 e 24 h

Alfa Club
FILHOS DE UM DEUS MENOR
(m. 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Shopping Center de Lisboa

SALVADOR
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

QUARTO COM VISTA SOBRE A CIDADE
(maiores 12 anos)
14.15, 16,45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

O MENINO DE OURO
(maiores 6 anos)
13.45, 16.15, 18.45, 21.30 e 24 h

A MISSÃO
(m. 6 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

A COR DO DINHEIRO
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19, 21.30 e 24.00 h

A LEI DE MURPHY
(maiores 16 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 24 h

Apolo 70
SALVADOR
(maiores 16 anos)
14.00 16.00, 19.00 e 21.30 h

Avila
— T. 539930

OS DUROS
(maiores 12 anos)
15.00, 17.00, 19.10, 21.45, e 23.45 h

Avis
— T. 547163

JOGOS ERÓTICOS
(Int. m. 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Berna
— T. 776098

FILHOS DE UM DEUS MENOR
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Capitólio
— T. 372358

SEXO É OUTRA MÚSICA
(Int. m. 18 anos)
15.15, 17.30, 19.00, 21.00 e 23.00 h

Castil
T. 530194

AS VIOLETAS SÃO AZUIS
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Cinebolso
NOITES SUECAS
(Porno)
(Int. m. 18 anos)
12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30 h

Cine Camões
T. 324194

O GUARDA-COSTAS DE FERRO
(Int. 18 anos)
14.15, 16.30 e 21.30 h

Cine 222
— T. 579460

ALARME MORTAL
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

ACTO DE VINGANÇA
(maiores 18 anos)
24.00 h

Cine Portela
— T. 2524761

A VIDA É ASSIM
(maiores 12 anos)
16.00 e 21.45 h

FORA DOS LIMITES
(maiores 16 anos)
15.30 e 21.30 h

City Cine
— T. 549999

BALADA DA PRAIA DOS CÃES
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Condes
— T. 322523

HOMENS À QUEIMA-ROUPA
(maiores 18 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Eden
— T. 320768

A LEI DE MURPHY
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estudio
— T. 555134

NOVE SEMANAS E MEIA
(maiores 18 anos)
14.30, 17.00, 19.30 e 21.30 h

Estudio ACS
— T. 887255

FOGO CONTRA FOGO
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estudio 444
— T. 768078

REPÓRTER X
(maiores 12 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

Fonte Nova
— T. 7145109

O MASSACRE
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.15 e 21.45 h

A MOSCA
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

A MISSÃO
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15

Forum Picoas
HISTÓRIA DE UMA TRAIÇÃO
(maiores 16 anos)
19.00 e 22.00 h

Gemini
— T. 734009

A LEI DE MURPHY
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Hollywood
— T. 806847

PLATOON – OS BRAVOS DO PELOTÃO
(m. 16 anos)
14.15, 16.30, 19, 21.30 e 24.00 h

CROCODILO DUNDEE
(maiores 6 anos)
14.30, 16.45, 18.45, 21.30 e 23.45 h

Imperio
— T. 555134

JUSTIÇA IMPLACÁVEL
(maiores 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas
— T. 631162

HOMENS À QUEIMA-ROUPA
(maiores 18 anos)
16.15, 18.45 e 21.30 h

CROCODILO DUNDEE
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.45 h

Londres
— T. 801313

CROCODILO DUNDEE
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Mundial
— T. 538743

SALVADOR
(maiores 16 anos)
13.45, 16.15, 18.45 e 21.30 h

A MANHÃ SEGUINTE
(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.15 h

CUJO – O NOVO SÍMBOLO DO TERROR
(maiores 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

Nimas
— T. 574362

AS VIOLETAS SÃO AZUIS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Odeon
— T. 326283

DESAPARECIDO EM COMBATE
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Olimpia
T. 325309

INFERNO SEXUAL
A partir das 14 horas
Sessões contínuas
(Int. men. 18 anos)

Politeama
T. 326305

JUSTIÇA IMPLACÁVEL
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Quarteto
T. 771378

O MEU CASO
(de Manoel de Oliveira)
(maiores 12 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

A OCASIÃO DA ROSA
(maiores 16 anos)
23.30 h

O REPÓRTER X
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

REACÇÃO EM CADEIA
(maiores 16 anos)
23.30 h

O LOCAL DO CRIME
(maiores 16 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

O ÚLTIMO FÔLEGO
(maiores 16 anos)
23.30 h

SALVADOR
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

A NOITE USA LIGAS
(maiores 16 anos)
23.45 h

Roma
T. 889192

A LEI DE MURPHY
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Roxy
T. 548560

CHEGA-LHE... AMIGO!
(n/acons. m. 13 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

S. Jorge
T. 579144

SALVADOR
(maiores 16 anos)
15.30 e 18.30

A LOJINHA DOS HORRORES
(Sessão especial por convites)
21.30 h

CROCODILO DUNDEE
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.15 h

FILHOS DE UM DEUS MENOR
(m. 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

7.ª Arte
— T. 730715

SEM PERDÃO
(m. 12 anos)
14.45, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Star
— T. 804210

DUMA VEZ POR TODAS
(maiores 6 anos)
15.00,18.15 e 21.30 h

Terminal
— T. 371573

A MULHER DO PATRÃO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19 e 21.30 h

Tivoli
— T. 570595

TOUGH GUYS — OS DUROS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Turim
T. 706666

O PASSAGEIRO DA NOITE
(maiores 16 anos)
15.00, 17.30 e 21.30 h

Voxmania
— T. 880808

OS MARGINAIS
(maiores 12 anos)
15.30, 18.15 e 21.00 h

Xenon
T. 368480

ALARME MORTAL
(maiores 16 anos)
14.15, 16.30, 19 e 21.30 h

Zodíaco
— T. 570151

Exibição permanente de filmes indianos
(m. 13 anos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cineteatro — «O Menino de Ouro», às 15.30 e 21.30 h (maiores 6 anos)

AMADORA — Cinestúdio — «Platoon – Os Bravos do Pelotão», às 15.30 e 21.30 h (maiores 16 anos)

AMADORA — Babilónia — «Fogo Contra Fogo», às 15.15, 18.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

CACÉM — Cinestúdio Flores — «Saias P'ra Cima Tropa Está em Baixo», às 15.00 e 21.30 h (maiores 16 anos)

ALGUEIRÃO — Cine Teatro Chaby — «Armados e Perigosos», às 21.30 h (maiores 12 anos)

MEM MARTINS — Estúdio Dois Eme — «Peggy Sue Casou-se», às 21.30 h (maiores 12 anos).

ODIVELAS — Cineodivel — «Terras do Fim do Mundo», às 15.30 e 21.30 (maiores 12 anos).

Linha de Cascais

ESTORIL — Casino Estoril — «O Rei dos Gazeteiros», às 17.00 e 21.15 h (maiores 12 anos)

ALGÉS — Cinema 2000 — «Perigosamente Juntos», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos).

LINDA-A-VELHA — Cinetropical — «Campo do Inferno», 15.30 e 21.30 h (maiores 16 anos)

OEIRAS — Alto da Barra — Sala 1 — «A Cor do Dinheiro», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)
Sala 2 — «Os Selvagens da Rua», às 15.30 e 21.45 h (maiores 18 anos)

CARCAVELOS — Atlântida Cine — «Dois Polícias à Solta» às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

CASCAIS — Miramar — Sala 1 — «O Crocodilo Dundee», às 15.15 e 21.30 h (maiores 6 anos)
Sala 2 — «Ventos do Holocausto», às 15.30 e 21.30 (maiores 16 anos)

Outra Banda

ALMADA — Academia — «O Toiro Enraivecido», às 15.30 e 21.30 h (n/acons. m. 18 anos)

ALMADA — Cinestúdio — «O Massacre», às 15.30, 18.15 e 21.30 h (maiores 12 anos)

ALMADA — Incrível Almadense — «Missão Hong-Kong», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

COVA DA PIEDADE — Clube Piedense —«FX – Efeitos Mortais», às 21.30 h (maiores 12 anos)

COSTA DE CAPARICA — Oceano — Sala 1 — «O Massacre», às 15.45 e 21.30 h (maiores 12 anos)
Sala 2 — «Darty», às 16.15 e 21.45 h (maiores 6 anos)

BARREIRO — Cinestúdio Barreirense — «Borracho Choque para Menina Chique», às 15.00 e 21.15 (maiores 12 anos)

MARIA JOÃO PIRES NA GULBENKIAN

A Orquestra Gulbenkian dá esta noite um novo concerto no Grande Auditório, às 21 e 30, sob a direcção do maestro Lev Markis e em que actuará como solista a pianista portuguesa Maria João Pires, que interpretará a terceira série dos concertos para piano de Mozart, na audição integral que tem estado a realizar e que só terminará no próximo ano.

Desta vez, Maria João Pires, cuja carreira tem sido uma sucessão de êxitos quer em Portugal quer no estrangeiro, executará os concertos n.º 17 em sol maior, k.453, n.º 20 em ré menor, k.466 e Rondó em ré maior, k.382.

Os 2.º e 3.º concertos desta série com o mesmo programa, efectuar-se-ão no mesmo local e à mesma hora, nos dias 29 e 30 do corrente.

O maestro Lev Markis, de nacionalidade soviéticae é um maestro mundialmente conhecido e apreciado, fundador da Orquestra de Câmara de Moscovo, que dirigiu durante 10 anos. Criou depois o segundo conjunto «Os Solistas de Moscovo», em 1969, que abrangia premiados de vários concursos, assim como membros das orquestras e quartetos de cordas mais importantes. Gravou já 45 discos, com obras de alguns dos maiores compositores universais. Solistas dos mais importantes colaboram com «Os Solistas de Moscovo», tais como David Oistrakh. Tem dirigido as grandes orquestras de Moscovo e Leninegrado, executando obras de Brahms, Mozart, Schubert, Tchaikowski, Rachmaninoff, Rinsky-Korsakoff, etc. Foi também professor em Moscovo, no respectivo Conservatório, assim como em Tiflis, cuja orquestra do Conservatório ganhou o primeiro prémio no Concurso von Karajan em Berlim.

Desde a sua chegada aos Países Baixos, em 1981, dirigiu grandes orquestras holandesas, assim como na Toscana, tendo actuado com as orquestras de Luciano Berio e Claudio Abbado, além de várias orquestras do Canadá. É professor de violino, música de câmara e direcção de orquestra no Conservatório Real de Música de Haia. Os seus concertos nos principais centros musicais da Holanda grangearam-lhe grande prestígio em toda a Europa.

Maria João Pires esta noite no Grande Auditório

EXPOSIÇÕES

BIBLIOTECA NACIONAL (Campo Grande, 83): A Galeria R 75, em colaboração com a Biblioteca Nacional, apresenta a exposição de Pintura (óleos) de Catarina Castel-Branco, de segunda a sexta das 14 às 20 e sábados das 14 às 17. Patente ao público até 12 de Junho.

ARTE MIXTA - GALERIA DE ARTE (R. de S. Domingos à Lapa, 6): exposição de Escultura de Jorge Ultra Machado.

GALERIA MUNICIPAL DE ARTES VISUAIS (Viseu): exposição de «arte plástica-postal» com trabalhos de José Eduardo Rocha, até 9 de Junho.

GALERIA MONUMENTAL (Campo dos Mártires da Pátria,101): Escultura de Fernanda Fragateiro até 21 de Junho, de terça a domingo das 15 às 20.

CENTRO DE ARTE MODERNA (Gulbenkian): às 18,30, inauguração de uma exposição de Alberto Lacerda sob o lema «O Mundo de um Poeta». Cicerone: o pintor Fernando de Azevedo. É uma exposição sui generis, pois se trata de quadros que pintores foram oferecendo, ao longo da vida, ao poeta há muitos anos radicado em Londres. Expostos quadros de Vieira da Silva, Júlio Pomar, Almada Negreiros, Jorge Martins, Hockney, Paula Rego, etc. A exposição estará patente ao público todos os dias, excepto às segundas-feiras, até 11 de Junho.

GALERIA TRIANGULO 48 (Av. D. Vasco da Gama, 48-A): pintura, desenho e aguarelas de Felipa Lobato até 20 de Junho, de segunda a sexta das 14 às 20, sábados das 10 às 13.

GALERIA RESTAURAÇÃO (Av. Guerra Junqueiro, 18-C): Pintura de Christine Hélène até 20 de Junho.

Uma escultura recente de António Matos, na Galeria Monumental

GALERIA MONUMENTAL (Campo dos Mártires da Pátria, 101): esculturas recentes de António Matos até 15 de Junho, diariamente das 15 às 20 excepto segundas -feiras.

CASA DE BOCAGE (Setúbal): Pintura de Maria José Botelho de Brito até 31 de Maio.

GALERIA FRAUDE (Tv. dos Inglesinhos, 49): para inauguração desta nova galeria de arte, uma exposição com trabalhos do pintor Christian David e do designer de moda Rui Duarte, até 3 de Junho.

GALERIA ESCADA - CENTRO DE ARTE (R. da Bela Vista à Graça, 81-A): Pintura e Desenho de Graça Morais, João Vieira, José Guimarães, Meneses e Paula , até 3 de Junho, de segunda a sexta das 14 às 20. sábados das 10 às 17.

GALERIA DE S. FRANCISCO (R. Ivens, 40): esculturas de Noémia Cruz até 12 de Junho, de segunda a sexta das 10 às 13 e das 15 às 19, sábados das 10 às 13.

SNBA (R. Barata Salgueiro, 36): «Diário», Pintura-Colagem de Laura Casana até 14 de Junho, de terça a domingo das 14 às 20.

BIBLIOTECA NACIONAL (Campo Grande): a exposição «Erasmo na Biblioteca Nacional - Século XVI».

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE ECONOMISTAS (R. da Estrela, 8): exposição colectiva de pintura, escultura e tapeçaria com trabalhos de Graça Delgado, Guilherme Parente, Isabel Laginhas, Joaquim Baltazar, Justino Alves, Marília Torres, Mário Rita, Paulo Ossião, Rico Sequeira e Rui Azevedo. Até 5 de Junho.

COOPERATIVA ÁRVORE (R. Azevedo de Albuquerque, 1 - Porto): exposição de Carlos Mesquita (pintura - «Médio de In-Vocação») e de Isabel de Sá (desenhos a pastel). Patentes até 3 de Junho.

IAM-GALERIA (R. da Misericórdia, 92-1º): «O Fabuloso Mundo do Xadrez», uma exposição com trabalhos de Mário Duarte até 27 de Maio.

GALERIA DE ARTE ESTÚDIO CIDADE (R. do Bocage, 59-1º): Pintura de Ricardo Paula até 18 de Junho.

GALERIA DE ARTE BERTRAND DO CHIADO: exposição de Vieira da Silva e Arpad Szenes.

HOTEL MERIDIEN LISBOA: tapeçarias de Madeleine Colaço até 30 de Maio, das 9 às 23 horas.

GALERIA ESPAÇO 2062 (Amoreiras Shopping Center): I salão de Pintura e Escultura «Colectiva Encontro», com trabalhos de alguns dos maiores nomes da nossa pintura e escultura: João Hogan, Hilário Teixeira Lopes, Ivone Ballet, Álvaro Perdigão, António Carmo, Costa Martins, Vítor Palla, Carlos Resende, Estevão Soares, Guilherme Casquilho, Luís Ralha, Luís Lobato, Rogério Amaral, Alberto Gordillo, António Trindade, João Duarte e Virgílio Domingues.

SNBA (R. Barata Salgueiro, 36): exposição de homenagem ao arquitecto Francisco da Conceição Silva.

GULBENKIAN (Exposições Temporárias): exposição de Alberto Lacerda - O Mundo de um Poeta.

PALMA-GALERIA DE ARTE: pintura de Raul Taveira e escultura de

GALERIA DE ARTE DE TAVIRA: Pintura de José Passos até 12 de Junho, todos os dias das 10 às 13 e das 15 às 19.

VILA FRANCA DE XIRA (salão da Junta de Freguesia): Pintura de Manuel Constantino até 31 de Maio das 14 às 19 e das 21 às 23.

POUSADA DO CASTELO DE PALMELA: Pintura de António Viana até 28 de Junho.

JUNTA DE FREGUESIA DE SANTIAGO: Pintura de Paula Carmelo até 6 de Junho.

TEATRO MUNICIPAL MIRITA CASIMIRO (Estoril): Pintura de Emília Nadal organizada pela Câmara de Cascais, até 14 de Junho todos os dias das 15 às 20 excepto segundas-feiras.

GALERIA A. S. (R. das Flores, 60): Pintura de Lopes da Cruz com o título «Pequeno Mundo», até 4 de Junho de segunda a sábado das 13 às 19,30.

SNBA (R. Barata Salgueiro, 36): pintura a óleo de Luís Castro Lopo até 31 de Maio, das 14 às 20 (encerra às segundas-feiras).

GALERIA LAPUB (Figueira da Foz): Pintura de Maria Gabriel até 7 de Junho, de segunda a sexta das 14 às 18 e das 21 às 23, sábados e domingos das 15 às 19.

GALERIA DE ARTE CAPITEL (Leiria): Pintura de Sansão Cossa até 1 de Junho, todos os dias das 10 às 13 e das 15 às 19.

GALERIA BAR (R. da Imprensa Nacional, 34): a «Entre Telas» apresenta uma exposição de Teresa Barbieri, patente ao público até 13 de Junho, de segunda a sexta das 17 às 20, sábados das 22 às 2.

RITZ CLUBE (R. da Glória, 57): desenhos e esculturas de Rui F. Pimentel.

GALERIA NOVO SÉCULO (R. do Século, 23-A): exposição com trabalhos de Z. Risques Pereira.

GALERIA ALMADA NEGREIROS (Av. da República, 16): Pintura de Dominguez Alvarez.

MUSEU MUNICIPAL DE LOURES: desenhos de Francisco José Simões, até 4 de Junho.

GULBENKIAN (Exposições Temporárias do CAM): Pintura de Arpad Szenes subordinadas ao tema genérico «Luz - Portugal», com a colaboração de Maria Helena Vieira da Silva, Guy Weelen e o director do CAM, José-Augusto França.

GALERIA TEMPO (R. Nova de S. Mamede, 17-A): pintura de Manuel Lameira Até 31 de Maio, de segunda a sábado das 16 às 20.

VALE TUDO MENOS TIRAR OLHOS (R. Rodrigo da Fonseca, 25): fotografia de Sena da Silva.

GALERIA EMI (R. da Cruz dos Poais, 111): até 31 de Maio, Tadeusz Myslowski expõe pintura, escultura e desenho.

ESPACE ALLIANCE (R. Braamcamp, 13): «Mytholusismes», uma exposição de Pintura de Lima de Freitas até 29 de Maio, nos dias úteis das 10 às 13 e das 14 às 19,30.

MÓDULO (Av. Ant. Augusto de Aguiar, 56-5º-Dt.): Pintura de Ana Vidigal até 31 de Maio, de segunda a sábado das 16 às 20.

ALCANENA (Átrio da Câmara Municipal): exposição de fotografias de Miguel Simão, integrada nas comemorações do 73º aniversário do concelho de Alcanena.

GALERIA MUNICIPAL DA AMADORA: até 31 de Maio, uma mostra da Arte Decorativa da República da Georgia (URSS), organizada pela Associação Portugal-URSS. Nesta exposição pode ver-se como a procura de novas formas se combina com as tradições da expressão artística popular.

GALERIA DAS ESCADINHAS DO ARCO DONA ROSA, 7 em ALFAMA (entrada pelo Páteo dos Remédios): pintura de Inácio Matsinhe até 30 de Maio, todos os dias excepto segundas-feiras das 10 às 21.

MUSEU DE ARTE ANTIGA: «O Livro e a Arte», exposição promovida pela Embaixada da França em Lisboa.

GALERIA DO RESTAURANTE ESCORIAL (R. das Portas de Santo Antão): Pintura de Manuela Cardoso até 30 de Maio, das 12 às 24.

GALERIA DO PÁTEO ALFACINHA: pintura de Kira até 28 de Maio, das 15 às 22.

SNBA (R. Barata Salgueiro, 36): Pintura de Maria Antónia Santos,com o título «Um Olhar a Sul» até 31 de Maio.

CONSTÂNCIA: com organização da Câmara Municipal, uma exposição de José Coelho (Pintura e Escultura) até 10 de Junho, patente aos sábados, domingos e feriados.

MÚSICA

LOUCURAS: a convidada desta noite (mais uma quinta-feira tranquila) é nem mais nem menos do que a Hermínia Silva que, acompanhada pela Orquestra da Felicidade do Brilho e da Glória dirigida pelo maestro Jaime de Oliveira, vai cantar «Marchas de Lisboa». Acontecimento a não perder.

Farmácias

Lisboa — PERMANENTE — ALAMEDA D. AFONSO HENRIQUES: Esperança, R. Carlos Mardel, 101-B (T. 882968); **ALCÂNTARA: Bairrão**, R. Prior do Crato, 27 (T. 661321); **ANJOS - AO CINEMA ROXY: Guerra**, R. Andrade, 32-36 (T. 845513); **AVENIDA DE ROMA - BAIRRO DE SÃO MIGUEL: São Miguel**, P. Francisco Morais, 1 (T. 771469); **BAIXA: Morão**, R. da Assunção, 17-19 (T. 878269); **BELÉM - ALTINHO: Gomes, Sucursal**, R. da Junqueira, 326-328 (T. 638193); **CHELAS - ZONA N.º 2: Almeida Vaz**, R. Pardal Monteiro, lote 248, loja 92 (T. 855673); **ENCARNAÇÃO: Zira**, P. das Casas Novas, 5-A (T. 311216); **ESTADOS UNIDOS: Gasparinho**, R. Dr. Gama Barros, 54-A (T. 890465); **LAPA: Central da Lapa**, R. dos Navegantes, 10 (T. 661734); **LUMIAR: Alameda**, Al. das Linhas de Torres, 201-B (T. 790942); **LUZ - 2.ª CIRCULAR: J. Ribeiro**, E. da Luz, 199-A (T. 720969); **PICHELEIRA: Marluz**, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **SÃO SEBASTIÃO: Sagres**, Av. Luís Bívar, 69-71 (T. 547213); **BRANDOA - AMADORA: Brito**, R. 25 de Abril, lote 32-B (T. 995338); **CARNAXIDE: Central de Carnaxide**, Av. de Portugal, 16-B (T. 2184913); **ODIVELAS: Catela Tavares**, R. Prof. Dr. Augusto Abreu Lopes, 29-A (T. 9815446); **PONTINHA: Leitão Ribeiro**, R. A do Falcão, 3-A (T. 993912).

REFORÇO — ALFAMA: Costa, R. das Escolas Gerais, 88-A (T. 863940); **ALTO DE SANTO AMARO: Tapada**, C. da Tapada, 83-A (T. 634721); **ALVALADE: Sanex**, Av. da Igreja, 31-C (T. 897505); **ARCO DO CEGO: Providência**, R. D. Filipa de Vilhena, 9-C (T. 770324); **BENFICA - PORTAS DE BENFICA: Benfica**, E. de Benfica, 678-E (T. 702532); **CAMPO DE OURIQUE: Almeida**, R. Silva Carvalho, 136 (T. 681726); **FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN: Berne**, Av. de Berna, 44-A (T. 773568); **MADRE DE DEUS: Madre de Deus**, R. da Margem, 15-B (T. 382470); **MARQUÊS DE POMBAL: Branco**, Av. Duque de Loulé, 61-65 (T. 545048); **PENHA DE FRANÇA: Carrondo**, R. Padre Sena Freitas, 10-A (T. 842518); **PRÍNCIPE REAL - SÃO BENTO: Confiança**, P. das Flores, 59-60 (T. 670401); **BURACA - AMADORA: Vaz Martins**, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO: Nova**, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO: Matos**, T. das Prioras (T. 2519939).

Outra Banda — ALMADA: Central, R. de Olivença, 11-B (T. 2750504). Permanente; **COVA DA PIEDADE: Avelar da Silva**, R. Dr. Alberto Araújo, 19-A (T. 2750337). Permanente; **MONTE DE CAPARICA: Guerreiro**, lote 31-I-J, Moinho (T. 2950727). Até às 19 horas; **COSTA DE CAPARICA: Chai**, Av. General Humberto Delgado (T. 2403218). Até às 19 horas; **LARANJEIRO: Oliveira Sérgio, R.** dos Álamos, 2-A (T. 2296464). Até às 22 horas; **SESIMBRA: Lopes**, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028). Até às 19 horas; **LAVRADIO: Parreira**, R. D. Silva Cristino, 15-A (T. 2042016). Até às 19 horas; **BARREIRO: Normal**, Av. Alfredo da Silva, 116 (T. 2073035). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Cardoso**, Av. da Liberdade, 59 (T. 2041044). Até às 19 horas; **CORROIOS: Lino**, Alfarim, Sesimbra (T. 2232841). Até às 19 horas; **CRUZ DE PAU: Fonseca**, R. do Ribatejo, 2-A (T. 2211131). Até às 22 horas; **SEIXAL: Soromenho**, P. Paiva Coelho, 38 (T. 2213560). Até às 22 horas; **MONTIJO: Giraldes**, R. Almirante Reis, 45 (T. 2310008). Até às 22 horas; **MOITA: União Moitense**, Av. Dr. Teófilo Braga (T. 239025). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS: Portugal**, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 2040250). Até às 19 horas; **ALCOCHETE: Nunes**, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 2340137). Até às 19 horas; **SETÚBAL: Moreira Martins**, P. Olga Sarmento, 14 (T. 26051). Permanente; **Brasil**, P. do Brasil, 15 (T. 24788). Permanente; **Costa**, R. da Misericórdia, 48 (T. 22760). Até às 22 horas.

Linha de Cascais — ALGÉS: Cabrita, P. de Miraflores, lote 12 (T. 4101486). Permanente; **LINDA-A-VELHA: Moderna**, Av. 25 de Abril, 30-C (T. 419235). Até às 19 horas; **TIRES: Guimarães**, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho**, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS: Pargana**, Av. Eng. Bonneville Franco (T. 2435147). Permanente; **OEIRAS: Oeiras**, L. Henrique de Paiva Couceiro (T. 2430485). Até às 22 horas; **CARCAVELOS: Vilar**, Av. Maria da Conceição, lote B (T. 2470777). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, R. Afonso de Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; **PAREDE: Aisir**, Av. Gago Coutinho, Bairro das Caixas de Previdência (T. 2472948). Permanente; **SASSOEIROS: Amaral Semblano**, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE: Imani**, lote 7-B, Hera (T. 2852121); **MADORNA: Madeira**, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL: Suíça**, Cruzeiro (T. 260087). Até às 22 horas; **CASCAIS: Cascais**, R. Conde de Monte Real, Bairro das Caixas (T. 280214). Permanente.

Linha de Sintra — AMADORA: Flama, R. Elias Garcia, 78-B (T. 4932485). Permanente; **Igreja**, P. da Igreja, 22-A (T. 4937740). Até às 22 horas; **DAMAIA: D. João V**, Av. Gurgel do Amaral, 2-A (T. 970461). Até às 22 horas; **QUELUZ: Correia**, L. do Mercado, 3 (T. 950045). Permanente; **CAMARATE: Nova da Charneca**, R. Cidade de Lisboa, 9-A (T. 2571626). Até às 19 horas; **CACÉM: Guerra Rico**, Av. dos Bombeiros Voluntários (T. 9244002). Permanente; **MEM MARTINS: Química**, E. de Mem Martins, 285 (T. 9210012). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade de Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RINCHOA: Cargaleiro Lourenço**, C. da Rinchoa, 38 (T. 9262006). Até às 22 horas; **COLARES: Abreja** (T. 9290088); **SÃO PEDRO DE SINTRA: Valentim** (T. 9230456). Permanente.

Outras Farmácias — MOSCAVIDE: Banha, Av. de Moscavide, 22-A (T. 2518518). Até às 22 horas; **SACAVÉM: Maria**, R. Salvador Allende, lote 2 (T. 2514369). Permanente; **LOURES: Saraiva**, Av. da República, 86 (T. 9830027). Até às 22 horas; **AVEIRO: Alá**, P. Dr. Joaquim M. Freitas, 5 (T. 23314). Permanente.

TEATROS

Comuna

P. de Espanha — Tel. 726 08 18

6.ª e sábado, às 23.00 **Sala Café Concerto**

«**FARSA VOCÊ MESMO!**«, de Carlos Paulo, Abel Neves e Jaime Calheiro. Interpretação de Almeno Gonçalves, Amélia Videira, Alfredo Brissos, Carlos Paulo, Manuela Couto e Paulo Ferreira.

Sala 2 Sábado e domingo, às 15.00

«**A VIAGEM**«, de Sophia de Mello Breyner Andresen. Adaptação cénica de João Brites, pelo Teatro «O Bando».

Teatro Nacional D. Maria II

Rossio — Tel. 37 22 46

De terça a sábado, às 21.45; domingo, às 16.30

Sala Experimental

«**UMA NOITE EM CHEIO**«, de Stephen Poliakoff. Encenação de João d'Avila. Interpretação de Ângela Pinto, Isabel Bernardo e Durval Lucena.

Teatro Ibérico

R. de Xabregas, 54 — Tel. 38 25 31

De 3.ª a sábado, às 18.30; domingos, às 17.00

«**QUEM TEM FARELOS**« e «**O PRANTO DE MARIA PARDA**«, de Gil Vicente. Pelo Teatro Ibérico. Criação colectiva com a coordenação cénica de Branco Xil.

Algés — Palácio dos Anjos

Sextas e sábados, às 21.30

«**HUMILHADOS E OFENDIDOS**«, de Dostoievski. Pelo 1.º Acto, Clube de Teatro Autónomo. Encenação de Armando Caldas.

Maria Matos

Av. Frei Miguel Contreiras — Tel. 89 70 17

De 3.ª a sábado, às 20.30 e 22.45; domingo e feriados, às 16.00

«**ESCRITA EM DIA**« Nova versão de «Isto É Maria Vitória», original de Henrique Santana, Francisco Nicholson, Rogério Bracinha com a colaboração de Mário Zambujal.

Laura Alves

R. da Palma, 251 — Tel. 86 47 56

3.ªs, 4.ªs e 5.ªs, às 21.30; 6.ªs, sábados e domingos, às 20.30 e 22.45; domingos e feriados, às 16.00

«**CÁ ESTÃO ELES**«. Texto de César de Oliveira e Varela Silva. Interpretado por Camilo de Oliveira, Luísa Barbosa e Maria Armanda, entre outros.

TIL — Teatro Infantil

R. Leão de Oliveira, 1 — Tel. 63 99 74

Sábados, domingos e feriados, às 16.00

«**O AVESTRUZ MECÂNICO**«. Baseado em histórias de José de Lemos. Encenação de Bento Martins. Elenco: Agostinho Macedo, entre outros.

Às 16.00

«**ESOPAIDA**«, de António José da Silva, «O Judeu».

Teatro ABC

Parque Mayer — Tel. 36 67 45

De 3.ª a sábado, às 20.30 e 23.00; domingos e feriados, às 16.00

«**LISBOA, TEJO E TUDO**«, de César de Oliveira, Raul Solnado e Fialho Gouveia. Encenação de César de Oliveira.

Centro de Arte Moderna

R. Dr. Nicolau Bettencourt — Tel. 73 43 09

Terças e quartas, às 18.30; quintas, sextas e sábados, às 21.30; domingos, às 15.00

«**HAMLET**«, de William Shakespeare. Pelo Acarte. Tradução de Sophia de Mello Breyner Andersen. Encenação: Carlos Avilez. Cenários: José Rodrigues. Música: António Pinho Vargas.

Teatro da Graça

De 3.ª a sábado, às 21.00; domingo, às 16.00

«**O PAÍS DO DRAGÃO**«, de Tennessee Williams. Pelo Grupo de Teatro Hoje. Encenação de Carlos Fernando. Intérpretes: Alexandre de Sousa, Elias Lisboa, Fernanda Coimbra, Isabel de Castro, Lia Gama, Manuel Mendes, Maria José Pascoal, Maria José e Rui Pedro. Cenografia de Dalton Salem Asseff.

Casa da Comédia

R. da Cintura do Porto de Lisboa — Tel. 67 61 91

De 3.ª a domingo, às 21.30

«**O FÍSICO PRODIGIOSO**«. Adaptação e encenação de André Nuno. Interpretação de Jorge Alonso, André Nuno, Isabel Balbi, Jorge Tavares, Leonor Alcácer, Paula Sá Nogueira e Miguel Abreu.

Variedades

Parque Mayer — Tel. 32 60 37

Todas as noites, às 21.30; domingos e feriados, às 16.00

«**AQUI HÁ FANTASMAS**«, original em português de Henrique Santana. Encenação de Henrique Santana. Intérpretes: Henrique Santana, Rita Ribeiro, Henrique Santos, Carlos Quintas, Armando Cortez, Maria Helena Matos, Luís Alberto e António Feio.

Casa do Pessoal do Porto de Santos

R. de São Francisco de Borja, 24 — Tel. 60 72 99

De 3.ª a sábado, às 21.45; domingos às 17.00

«**ELECTRA OU A QUEDA DAS MÁSCARAS**«, de Marguerite Yourcenar. Encenação de Filipe La Féria.

Teatro «A Barraca»

R. Alexandre Herculano, 70 — Tel. 68 63 00

De 3.ª a sábado, às 21.45; sábados e domingos, às 16.00 e 21.45

«**O DIABINHO DA MÃO FURADA**«, de António José da Silva, «O Judeu». Encenação de Hélder Costa. Interpretação de João Maria Pinto, Maria do Céu Guerra e Paula de Sousa, entre outros.

Teatro da Academia Almadense

R. Capitão Leitão, 64 — Tel. 275 21 75

6.ª e sábado, às 21.30; domingo, às 16.00

«**O FIM DA ENFERMEIRA JOÃO**«, de Frank Marcus. Pela Companhiaa de Teatro de Almada. Encenação de Artur Ramos.

Porto — Teatro Sá da Bandeira

R. Sá da Bandeira, 108 — Tel. 2 25 50

Todos os dias, às 21.30, aos domingos, tambem às 16.00

«**TUDO NA BOA VAI ELA!**«, de Coelho Junior e Lopes de Almeida. Encenação de Lopes de Almeida.

Porto — Tearto

R. do Heroísmo, 86 — Tel. 57 32 65

5.ª e 6.ª, às 21.30; sábado e domingo, às 16.00 e 21.30

«**MÉROPE — LIBERDADE OU MORTE**«. Pelo TEAR. Encenação de Castro Guedes.

Porto — Teatro Campo Alegre

R. Campo Alegre, 627 — Tel. 38 21 31

De 3.ª a domingo, às 21.45; domingo, às 16.00

«**O MOTIM**«, de Miguel Franco; pelo Seiva Trupe. Encenação de Norberto Barroca. Intérpretes: António Reis, Estrela Novais, Alfredo Correia, Luís Cunha e Lourdes Rodrigues.

Teatro dos Modestos

R. Gonçalo Cristóvão, 190 — Tel. 2 04 12

De 3.ª a sábado, às 21.30; domingo, às 18.00

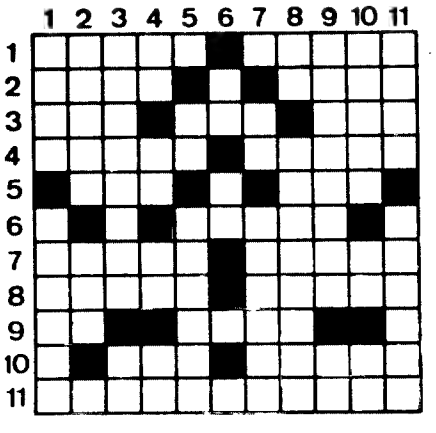
«**A NOITE DA SENHORA LUCIANA**«, de Copi. Encenação de Fernanda Lapa. Pel'«Os Comediantes».

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 15872

HORIZONTAIS:

1 Curam. Ruínas de habitação.
2 Freguesia do concelho de Mondim de Basto. Artigo definido. Freguesia do concelho de Arouca.
3 Benefício. Distrito da ex-Índia Portuguesa. Cólera.
4 Escritor espanhol, cronista dos Reis Católicos. É o Messias anunciado pelos profetas.
5 Sapo do Amazonas. Joeira.
6 Desgasta por fricção.
7 Rio do Congo Francês. Jamais.
8 Cada uma das diferentes aparências que a Lua nos apresenta durante uma lunação. Içais.
9 Preposição e artigo. Prefixo grego que indica direcção oposta, oposição, contrariedade.
10 Cidade da Ucrânia. Capital do Canadá.
11 Caíssemos à cama.



VERTICAIS:

1 Rainha também chamada Belkiss. Incomoda.
2 Ímpia. O mesmo que ion.
3 Critiques (fig). Bário (s.q).
4 Nesse lugar. Ruténio (s.q). Rénio (s.q). Antes do meio-dia.
5 Gálio (s.q). Trilhara.
6 O sono das crianças. Despido.
7 Agora (inv). Inerentes.
8 Alternativa. Európio (s.q). Inflamação das gengivas.
9 Nome de mulher. Amónio (s.q).
10 Divide em ruas. Cento e um em romano. Verso.
11 Rates. Puras.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 15871

HORIZONTAIS:

1 A. PALAVRAS.
2 Uva. Anoirá.
3 Limasses. Lê
4 Ali. Moral.
5 Arpão. Ti.
6 Lo. Arruas.
7 Criem. Cão.
8 Aral. Tatu.
9 Cate. Há.
10 Amaciarias.
11 Seroas. Umas.

VERTICAIS:

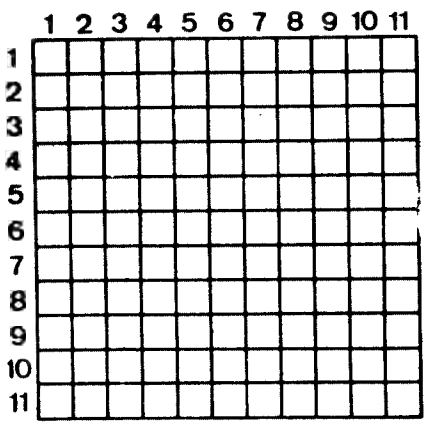
1 Aula. LOUCAS.
2 Vilão. Ame.
3 Pamir. Catar.
4 Parreco.
5 Lascaria. Ia.
6 Ans. ORELHAS.
7 Voem. Um. Ar.
8 Risota. Iu.
9 Ar. Riscaram.
10 Salá. AT.
11 El. MOUCAS.

PROVÉRBIO: A palavras loucas, orelhas moucas.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 17042

HORIZONTAIS:

1 Recusa. Abreviatura da palavra inglesa mister (senhor). Larva das feridas dos animais.
2 Antes do meio-dia. Tires da cama.
3 Pessoa sem importância (pop). Seguia.
4 Agora. Farrapos.
5 Charruas.
6 Experimentado. Ecoa.
7 Existência (pl).
8 Fileira. Vossa alteza.
9 Caminhar. Concordar.
10 Mensagens. Nome de mulher.
11 Desejaram. Pronome pessoal.



VERTICAIS:

1 Natural. Terra reduzida a pó.
2 Poisar no mar (o avião). Coisa (ant).
3 Em a. Ovário dos peixes. Centiare.
4 Nota musical. Rebaixar.
5 Rotina (fig). Concede.
6 Mil e cinco em romano. Porto abrigado por terras mais ou menos altas. Preposição.
7 Esmagados. Ósmio (s.q).
8 Rio de Itália. Prefixo de privação.
9 Nome antigo da nota musical dó. Cada uma das partes duras e calcificadas que formam o esqueleto dos animais. Forma apocopada e proclítica de vale.
10 Monarcas. Origem.
11 Pega. Cobriras.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 17041

HORIZONTAIS:

1 Ce. Vilar. Ao.
2 Elias. Polas.
3 Lê. Socar. Rs.
4 Lar.
5 Coma. Trio.
6 Ar. Ar. Aios.
7 Mestra. Rosto.
8 Ápia. Ri.
9 Ris. Dom. Bar.
10 Atacas. Coso.
11 Malar. Som.

VERTICAIS:

1 Cela. Amaram.
2 Ele. Crepita.
3 Bo. Sisal.
4 Vãs. Mata. Ca.
5 Isolara. Dar.
6 Cá. Nós.
7 Apartar.
8 Ror. Rios. Co.
9 Pios. Bom.
10 Aar. Ostras.
11 Ossa. Oiros.

Radio

Antena Um

16.00: Pequeno jornal e rock-lândia; **18.00**: Regressos; **19.00**: Informação e música; **20.00**: No estúdio e no estádio; **20.15**: Música portuguesa; **20.30**: A viver também se aprende; **21.00**: Musical; **21.30**: Imaginári. Noticiários de hora a hora.

Rede Nacional-FM2 Estéreo

15.45: Sinfonia, n.º 2, de João Domingos Bomtempo; **16.30**: Álbum musical; **17.00**: Histórias da História; **17.30**: «Passeio Musical de Trenó», de Mozart; **18.00**: Trechos de óperas, de Saint-Saëns, Pizzeti e Verdi; **18.40**: Aberturas de óperas, de Suppé; **19.00**: Integrais; **19.28**: Quarteto, n.º 3, de Bela Bartok; **19.45**: «Novas Canções de Amor», de Brahms; **20.05**: SUITE, «West Side Story», de Leonard Bernstein; **20.40**: Interpretações do violinista Cho-Liang Lin; **21.00**: Histórias de música e outras; **21.30**: Octeto, de Henk Badings; **22.00**: 2.º acto, da ópera «Rigoletto», de Verdi; **23.30**: Concerto sinfónico; **00.50**: Último andamento; **01.00**: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Programa da tarde; **17.00**: Feira mágica; **20.00**: Peça que a gente passa; **22.00**: Portugal e a CEE; **22.15**: Religiosos; **22.30**: Tempo e resultados; **23.00**: 24.ª hora; **01.00**: É de noite... já se vê; **03.00**: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: Casa da música; **16.00**: Som da frente; **17.00**: Rock em stock; **18.00**: Círculo em FM; **19.00**: Ao fim e ao cabo; **20.00**: Nova geração; **21.00**: O sabor da música; **22.00**: As mil e uma noites; **23.00**: Em órbita; **00.00**: Morrison Hotel; **02.00**: O rock pode esperar; **03.00**: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
Canal 1-Rede Nacional de OM e FM

15.00: Terceira vaga; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Fim-de-tarde; **20.00**: Programa da LAR; **20.30**: Cidade nova; **21.00**: Luzes da ribalta; **23.00**: Bola branca; **23.30**: Suplemento especial; **23.55**: Meditando.

Voz do Alentejo

15.00: Boa tarde, Alentejo; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Grande bazar.

Voz de Lisboa

15.00: Rádio da cidade; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Sete colinas; **20.00**: Diálogo; **20.30**: Transmissão do terço; **21.00**: Música no espaço; **22.00**: Cantar português; **23.00**: Bola branca; **23.30**: As canções da meia-noite; **23.57**: Meditando.

Voz do Porto

15.00: Passeio alegre; **18.00**: Bola bran- **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Informação e música; **20.00**: Porto de abrigo; **20.30**: Meia de música.

TELEVISÃO

RTP 1

18.02 - Sumário
18.06 - Brinca Brincando
«Mop and Smiff» e «O Vento nos Salgueiros»

18.50 - Show Bis
19.30 - Telejornal
20.00 - Bolsa Dia a Dia
20.05 - Boletim Meteorológico
20.10 - Vamos Jogar no Totobola
20.05 - Palavras Cruzadas

98º Episódio: – Luis e Carlota são surpreendidos pela visita inesperada de Francisco e Mina, que tentam disfarçar o seu embaraço e se despedem dizendo que tinham combinado jantar fora. Francisco e Mina falam no casamento durante o seu romântico jantar. Mina pede a Francisco uma prova de que já não pensa em Margarida para então se dicidir a casar com ele. Francisco acede a irem a casa de João e Margarida para ela ver com os seus próprios olhos que está tudo esquecido. Marta ajuda Margarida a tratar do bebé, quando tocam à porta. É Francisco que, tal como tinha prometido a Mina, vai a casa do irmão restabelecer relações, mostrando assim que não sente qualquer despeito. Margarida sente–se mal e desmaia. Dada a presença de Francisco, é ele que a leva à clinica, enquanto Marta fica a tomar conta do bebé. Mais tarde, Luis, desfeito em lágrimas, dá a Francisco a triste notícia de que Margarida acaba de morrer.

21.10 - Alf - Uma Coisa do Outro Mundo

12º Episódio: – Alf, sem querer, cortar a árvore de natal dos Tanners em achas para a lareira e Willie vai até à cidade para comprar outra. Surpreendido pelos preços, decide compar uma árvore artificial, mas ao chegar a casa não consegue monta–la. Alf e Willie decidem então ir até às montanhas cortar a sua própria árvore, mas o carro de Willie fica atolado na lama. Enquanto esperam que alguém os socorra, adormeçem e Willie tem um sonho perfeito...

Realização: Tom Patchett e Peter Bonerz

21.40 - Face a Face
22.20 - Primeiro entre Iguais

5º Episódio: – Charles Seymour enfrenta a mulher pela primeira vez desde que a encontrara na cama com Alexendre Dalglish.

Simon Kerslake, traído por Charles, vê–se obrigado a lutar em defesa dos seus interesses políticos e financeiros.

Raymond Gould e a mulher têm uma discussão violenta.

Andrew Fraser é convidado para assumir a liderança de um partido político.

Realizador: Brian Mills

23.35 - 24 Horas
00.00 - Remate

RTP 2

15.00 - Agora, Escolha!
16.30 - Notícias
16.35 - Trinta Minutos Com...
«Simão Pinto Mesquita»

Às 22.20 no 1º canal, o 5º episódio da série «Primeiro entre Iguais»

17.05 - Countdow
18.00 - Estádio
Campeonato da Europa de Voleibol

20.05 - Hitchcock Apresenta
24º Episódio

20.30 - Uma Família às Direitas
135º Episódio

21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Montra de Livros
21.35 - O Tempo e o Vento
8º Episódio

22.10 - Africa

8º e último episódio: – o último episódio estuda os problemas e os êxitos dos novos países independentes africanos. A herança das administrações europeias nem sempre foi facilmente conciliável com as tradições africanas e as arbitrárias fronteiras dos tempos coloniais estão na origem de muitas das actuais dificuldades dos países africanos. A sua economia continua dependente da agricultura extensiva e das matérias primas controladas pelos países ricos do mundo. A agricultura tradicional foi desprezada e as populações afluem às cidades em busca de bens de consumo importados de que se tornaram dependentes.

Basil Davidson analisa os actuais problemas de África em algumas das suas mais importantes capitais, e entrevista estadistas como Mugabe, do Zimbabwe, e Senghor do Senegal.

O 8º e último episódio de «África»

AMANHÃ

RTP-1

10.02 - Às Dez
12.15 - Cambalacho
13.00 - Jornal da Tarde
13.35 - Ciclo Preparatório TV
17.30 - Mira Rádio
18.02 - Sumário
18.05 - Brinca Brincando
18.50 - Show Bis
19.30 - Telejornal
20.00 - Bolsa Dia a Dia
20.05 - Boletim Meteorológico
20.10 - Palavras Cruzadas
20.05 - A Arte de Bem Cozinhar
21.05 - Noites de Gala
22.40 - O Programa das Festas
23.15 - 24 Horas
23.45 - Remate
23.35 - Pela Noite Dentro

RTP-2

14.17 - Os Imigrantes
15.00 - Agora, Escolha!
16.30 - Notícias
16.35 - Trinta Minutos Com...
17.05 - Countdown
18.00 - Estádio
20.05 - Hitchcock Apresenta
20.30 - Uma Família às Direitas
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Montra de Livros
21.35 - The Optimiste
22.00 - Troféu
22.30 - O Soldado Schulz

Cabeleireiro Eva

— É um cabeleireiro para as senhoras que não dispõem de tempo e não querem gastar muito dinheiro.

MANICURE – PEDICURE – DEPILAÇÕES – SAUNA
Pr. Marquês de Pombal, 1 — Lisboa

GRUNDIG seleccionou para si...

RTP 1
21.50
- Primeiro Entre Iguais

RTP 2
22.15 - Africa

GRUNDIG PORTUGUESA
comércio de artigos electrónicos, Lda.
Rua Barata Salgueiro, 17
Apartado 1495 LISBOA
Telef. 419570

Palavras Cruzadas

PORTE PAGO

DL

Propriedade, Composição e Impressão: RENASCENÇA GRAFICA, SARL
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos RUA LUZ SORIANO, 44 — 1200 LISBOA
TELEFONES 32 11 54 5 – 32 02 71 2 3 Publicidade 36 87 40
Serviço da noite (depois das 21) Porteiro 32 11 54 Redacção 32 02 71 '2 '3
Endereço Telegráfico DIBOA — Telex 12 363 LISBOA PORTUGAL
Distribuição INTERPRESS Rua do Norte 115-1 — 1200 LISBOA
TELEFONES 32 21 00 – 32 22 04 – 32 07 84
Preço do «DL» na Madeira 40$00
DEPÓSITO LEGAL: 1426/82

Fundador Joaquim Manso Director A. Ruella Ramos Director adjunto Fernando Piteira Santos

ÚLTIMA HORA

O consumo de alimentos fumados, salgados e conservas pode ser um dos factores causadores de cancro do estômago, um dos tumores do tubo digestivo mais frequentes em Portugal, revelou o especialista Cruz Pinho, da comissão organizadora do VII Congresso de Gastrenterologia que hoje começou no Estoril. Factores como o «stress», o abuso do alcool, do café e do tabaco, os hábitos alimentares deficientes, o consumo de alimentos contendo contaminantes químicos e a deglutição apressada dos alimentos, estão na base das doenças gastrentorológicas, acrescentou o especialista.

Professores desfilam hoje em Lisboa

Os professores participam hoje em Lisboa num desfile que terminará em concentração junto às instalações do Ministério da Educação, na Avenida 5 de Outubro.

A concentração inicial far-se-á às 18 e 30, na praça Marquês de Pombal.

Simultaneamente, a entidade promotora da manifestação, a Federação Nacional dos Professores, lançou entre a classe um abaixo-assinado de apoio a este desfile.

Em conferência de Imprensa, recentemente realizada, a Federação divulgou as principais reinvidicações dos professores: apresentação pelo Ministério da Educação do seu projecto de estatuto da carreira docente (já prometida pelo ministro a seguir às férias da Páscoa); criação de quadros complementares para Professores não efectivos; publicação do decreto já negociado de aumento dos subsídios de especialização; introdução de alterações urgentes ao projecto de formação em serviço e moralização do concurso para efectivos provisórios.

Os docentes reclamam ainda o alargamento da rede publica dos jardins de infância; aplicação de Lei de Dedicação Exclusiva e revisão da PRT das IPSS e salários dignos.

Amanhã, devido a greve

Quatro horas sem portagem na Ponte 25 de Abril

Greves parcelares marcadas para amanhã, sexta–feira, pelos trabalhadores das portagens da ponte 25 de Abril, devem permitir aos automobilistas atravessar a ponte sem pagar durante quatro horas do dia. Os 60 trabalhadores paralisam da meia–noite à uma e das nove ás 10, na parte da manhã, e das 16 às 17 e das 19 às 20, no período da tarde.

Um porta–voz do Sindicato da Função Pública do Sul informou que se pretende a actualização do abono para falhas, actualmente de 400 escudos. Acrescentou Carlos Drummond Borges que o Governo está obrigado por legislação de 1980 a uniformizar aquele abono em toda a Função Pública o que não tem feito, pois há serviços que pagam, para este efeito,10 por cento do vencimento da letra J, ou seja, 4.510 escudos mensais.

Epoca balnear abre na próxima segunda-feira

A época balnear de 1987 abre oficialmente na próxima segunda-feira, dia 1 de Junho, segundo informou o Estado-Maior da Armada. Naquela data o subdirector do Instituto de Socorros a Naúfragos, comandante Sousa Machado, irá pelas 10 horas à praia do Tamariz, no Estoril, hastear a bandeira relativa ao estado do mar, abrindo assim oficialmente a época.

A partir de então, e até finais de Setembro, as praias portuguesas deverão registar grande afluência, desde o concelho de Caminha ao de Vila Real de Santo António, tanto de nacionais como, sobretudo no Sul, de estrangeiros.

Atribuídos 12 milhões para saneamento financeiro dos Municípios

O «Diário da República» de hoje insere um decreto governamental que cria uma linha de crédito até 12 milhões de contos para saneamento financeiro dos Municípios que recorram a contratos de reequilibrio financeiro.

De acordo com o preâmubulo do diploma, trata–se de uma intervenção excepcional que permite aos Municípios recorrer a linhas de crédito e condições mais favoráveis do que as do mercado, permitindo–lhes a liquidação integral das dívidas vencidas e não satisfeitas.

DECLARAS

TORRES COUTO, secretário–geral da UGT, assistirá, no próximo dia 3 de Junho, ao julgamento da Comissão de Trabalhadores da Fábrica Vista Alegre, que se realiza no Tribunal do Trabalho de Aveiro. O processo movido pela Administração contra a Comissão de Trabalhadores constitui, na opinião daquele sindicalista «um vergonhoso atentado contra os direitos constitucionais dos cidadãos. Com efeito, aquele processo surge na sequência da leitura das actas das reuniões da C.T., em que eram denunciadas situações incorrectas e injustas pelas quais a administração era responsabilizada».

ORLANDO NEVES lança esta tarde, pelas 18 horas, na Sociedade Alunos de Apollo, o seu último romance, «Morte em Campo de Ourique». «Era uma vez uma miúda gira, uma mãe com uma profissão estranha, um detective improvisado, uma bela mulher sua secretária e um polícia profissional que chora». A partir daí Orlando Neves escreveu o livro, sobre o qual Luís Filipe Costa falará na sessão de lançamento e sobre o bairro que tem por cenário.

FERNANDO PAULOURO, chefe de Redacção do Jornal do Fundão, vai ter, amanhã, representado na Amadora o seu primeiro texto dramático. Trata–se da peça «O Foral: tantos relatos, tantas perguntas» escrita para o Grupo de Intervenção Cultural da Covilhã e por este grupo já representada diversas vezes na Beira Interior; agora o GICC desloca–se à Amadora e ao Cinema Velho (ex–Cinema Plaza), enquadrando–se a peça de Fernando Paulouro Neves no III Ciclo de Teatro de Autores Portugueses, que o grupo Passagem de Nível organiza na cidade dos arredores de Lisboa. «O Foral» é uma abordagem social da evolução da Covilhã, a partir do texto régio que lhe concedeu o foral da cidade. O espectáculo está marcado para as 21 e 30 horas. A encenação é de José Martins e a cenografia de Mário Alberto.

RONALD REAGAN disse ontem que irá advogar a reunificação da Alemanha, quando em Junho visitar Berlim Ocidental. O Presidente norte–americano visita a antiga capital da Alemanha no dia 12 do próximo mês, durante as comemorações dos 750 anos da cidade, no seu regresso da cimeira das nações industrializadas em Veneza, Itália. Respondendo aos jornalistas que lhe perguntaram quais os seus planos para a visita, Reagan replicou: «Bem, creio que vou exprimir a crença comum a todos nós de que deveria haver uma Alemanha reunificada e que o muro (de Berlim) deveria ser deitado a baixo».

CUNHA RODRIGUES, procurador–geral da República, desloca–se em missão de serviço à Região Autónoma dos Açores, no período de 1 a 4 de Junho, informou o gabinete do ministro da República para aquela região autónoma. O conselheiro Cunha Rodrigues chega a Angra do Heroísmo no próximo dia 1, onde apresentará cumprimentos ao ministro da República, seguindo no dia 4 para Ponta Delgada, onde será recebido pelo presidente do Governo Regional. Durante a sua estada nos Açores, o procurador–geral da República terá reuniões de trabalho com os magistrados do Ministério Público, entidades regionais e policiais.

JOSÉ JORGE LETRIA foi galardoado com o prémio de poesia Oscar Lopes, no valor de 100 contos, pelo seu original «Percurso do Método», informou a Associação de Estudantes da Faculdade de Letras do Porto. O prémio, instituído pela Associação de Estudantes daquela faculdade e financiado por Fernando Aguiar Branco, da Fundação António de Almeida, será entregue esta tarde, durante a sessão de homenagem ao professor e ensaísta Óscar Lopes. No quadro da homenagem será inaugurada na faculdade de Letras do Porto uma exposição bio–bibliográfica de Óscar Lopes e apresentado o livro «Entre Fialho e Nemésio», da autoria do homenageado. «Percurso do Método» será publicado pela Imprensa Nacional–Casa da Moeda.

Otelo é declarante no segundo processo das "FP-25"

Otelo Saraiva de Carvalho vai depôr como declarante, no dia 11 de Junho, no âmbito do segundo processo das «FP-25», em julgamento desde Outubro no Tribunal de Monsanto.

Se não faltar, será a primeira saída do estratega do 25 de Abril após a sentença que dia 20 de Maio o condenou a 15 anos de prisão como co–autor material do crime de «organização criminosa».

O segundo processo das «FP-25», que está a ser julgado numa das duas salas de audiência do Tribunal de Monsanto, e envolve 29 réus, ouviu ontem como declarante o réu «arrependido» Angelo Benevides, condenado no primeiro processo a sete meses de prisão.

Entretanto, na outra sala de audiências, foram ontem ouvidas testemunhas de acusação do chamado caso das «FP-27»-quadrilha de assaltos a bancos à mão armada–que presenciaram um assalto ao Banco Nacional Ultramarino, em Loulé, no ano de 1983. Este processo, cujo julgamento se iniciou em 21 de Abril, envolve 23 réus, entre os quais Faustino Cavaco que fugiu o ano passado da cadeia de Pinheiro da Cruz, sendo posteriormente recapturado.

Obras portuguesas raras à venda no Brasil

Numerosas obras raras editadas em Portugal desde o século XVI integram um catálogo de mais de dois mil títulos agora dado a conhecer na cidade brasileira de Metrópolis pela alfarrabista Ana Maria Mesquita.

Entre essas obras destacam–se «A Quarta Década da Ásia», de João de Barros, a «Carta Régia do Vice–Rei do Brasil, Dom Fernando de Portugal», e «O Discurso do Immortal Guilherme pronunciado pouco antes do seu falecimento no Parlamento Imperial dos Reinos Unidos da Grã–Bretanha e Irlanda».

LER ESCREVER

SUPLEMENTO SEMANAL DO «DIÁRIO DE LISBOA». SAI ÀS QUINTAS-FEIRAS. NÃO PODE VENDER-SE SEPARADAMENTE DO RESTO DA EDIÇÃO. CORRESPONDÊNCIA: RUA LUZ SORIANO 44, 1200 LISBOA. TELEF. 32 02 71/32 02 72. N.º 305

Clip

■ Mourão-Ferreira na Feira

David Mourão-Ferreira Grande Prémio APE 1986, está amanhã à tarde (às 18 horas) no Pavilhão da Associação Portuguesa de Editores e Livreiros da Feira do Livro de Lisboa, para autografar exemplares do seu romance «Um Amor Feliz»

■ Associação José Afonso

Uma «Associação José Afonso», em estruturação em Setúbal, pede a todos quantos possuam fotos, cartas, cartazes, programas de espectáculos, gravações ou outro material sobre José Afonso, a sua cedência, eventualmente a título devolutivo, a fim de possibilitar uma mais ampla informação sobre a vida e obra do cantor e poeta. Correspondência ou contactos fazem-se através do seguinte endereço: «Comissão Instaladora da Associação José Afonso, Apartado 237, 2900 Setúbal»; em alternativa, pelo telefone 39628 de Setúbal, entre as 15 e as 19 horas.

■ Campo de Ourique

«Morte em Campo de Ourique» é um policial de Orlando Neves que a editora **Vega** lança esta tarde no Salão Alunos de Apolo. Luís Filipe Costa apresenta o autor e o texto. Aos presentes é prometido vinho e bolinhos **de Campo de Ourique**, um bairro que não abdica, nunca, de nos espantar.

■ Quinto elemento

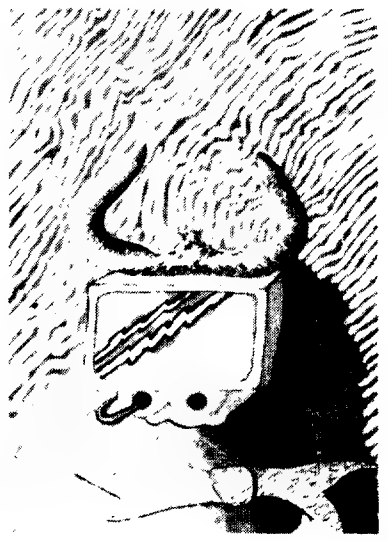
Amanhã é a vez de a **Caminho** lançar, no Centro Nacional de Cultura, «O quinto elemento», de António Almeida Matos. Oscar Lopes, presidente da APE, será o apresentador.

■ Ciclo do Círculo

Palácio de Alcáçovas, terça-feira próxima, 18h30: o dr. João David Pinto Correia fala sobre a «Peregrinação» de Fernão Mendes Pinto. À mesma hora, no dia 9, «A Arte e os Descobrimentos» é o tema do dr. Dagoberto Markl. A iniciativa das conferências pertence ao Círculo de Leitores, e o espaço é cedido pela galeria EMI/Valentim de Carvalho. O Círculo promove este ciclo de conferências no âmbito das comemorações do quinto centenário dos Descobrimentos.

■ Vídeo ibérico

Com um **Porto de honra** oferecido pela Câmara de Lisboa, a que se segue conferência de Imprensa, abre esta tarde o «Projecto Ibérica», que leva **vídeos** espanhóis ao Forum Picoas durante os próximos dias. A iniciativa, que se desdobrará, depois, numa mostra do **vídeo** português em Madrid, nasce do empenhamento de António Pedro Saraiva e Paulo Miguel Forte, pela parte portuguesa, e de Enrique Miñano, director do departamento de **vídeo de Rompeolas**, criado pela Comunidade de Madrid.



■ Alberto de Lacerda no CAM

«Alberto de Lacerda — O mundo de um poeta» é a exposição que se encontra patente no Centro de Arte Moderna (Fundação Calouste Gulbenkian), incluindo obras de Paula Rego, Vieira da Silva, Arpad Szènes, Almada Negreiros, Jorge Martins, Menez, Júlio Pomar, Hockney, Goutcharova, Jim Dine, Henry Miller, Jean Hugo e outros.

Na parte de documentação, há cartas inéditas dirigidas a Alberto de Lacerda por Bertrand Russel, Manuel Bandeira, Edith Sitwell e os irmãos David Hockney, Vieira da Silva, Arpad Szènes, Cecília Meireles, Cyril Beaumont, além de manuscritos de Fernando Lopes Graça, Jorge Guillén, Casais Monteiro, Ramos Rosa, etc.

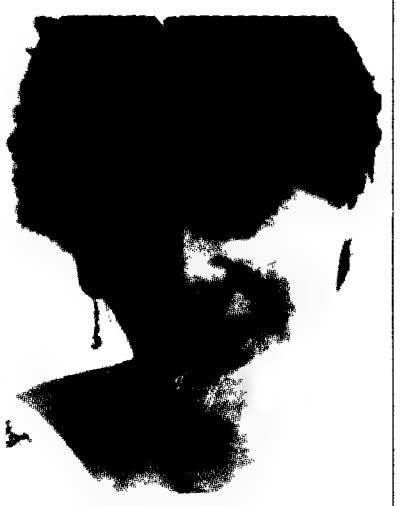
Promovidas pelo Serviço de Animação, Criação Artística e Educação pela Arte, e como parte integrante desta iniciativa, há ainda o seguinte calendário:

No dia 3 de Junho, às 18 e 30, na Sala Polivalente, Alberto de Lacerda fará uma leitura de poemas inéditos seus; e no dia 11, á mesma hora, haverá uma mesa-redonda «Diálogo com o poeta Alberto de Lacerda», em que tomam parte Luís Amorim de Sousa, a dr.ª Sílvia Chicó e Eduardo Lourenço.

Do catálogo da Exposição fazem parte ensaios sobre o poeta por Eduardo Lourenço, Luís Amorim de Sousa, António Ramos Rosa e John McEwen, crítico britânico que se tem debruçado sobre a colecção de arte de Alberto Lacerda.

A primeira novela de Eunice Cabral

Prémio «Revelação» A.P.E./I.P.L.L. 87, aí está «O Azul deserto da tarde», de Eunice Cabral, na colecção Século XX da Europa-América. Leve, breve, directo, simples, é uma novela sobre memórias visuais dos anos 80, projectada algures nas primeiras décadas do próximo século. A editora merece uma palavra de simpatia por estar a lançar autores jovens e quase desconhecidos, o que aumenta o risco. No caso de Eunice Cabral, e a avaliar por esta primeira obra, arriscamo-nos a dizer, pela nossa parte, que teremos escritor. Aqui ficam, dela, um punhado de páginas.



A campainha toca. Vera, sentada num sofá da sala, revê momentaneamente o patamar sempre sombrio e uma mão na campainha.

Poisa a revista que tem no colo em cima de uma cadeira e levanta-se. Já de pé, olha para Duarte que não levanta os olhos das páginas que tem à sua frente. É provável que tenha feito qualquer gesto quando se ouviu a campainha mas Vera só o vê agora esquecido da pessoa que tocou.

«Se calhar é mesmo o Neves», pensa ela pelo corredor, a relembrar o que lhe tinha dito da última vez que o vira: para aparecer sábado à noite na casa dela; o Duarte havia de estar também; nunca se sabia, podia ser que finalmente. Abre a porta:

— Ah, és tu! — sorri-lhe abertamente. — Feliz por te ver. — E afasta-se o suficiente para o deixar passar.

O Neves entra de rompante enquanto lhe vai dizendo «olá», «boa noite»; indeciso depois, deixa os olhos percorrerem a parede do corredor de quem pensa «há quanto tempo». Ela fá-lo avançar até à sala onde estava; mesmo à porta, encosta-se a ele e diz-lhe muito baixinho: «o Duarte está cá». E entra.

O Neves, deixado assim para trás, apoia-se no umbral da porta. Encosta-se com o corpo todo como se ali fosse ficar. Do que está à espera, pode-se julgar, é de um convite, de uma palavra que o faça entrar com mais confiança.

Chega por fim um «boa noite» formal e um pouco sussurrado dos lados duma mesa à esquerda, com uma luz forte e baixa que deixa o resto da sala na penumbra. A mesa brilha e as mãos de Duarte folheiam sem pressa um grande volume de papel luzidio que concentra uma segunda luz.

— Então, à procura do passado?

— Não propriamente — respondeu Duarte afastando o livro.

Vem entrando pela sala com um falso à-vontade; movimenta demasiado o corpo e dá passos à deriva sem que nenhum dos dois lhe indique um lugar para se sentar. Deveria ser Vera a fazê-lo mas está distraída sem se dar conta da hesitação espalhafatosa do Neves.

— Sente-se! — diz-lhe então Duarte de quem só se vê as mãos em movimento e o princípio dos braços. — Quem o mandou cá desta vez?

— Vim por mim. E tem de se mostrar agradecido porque venho contar-lhe a história como deve ser.

— Todos me querem contar a história como deve ser. Já estou habituado. Mas isso não tem impedido que tudo continue na mesma pelos meus lados.

— O professor não o procurou esta semana?

— Procurou para me contar uma outra história da carochinha, mais comprida que o costume. Tenho no entanto a dizer-lhe que só o vi três vezes ao todo.

Mas Duarte deve achar que desta vez o que irá ouvir vale a pena porque faz subir a luz suficientemente acima da sua cabeça, que o inunda dum amarelo artificial.

— Conhece a Rua Basílio dos Santos? — começa o Neves.

Duarte não lhe responde, ainda ocupado em encontrar a melhor posição na cadeira.

— Bem, nessa rua, no número 42 ou 44, não estou agora certo, há um Instituto Terapêutico. Dantes era um vulgar Instituto de Beleza, nem sequer muito caro por sinal. Hoje em dia inclui muitas outras modalidades: psicoterapia, clubes de saúde, *ateliers* artísticos e por aí fora. Bem complicada a coisa actualmente, e muito caro. Só podem lá ir as mulheres da alta e talvez outras que têm dinheiro e fingem ser. Acho que por enquanto é um dos poucos no género em Lisboa. Acontece que o professor esta misturado com os donos do Instituto. Sei eu que quando se fala em patrões, é ele que aparece, mais ninguém. Quem é que pode vir a saber se é sócio deles ou não?

— Você, por exemplo — responde-lhe Duarte prontamente.

O Neves esquece o que ouviu e continua:

— O rapaz que tem entre mãos foi lá empregado; isso há um ano aproximadamente.

Diz as últimas palavras, uma por uma como se as pesasse, até que faz uma pausa para se voltar todo para Vera que tinha ficado encostada a um móvel, de pé. E retoma:

— Nesta casa não se bebe?

Mais depressa do que esperava e do lado oposto, Duarte dirige-se-lhe, pondo-se de pé:

— Não se importa que seja aguardente? Receio que seja a única bebida que Vera tem.

O Neves ri-se para Duarte à laia de resposta. Em seguida, volta-se para Vera e outra vez para Duarte como se aquilo o divertisse muito. Vera deixa-se prender por momentos pelo sorriso do Neves, de repente tão cheio dum desprezo impossível de esconder.

Duarte volta a sentar-se, depois de lhe dar a bebida. Com uma das mãos a acariciar a boca e com o olhar fixo num ponto distante da sala, está atento a si próprio. O outro continua:

— A verdade é que esta história assenta toda no professor. Se não, vejamos: o miúdo sai do Instituto e semanas depois aparece empregado no escritório de um operador internacional de viagens onde o professor é também gerente.

— Num e noutro emprego, fazia horas extraordinárias, supõe-se. — Duarte fala quando o Neves menos espera e anima-se com evidência.

— Pois, e essas horas extraordinárias que fazia com a ricaça, apanhou-as quando trabalhava no Instituto porque uma mulher daquelas, ele só podia ter topado com ela aí, não noutro lugar.

— Ah, faltava esse Instituto para explicar o encontro dos dois. — É Vera que se dá às palavras de pessoa que gosta de pensar em voz alta. Mas Duarte, tem um voltar de cabeça para ela muito brusco: não deve aprovar o comentário ou prefere que Vera passe a guardar para si o que pensa. Ela aguenta-lhe o olhar e vai sentar-se no sofá. De certa maneira apaga-se porque é Duarte que recebe a iluminação da sala quase por completo fazendo que toda a pessoa dele fique à disposição dos outros. Vera, ao sentar-se, desinteressa-se no entanto dele e também do Neves. Porque se deixa atrair pela luz, é o Neves que vê Duarte um pouco de perfil, com os cabelos muito lisos e soltos a escorregarem-lhe. Olha-o sem expressão quando continua:

— A ricaça devia ser cliente do Instituto e um belo dia deu de caras com um miúdo de uns dezasseis anos, melhor do que tudo o que no Instituto podiam fazer por ela. Devia ter sido caso para não perder noites inteiras a calcular, sobretudo com o miúdo permeável a ela. Que se esclareça, a permeabilidade dos que querem subir na vida, e quando se anda por baixo, mesmo com padrinho, o único caminho é para cima, faça-se o que se fizer. A mulher não deve ter dado por nada disso, com dinheiro como o ar que se respira. Entretanto o ambiente

Continua na pág. 8

A mulher de António, poesia de Joaquim António Emídio

É um terceiro livro e trás, liminarmente, uma breve ficha biobibliográfica do autor. Consta aí que JAE nasceu em 1955 na vila da Chamusca e entrou num colectivo, **Fingidor**, em 83, estreou-se individualmente este ano com **Os Dias Sonâmbulos**, reapareceu noutro **Fingidor** em 1984, publicou o seu segundo livro, **A Contestação do Desejo**, em 1981, e tem, depois deste acima em epígrafe e que aqui nos ocupa (e serve de pretextop para o mais que se disser) mas três títulos, supõe-se que de poesia, para publicar.

Nenhum destes pormenores será irrelevante. A idade do A. sugere desde logo uma aproximação em relação a outros, os das mais recentes promoções nestes anos 80. Parece não haver qualquer identificação clara com outros, mas tanto não seria necessário, e pode querer dizer que se está em presença dum caso de originalidade (ou de potencialidades disso), embora mais depressa e com mais convicção ocorra que se trata dum caso de desfasamento.

Ou isolamento — e aqui entra a vila ribatejana de Chamusca, onde JAE vive e tem publicado os seus livros, todos, até agora, por conta própria.

Há a ligação a **Fingidor**. Mas pode não ter sido mais do que ocasional.

Por outro lado, a regularidade com que JAE publica os seus livros, de dois em dois anos, bem pode significar empenho num trabalho sistemático e na sua divulgação. Mais significativo disso, porém, será o anúncio de mais dois livros para publicar —, e anúncio de igual teor já vem no segundo e no primeiro livro, não sendo insignificativo que os títulos se mantenham.

Não conheço as colborações de JAE no **Fingidor**, mas apenas, e antes deste, os dois primeiros livros.

Os Dias Sonâmbulos parece que passou despercebido. E, no entanto, talvez justificasse logo um pouco de atenção. Relido agora, pelo menos, deixa a impreso de ser uma estreia interessante e a suscitar alguma expectativa quanto ao que o A. publicar depois. Estão aí, pelo menos, algum bom gosto nas escolhas vocabulares, nas imagens (mais), nas metáforas (menos), com deslizes frequentes, é certo, e situações de discurso não resolvidas, ou resolvidas sem habilidade maior, mas dando a ideia de um mínimo de segurança no trabalho construtivo do poema, domínio técnico de recursos e meios.

Não quereria dizer maturidade, e via-se que não logo na pouca clareza duma nota introdutória, ingénua declaração de fé verbal na poesia como exercício de humanismo assente na experiência de vida —, ideias as quais, só por elas, não são acertadas nem erradas, mas que constumam caracterizar aquela juvenília de que os autores, depois, vêm a recusar o trabalho de aplicação que por conta delas fizeram.

No segundo livro, **A Contestação do Desejo**, e logo numa nota de abertura titulada «A Palavra Emocional», JAE avança as mesmas ideias, ou idênticas: «Sonhei muito para chegar até aqui, vou muitas vezes ao chão para cair de pé quando quero, ao lado dos homens irei até onde puder». Mais: «Fazer versos foi o grande acontecimento da minha vida, continuo a escrever a fazer versos como a luta todos os dias por uma vida melhor». Na prática, como na teoria, digamos assim, parece não haver uma evolução assinalável.

E no que respeita a temas e assuntos, tal como no do primeiro, os poemas do segundo livro variam pouco à volta de certos lugares comuns nos domínios do erótico ou do social (este, relativa ampliação da tal noção de humanismo).

Pertinente referir isto, porque é aqui que este terceiro livro, **A Mulher de António**, se distingue dos dois precedentes alguma coisa que nos permite falar de evolução e alargamento de perspectivas.

Mais uma vez, JAE apresenta nota introdutória, agora para dizer de quem se trata «a mulher de António» a indicação titular: e, talvez se possa resumir assim, uma assunção paradigmática da mulher numa sua condição feminina e num seu estatuto social, aquela e este indissociados. JAE faz dela sujeito da voz que aqui fala, e tema do discurso que aqui se faz, assunto, quase sempre, ou preferencial, de quanto aqui se diz.

O fingimento, sistemático, estratégico, cobrindo a extensão do livro (42 poemas, ou fragmentos) — será tudo excepto comum, e há nele mesmo alguma originalidade. Resta saber se esta originalidade é quanto baste como motivo de interesse do livro.

Antes disso seria preciso ver se tal procedimento, além de pose evidente, tem um tratamento coerente, expedito e consequente em termos de construção do poema, ordenação dos poemas, estruturação deles como poemário percorrido e envolvido por uma ideia de unidade e uma exigência de coesão.

Aqui parece-nos que sim e apenas poríamos alguma reserva a álgumas opções vocabulares de mau gosto, ou gosto duvidoso, prejudicando, não poucas vezes, o processo verbal ou tornando mais obscuros os resultados semânticos. Um maior investimento metafórico, e principalmente simbólico, produziria uma intensidade mais forte do que a resultante de certa negligência que nos parece ser, por exemplo, o resvalar, por vezes, para a crueza expressiva, ou apenas abjecção quando a pelo menos aparente gravidade do que se trata dir-se-ia exigir outras opções.

Outra questão, — nos processos, nas formalidades adoptadas pelo A. na organização e na elaboração discursiva e textual, não há, já não diremos originalidade, inovação, mas até mesmo algum esorço de renovação, alguma procura de assinalável diferença.

Três poemas. O XXXII. «**A minha paixão nunca/tem asas que se vejam-/os homens vão com o vento/quando as asas se quebram/as asas que tenho/nos seios/** e **/entre as minhas pernas»**. O XXXIII. «**Virilidade/** é **/uma mulher de pé/a fazer amor»**. O XXXV: «**Sinto que sou realmente-/uma mulher para a vida/ uma mulher apaixonada/quando odeia e quando ama/ah a vida esta vida/é que me parece/como os homens/** só **prestam na cama»**.

Hão-de ilustrar algumas afirmações que aqui ficam, embora sejam exemplos ao acaso. E outras poderiam ocorrer, mais ilustrativas ou menos, — do que aqui se diz a respeito dos motivos de interesse deste terceiro livro dum autor cujo nome e cuja obra ainda não serão muito das nossas referências. A Mulher de António poderá ser apenas um terceiro livro ainda ou já alguma coisa interessante mas não o bastante para ser obrigatório que constem. Mas talvez o trabalho subsequente do autor torne obrigatório que passem a constar.

L. de M.R.

O último livro de Joaquim Namorado

O recente desaparecimento (curioso eufemismo de morte) de Joaquim Namorado proporcionou aos jornais, entre outros exercícios mais ou menos rotineiros, a publicação da bibliografia do autor. Pelo menos nos casos de que tivemos conhecimento, omitiu-se um título: *Zoo*. Para que passe a constar, aqui ficam a referência e mais duas ou três anotações.

Para os estudos literários e os respectivos estudiosos, aos quais, aquém ou além da acção, a obra poética de JN puder interessar, ela está fundamentalmente (e quase toda) em dois volumes: *Incomodidade* e *Poesia Necessária*. Convém, porém, e pelo menos, ter em conta que o primeiro, cuja publicação data de 1945, arquiva um primeiro livro que tinha sido em 1941, *Aviso à Navegação*, e mais três inéditos: *Invenção do Poeta, Viagem ao País dos Neflibatas* e *Agora*, produção poética do autor entre 1941 e 1945. *Poesia Necessária*, publicado em 1966, é uma colectânea (e uma selecção, por certo) de poemas escritos até então e desde 1945. Quanto a *Zoo*, uma breve nota bibliográfica inserta no final do volume diz-nos que os poemas aqui incluídos foram anteriormente publicados nos dois volumes atrás citados de 1945 e 1966 e no suplemento cultural do jornal *O Diário* em 1982 e 1983. Não temos à mão, nem o volume *Incomodidade*, nem os suplementos onde alguns destes poemas terão sido publicados, para podermos anotar se os poemas são os até então inéditos em livro e publicados aqui (em forma de livro) pela primeira vez, depois de o terem sido em jornal. Um trabalho a fazer por quem alguma vez proceder a um estudo de conjunto da obra do autor, — para além do que (muito importante, diga-se) neste campo já fez um Eduardo Lourenço em *Sentido e Forma da Poesia Neo-Realista*. Aqui interessa-nos dar conta da existência de *Zoo*, não vá o carácter artesanal e quase clandestino da edição deixar cair este livro no esquecimento.

É nem propriamente um livro, mas um pequeno opúsculo, formato metade de A4, capa azul em papel almaço, miolo em papel de fotocópia, mas feito, creio, em «off-set», composição e impressão na secção de textos da FCTUC, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, vinte páginas, tiragem de 500 exemplares, dos quais — consta de uma nota — 400 para venda, numerados até 400, sendo os restantes 100 para ofertas, numerados de I a C. Todos os exemplares são rubricados pelo autor, que edita — acrescenta a nota. O exemplar que temos é o 398 da série posta à venda.

São 16 poemas, num total de 20 páginas, incluindo as de aparato. Há seis ilustrações, cinco dos catálogos das bienais internacionais de caricatura e plástica satírica de Grabovo, Bulgária, e um pormenor de uma litografia de Bordalo. Lapso do autor ou dos feitores desta pequena brochura, não há nela indicação de data, e, futuramente, vai ser cada vez mais difícil de determinar. Foi aqui há três, quatro ou cinco anos.

Num rápido relance pelos dezasseis poemas, vê-se logo que estamos em presença de um pequeno poemário satírico e humorístico onde se patenteia uma das mais fortes e constantes inflexões da poética do autor. Alguns destes poemas, pelo seu carácter breve, sobretudo, lapidar, e porque são já relativamente antigos, — sabem-nos de cor

Joaquim Namorado

uma, duas ou três gerações, ou, pelo menos, os sectores delas mais próximas de JN, das iniciativas e das realizações onde ele esteve, e do espírito, delas ou de JN, tudo mais ou menos centrado em Coimbra (*Novo Cancioneiro, Vértice*, outras revistas, Cancioneiro Vértice, etc.).

No caso estará «Fábula», por exemplo, que é assim: «*No tempo em que os animais falavam... // Liberdade! / Igualdade! / Fraternidade!*»

Uma ideia com que se fica à leitura deste pequeno poemário é o carácter *intemporal* de quase todos os poemas. Quer dizer, pretextos, motivos e objectos (e objectivos) não são facilmente identificáveis com realidades específicas da época — como seria de esperar, talvez, do empenho político activamente combativo do autor, — mas como que arquetípicos actualizados no tempo, e com actualização mais ou menos facilmente identificáveis pela experiência pragmática e geral da vida, da existência, do real quotidiano, das realidades socioculturais. Estes poemas lembram, obviamente, as fábulas de Esopo ou La Fontaine. Mas a sua moralidade é outra, já se vê, — e nem visará muito para além da realidade portuguesa sua contemporânea, sobretudo a da ditadura, — embora possa ser aplicável, naturalmente, ao que sobreveio ao 25 de Abril de 1974. E é aqui que reside o seu motivo de interesse maior.

Nem todos terão uma sugestão de moralidade igualmente conectável com especificidades portuguesas ou da vida portuguesa. Mas também aqui eles se furtam ao óbvio das interpretações, aspirando a uma significação mais profunda e vasta.

Como exercícios de poesia, não destoam muito no conjunto da obra do autor, pelo contrário, estarão mesmo um tanto acima, — e isto, por certo, pela conceptualização que aí se faz, dependente menos directamente da ideologia do que da experiência de vida e das noções e dos valores fundamentais que nela radicam.

A poesia de JN no contexto da poética neo-realista tem o significado e a importância que tem. Num âmbito de referências mais vasto como é o da poesia portuguesa dos últimos 50 anos, o seu significado é outro, certamente menor, — dependente agora do significado e da importância que têm o neo-realismo, a poética neo-realista. Sobre isto, para nós, parece que já está tudo dito por Eduardo Lourenço no livro atrás citado, e desde logo no estudo dedicado a JN e à sua obra.

Dizer mais também não cabe aqui. Tratava-se apenas de dar notícia de um caso recente e em risco de cair no esquecimento. Pena que *Zoo* não tenha tido grande divulgação para além de Coimbra. É também, e pelo menos, um pequeno objecto documental que muitos coleccionadores ou apenas curiosos destas coisas gostariam de ter.

L. de M.R.

Hoje ainda, Alexandre Castanheira, N.A.-Orion

MUITO embora a razão reduza a realidade (pois que se não deve menosprezar o instinto, a intuição, o inconsciente...), sucede, no entanto, que há uma realidade quotidiana, a um tempo fugidia e constante, susceptível de ser bem apreendida por uma atenção racional imbuída de boa vontade.

Estamos-nos a referir a essa realidade de tudo e de nada, de pequenas coisas, de gestos mil vezes repetidos, de atitudes que se adivinham ao primeiro movimento. A realidade, por exemplo, de uma cidade, em que os rostos se multiplicam, se aglutinam, se confrontam ou não — e acabam por se sumir na voragem dos minutos...

Mas sempre alguma coisa há que pode ser fixada — e, a partir dessa fixação, desse saber captar o fluxo corrente da vida, sem dúvida que se torna possível uma certa arquitectónica, o estabelecimento de uma estrutura que nos proporcione o perfil dos outros, o qual, de algum modo, é também o nosso.

Ora vêm estas palavras a propósito de **Hoje ainda,** livro de contos de Alexandre Castanheira, recentemente lançado em sessão amistosa na Cova da Piedade, com palavras de apresentação de Modesto Navarro. Leia-se o primeiro conto, intitulado «Ai que manhã!», e logo nos daremos conta de que os pequenos nadas de que a vida é feita nos são postos perante os olhos, através de uma fina capacidade de apreensão. Simples é a história, simples são as linhas narrativas: uma mulher que vai para o trabalho, o «tricot» no saco de plástico, os cacilheiros em greve, os autocaros (como alternativa) superlotados, as amigas do costume, um atrevido aproveitando-se dos apertos, uma queda ao sair do veículo, ambulância a caminho do hospital, um cauteleiro a apregoar o número da sorte a acabar em nove... E é aqui que reside a arte do contista, do cronista, de quem se dedica a apanhar os mínimos flagrantes da vida: aquele acabar em nove («É o trinta mil duzentos e setenta e nove! A acabar em nove!») confere a este pequeno conto uma grande dimensão — e tão-só porque (quem o não sabe...?) **nove fora nada.**

Que nos compreendamos: esse **nada,** que surge de tudo, de um quotidiano sempre em fluxo, é que se evidencia (aceite-se ou não a nossa interpretação) como personagem principal do conto «Ai que manhã!», do livro **Hoje ainda,** de Alexandre Castanheira, com ilustrações, a condizer, de Carlos Canhão.

Pedro Alvim

EROTOMANIAS

O telefone tocou três vezes

Por Filomena Cabral

ESPERAVA NARDO.

Intranquila, pois cada vez mais sofria a sua ausência, concordara que, nesse dia e nos seguintes, fosse ele a telefonar-me, uma vez que me acusava de não o deixar tomar a iniciativa, de não dar-lhe tempo para desejar-me. Eu, curiosamente consciente de que me comportava como uma pedinte do amor, nada interessada em dominar os meus impulsos, aquiesci, angustiada. E assim me mentalizei, uma vez ainda, para a espera.

Naquele momento, os ponteiros do relógio avizinhavam-se da meia-noite. Talvez no dia seguinte... Queria dizer: de certeza, logo de manhãzinha, escutaria a voz de Nardo!

Acabava de arrumar, um pouco, os papéis espalhados pela secretária, sobressaltei-me com o telefone. Atendi, ansiosa. Após breve silêncio, escutei a voz histriónica, pretensamente intimidante: «Cuidado!». E desligaram. Sentei-me perplexa; e duvidando do que tinha escutado, novamente tocou o telefone. Sem saber porquê, lembrei-me de «Rodolfo», da Olga Gonçalves, para logo a seguir me recordar que, no caso, era um ladrão que... e decidi reler a interessante novela fantástica. Com o auscultador na mão, uma vez mais a voz me agrediu; com mais vibrato, soou assim: «Cuidaaaadooo!». Logo a seguir, o ruído de linha livre. Sem saber se rir-me ou preocupar-me, tentei atribuir a brincadeira e não consegui vislumbrar em ninguém a intenção de pretender aterrorizar-me. Alguém com grave problema existencial? Quem incorreria no ridículo, tão levianamente? Perante nós mesmos, somos avaliados mesmo quando não nos observam; mais exigentes com as nossas atitudes que com as dos outros?

E, pela terceira vez, tocou o telefone. Sem dar tempo a que o indivíduo pronunciasse qualquer palavra, interpelei: «Dr. Jeckyll, como vai Mr. Hyde? Tenho um monstrozinho para oferecer, exibicionista, imaturo, talvez cobarde». Apercebi-me de que tentava falar (para ameaçar-me de novo?). Quase sem fôlego, recomecei: «Imaginou que poderia assustar-me? Ou será provocação? Tê-lo-á alguém induzido na brincadeira de mau gosto? Há gente para tudo, como deve ser do seu conhecimento. Analise-se, se conseguir, e verificará como a sua atitude desprestigiante envergonharia Mr. Hyde... Digamos que os seus telefonemas, brincadeira ridícula, são pretexto indiscutível para uma das minhas 'estórias', para além de terem ajudado a quebrar a monotonia de horas de espera. Sabe, aguardo um telefonema, ansiosamente!» E foi neste preciso momento que a voz dele se sobrepôs à minha: «Você não me tratou bem quando relatou o seu rapto pelo bandido da lanterna azul, no 'Diário de Lisboa'». Emudeci. Riu um riso áspero. Eu, pendente de voz e do telefone, escutava, finalmente interessada. Ameaçava-me: «Para a próxima vez, não a deixarei partir; afinal, libertei-a para que tivesse oportunidade de ser interpretado de outra maneira, estou saturado de análises apressadas. Vêem-me como um criminoso, quando sou, afinal, um homem com uma imaginação invejável. E nunca se detiveram a pensar no motivo que terá levado treze mulheres raptadas a permanecer comigo, depois de tanto tempo? Convenci-me de que iria fazer-me justiça: não terá ninguém percebido que elas colaboraram no rapto para que os seus nomes fossem, finalmente, colunáveis? O seu silêncio diz-me do seu espanto — acrescentou irónico. Sabe, para a maior parte dos anónimos, a notoriedade terá de ser conseguida a qualquer preço, nada respeitam, nem sequer a amizade ou a dignidade, a deles, quando existe... Aliás, você presenciou como as raptadas me imploraram que a deixasse partir; o seu nome iria anular todo o esforço por elas despendido. Talvez não acredite — acrescentava em tom confidencial — mas têm-se verificado efeitos correlativos de extrema humanidade; desconhece que uma delas conseguiu fazer as pazes com a família! Aquela gente sentiu-se felicíssima por ler o apelido no jornal, ligado, ainda por cima, ao *fait divers* que sempre fascina a ínclita geração. E assim passou a loira baixinha e insignificante — recorda-se dela? — a ser olhada pelos vizinhos disfarçadamente, quando até ali ninguém a tinha notado. Exigiu — imagine — que eu concordasse em raptá-la, de facto, à terceira tentativa! E voltando às raptadas em geral: elas sabem que só lhes exijo um pouco de amor, a algumas prometi disfrutá-lo em anos bissextos, para defrontar-me com a su recusa: teriam de ser elas a decidir; fingi que aceitava...»

Perplexa ou extasiada, não me atrevia a interrompê-lo, até que a frase seguinte me fez estremecer e reagir: «Promete que vai apresentar-me de novo aos leitores, de forma lisonjeira?» Irritada, perguntei porque deveria fazê-lo. O bandido respondeu, sem hesitações: «Ora, para que você conclua que Nardo não merece ser o motivo principal das suas 'estórias'!» Eu, provocadora: «E se não o fizer?» Quase adivinhei a resposta e apressei-me a pousar o auscultador, não sem que ainda tivesse escutado: «Terá de ter...» Mentalmente, terminei: »...cuidado!»

Compensada por ter-lhe cortado a palavra, antes que tivesse podido ameaçar-me pela terceira vez, logo me arrependi do tempo que lhe tinha dispensado. Nunca me perdoaria, se Nardo, entretanto, tivesse querido telefonar-me!

Muito boas notícias de Itália

Por Nicole Zand

ANTONIO TABUCCHI estreou-se com três livros ao mesmo tempo. Três finos volumes publicados em Itália entre 1983 e 85, e que constituem metade da obra deste italiano de Pisa cujo nome tem uma bizarra sonoridade japonesa e cujo rosto, com o seu olhar muito azul por detrás dos seus óculos de míope, faz pensar, ao mesmo tempo, em James Joyce e num Pessoa sem chapéu e sem bigode.

Fernando Pessoa, de quem Tabucchi acaba de publicar, nas edições Adelphi, em Itália, o *Livro do Desassossego*, com um sucesso tal que este difícil texto conquistou de imediato lugar na lista de «best-sellers», logo a seguir a... *O Nome da Rosa*. A mulher de Tabucchi, Maria-José de Lancastre, portuguesa, é a autora da apaixonante «fotobiografia» de Pessoa, vida de uma época e de um poeta através da imagem, publicada em Lisboa em 1984 pela Imprensa Nacional/Casa da Moeda, e agora reeditada.

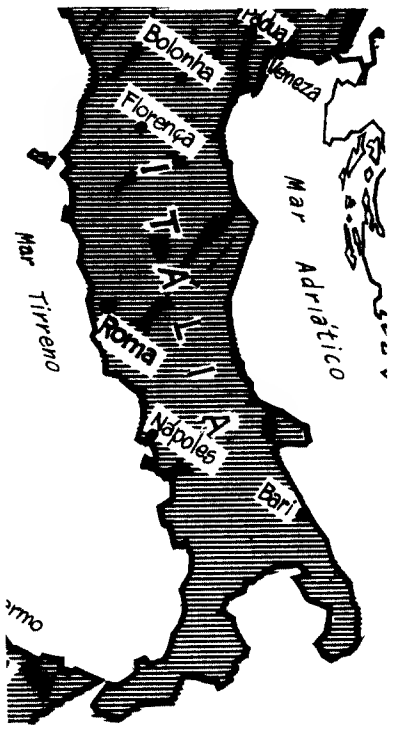
Foi preciso que Christian Bourgois — que prepara a primeira grande edição de Pessoa em francês — se apaixonasse pelas espantosas ficções de Tabucchi para aceitar o risco de adquirir os direitos deste autor raro, que não permanecerá desconhecido por muito tempo. Coincidências que o não são...

Os *Pequenos Mal-entendidos sem importância*, onze novelas que não param de inquietar, oferecem modos diversos de afrontar o destino, através da visão de um mecânico diabólico que penetra na consciência e nos sonhos dos seus protagonistas para nos conduzir nos caminhos do «desassossego». Tabucchi, claro, não aprecia a literatura que apazigua o leitor. Céptico, não instila qualquer mensagem, não impõe qualquer solução a estes «mal-entendidos sem importância» que podem ser pesadas traições. Brincando com todas as ficções, ele desenterra enigmas que não são policiais mas que exigem inquéritos a todos os níveis da consciência, confundindo por vezes a vida sonhada, imaginada, com a outra. Qual outra?...

«Eu falo de mal-entendidos, mas não penso gostar deles. Simplesmente, tenho tendência para os identificar. Incertezas, compreensões tardias, remorsos inúteis, recordações talvez enganadoras, erros estúpidos e irremediáveis: as coisas que não ocupam o lugar devido exercem em mim uma atracção irresistível, como uma vocação, uma espécie de estigma sem nada de sublime», explica o autor, no prólogo dessas «máquinas de mal-entender» que, sobretudo, nada têm em comum com a famosa incomunicabilidade, essa *tarte a la crème* do romance psicológico.

Porquê, em que momento e devido a que «mal-entendido sem solução» foram distribuídos os lugares e os papéis que fixaram para sempre aqueles antigos companheiros num teatro do absurdo? Federico, Leo e Tonino, o juiz, o acusado e o narrador, todos eles apaixonados pela bela Maddalena, que representava — com eles, no liceu — a Antígona?

Federico, inscrito em Direito por engano e que, tornado juiz, vai decidir da vida ou da morte do seu amigo Leo, o *líder* do antigo grupo (terrorista? responsável das Brigadas Vermelhas? Não se sabe). «Sim, eu sei que ele é culpado, explica o narrador mas não *a esse ponto*.» Ele «deixou-se apanhar por uma engrenagem que o despedaçou, e agora quer fazer-nos crer que é ele quem manobra essa engrenagem» *(Pequenos mal-entendidos sem importância)*.



Os pesadelos que nos perseguem podem tornar-se charadas sem solução, peças de um *puzzle* que a razão timorata não consegue reunir, talvez porque não olhamos esse *puzzle* de suficientemente longe, de suficientemente alto para ver como se resolvem os vazios entre as coisas.

Tabucchi entrega-se a todos os jogos do espírito, utilizando todos os recursos da sua razão e da sua vasta cultura, para implicar o leitor nas vertigens do inelutável, abandonando-o, trémulo e confuso, sem nunca lhe dar a chave das coisas.

A história nasce, bifurca-se, pára pela simples vontade do romancista que mistura o pormenor verdadeiro ou autobiográfico com a invenção mais barroca ou mais naturalista. Por exemplo, sobe-se com ele para bordo do soberbo Bugatti Royal — modelo 1927 — em direcção a Biarritz e à Espanha. Ele escolhe itinerários impossíveis, apaixona-se por uma mulher vestida de branco que lhe disse estar a ser perseguida por alguém que a quer matar; ele sabe que o motorista de Marcel Proust se chamava Agostinelli e que, acompanhado por ele, o autor visitava as igrejas antigas; sabe, também, forçar-nos a concentrarmos toda a nossa atenção num elefante «em pé sobre as patas posteriores, de tromba erguida, e que lança um gemido de amor ou de ódio» sobre a calandra do Bugatti. «Procuramos por procurar, não necessariamente para encontrar», explica este mestre do jogo, que não cessa de nos espantar.

O autor está pronto a tomar-nos por testemunhas, nós os leitores estranhos a tudo aquilo. Está até disposto a atacar-nos — «mas por que razão se interessa você a tal ponto pelos assuntos dos outros? Não lhe bastam os seus próprios sonhos?» — Paris, Nova Iorque, Bombaim, Madras, Goa, a Riviera italiana, os Açores... Tabucchi fala-nos da maneira como as recordações sobem, em nós, à superfície, sob a forma fragmentária de um *puzzle*, em livros que não são livros de viagem, mesmo se nos fornecem uma dúzia de bons endereços entre Bombaim e Goa *(Nocturno Indiano)* ou nos transportam aos Açores com uma bibliografia sumária, mas de qualidade, para procurar baleias azuis *(A mulher de Porto Pim)*. Ficamos sem fôlego ao ouvirmos o narrador, uma pessoa que se perde na narrativa, desdobrar-se à procura de um outro em fragmentos de histórias. Mas quem é você?, pergunta a sua interlocutora. «É difícil de explicar a ideia directora de um livro. Sou alguém que não quer ser encontrado, alguém de cujo jogo não faz parte dizer quem é.» Surpreendente Tabucchi.

Carnevali

Outro desconhecido italiano, Emmanuel Carnevali, é, ele também, uma verdadeira descoberta, com o seu *Primeiro Deus*, livro estranho que é uma terrível autobiografia em 29 capítulos curtos que parecem arrancar bocados de carne àquele que conta a experiência da sua vida. Nascido em Bolonha em 1897, de mãe morfinómana (nem por um só dia, diz ele, vi a minha mãe de boa saúde), Carnevali parte muito cedo para os Estados Unidos. Frequenta William Carlos Williams, Ezra Pound, Sherwood Anderson, que admiram o seu talento de poeta. Atingido por uma encefalite em 1922, Carnevali regressa a Itália, onde viverá no hospital durante vinte anos, escrevendo o *Primeiro Deus (Il Primo Dio)*, auto-retrato composto durante as raras horas de abandono que a doença lhe concede.

Sherwood Anderson, nas suas Memórias, descreveu-o como «um belo rapaz, bem construído, de pele *mate*, cabelos espessos e negros o género de homem de quem se poderia dizer que agradava a muitas mulheres, apesar de ele me ter dito que não era nada assim».

O livro segue o seu itinerário: infância italiana, descoberta de Nova Iorque (soberbas descrições de uma Broadway que já não existe, ou que em breve deixará de existir), a corrida ao amor, a poesia que nos torna deus, o hospital.

Em frases curtas que cintilam, espancam, fazem doer, Carnevali é cruel em relação a si próprio, com um narcisismo doloroso muitas vezes insuportável. Sentimos a doença que espreita, em todas as páginas, este homem danado, condenado, perseguido pela angústia e pela dor física, prisioneiro de «médicos talhantes que distribuem a morte sem cerimónia».

Ele é feroz. Feroz em relação a seu pai, que odeia de todo o coração («Um dia, minha mãe, pobre mulher, tentou matar-se atirando-se pela janela. Ele segurou-a a tempo. Meu pai foi e continua a ser o mais ignóbil dos homens»), em relação a um indivíduo que encontra («tinha uma inteligência tortuosa que podia deixar crer que compreendia coisas infinitamente superiores às suas possibilidades reais de compreensão»), e também em relação à sua mulher, que ama («minha esposa era uma mulherzinha admirável: admirável pela canção que ria no seu rosto, e admirável por todas as suas desgraças»).

À procura da perfeição, o poeta, ensurdecido pelo ruído da sua própria voz, vai afrontar Deus, tomar-se pelo Deus único, único apóstolo da sua demente religião. Dir-se-ia que Carnevali, através desta aproximação aos infernos, se «descasca» até à alma, atingindo essa terrível tremura dos encefalíticos, que só pára com a morte. Sonhando, pela última vez, com o poema que tinha querido escrever e que nunca será escrito, o seu livro permanece.

A «Memória no Tempo» de Juvenal Esteves

Está marcado para 4 de Junho, na Galeria S. Mamede, o lançamento de *Memória do Tempo*, de Juvenal Esteves, livro constituído pelas crónicas lidas pelo autor aos microfones da RDP entre Janeiro e Agosto do ano passado, no programa *A música e a palavra*.

Essas crónicas tiveram origem no convívio do autor na galeria, e o seu tema é, no fundo, Lisboa - a Lisboa da Ribeira Velha, da Rua do Alecrim, do coleccionador Francisco de Barros e Sá, da pintura de Arpad Szènes, Columbano, Botelho e Bernardo Marques, mas igualmente da música de Schubert e de Wagner, da ópera em S. Carlos, do ambiente melómano da Escola Médica dos anos 30...

Editado pela S. Mamede, o livro terá uma tiragem de 1000 exemplares. Aqui deixamos um extracto do texto, respeitante, exactamente, à Ribeira Velha.

A designação toponímica Ribeira Velha contrapõe-se, sem recurso possível a qualquer ambiguidade, à de Ribeira Nova. O carácter diferencial contém a sanção do tempo. Neste caso, é uma duração que se alonga mercê da factualidade histórica que a condiciona. Entre as duas situava-se e revive em legenda a Ribeira das Naus. Esta e a Nova localizavam-se a poente do Terreiro do Paço — o Paço da Ribeira —, enquanto a Ribeira Velha se fundou a nascente, onde persistiu e agora retoma, transformada. Na sua globalidade, e com o centro da maior praça da cidade, formaram o núcleo central da Ribeira de Lisboa.

Esta importante área urbana da cidade antiga estabeleceu o elo que fixou solidamente a contingência geográfica ao destino da cidade e do País. Aqui se celebrou o desposório fatal do chão firme e último eco do mundo mediterrânico com a «enseada amena» que se abria fácil na promessa suscitada pela vastidão interrogativa do Atlântico.

A Ribeira Velha é precedente no tempo. Localizava-se na base do morro do Castelo, que a abrigava e protegia naturalmente. Deve-se ter estabelecido ali em eras remotas. Por esse motivo, assistiu e colaborou na urbe romana, presenciou a evolução formativa da cidade moura e cristã. Ficou separada daquelas pelas pesadas cercas medievais, cujas muralhas lhe serviam de respaldo. No século XVI deslumbrou-se com a valorização arquitectónica do cenário urbano próximo. Assim, viu surgir no centro o insólito da fachada da Casa dos Bicos. Por esse tempo, e conforme descrições coevas eruditas, reinava na Ribeira Velha uma vida intensa, socialmente atractiva, buliçosa azáfama no mercadejar do abastecimento de víveres para o quotidiano da cidade. Essa qualidade perdurou durante séculos. Confirmou-se na toponímia local. Ainda hoje, na proximidade, se conservam as designações de Terreiro do Trigo e de Campo das Cebolas. A Ribeira Velha foi provavelmente o primeiro mercado público lisboeta. Manteve-se como tal até ao remanejamento urbanístico pombalino, em consequência do qual, para o mesmo fim, surgiram posteriormente os da Ribeira Nova e da Praça da Figueira.

Reduzido então, progressivamente, em área e importância, o seu último eco extingue-se no dealbar do século passado. O topónimo tradicional esqueceu. O local continua, todavia, prenhe de recordações sugestivas.

No decorrer dos séculos, a cintura de muralhas medievais e seus acrescentos foi substituída por correnteza de prédios. No centro desta encastoou-se a Casa dos Bicos. Aquela frente urbana é perfurada por vias que evocam activamente, nas suas designações, o passado que a antecedeu. Assim sucede com os Arcos das Portas do Mar, Escuro, da Conceição, de Jesus e do Rosário, como testemunhos actuais das portas da cidade medieval para a sua Ribeira Velha. Nos tempos pombalinos surgiu a poente a pesada mole arquitectónica da Alfândega, com a rua própria; foi transferida em décadas recentes para o belo edifício do Terreiro do Trigo, mas a designação mantém-se. No princípio deste século surgiram a nascente pequenas edificações. Entre elas, a que abrigou o Instituto Virgílio Machado. Foi a primeira instituição nacional que se ocupou de electroterapia médica. Persiste como designação de rua, embora extinto de longa data.

Entretanto, a tradição do mercado de abastecimento de víveres permaneceu no local, até há cerca de quarenta anos. Com efeito, na frente da Casa dos Bicos corria, e corre ainda, a Rua dos Bacalhoeiros, que se alonga desde a da Madalena até ao Campo das Cebolas. Era então uma via urbana muito característica e específica no seu comércio, não apenas de bacalhau — a própria Casa dos Bicos foi importante armazém daquele «fiel amigo» de então, durante longas décadas — mas, também, de outros mantimentos variados, de consumo corrente. Apesar de estreita, com feição um tanto mourisca no bairro de ruelas em redor, era bastante movimentada, por veículos de tracção animal — as carroças — e por peões. Ali se concentravam os antigos armazéns de mercearia e estabelecimentos que vendiam tripa seca, frutos diversos e especiarias. Ainda há meio século toda ela exalava, do princípio ao fim, um cheiro característico. Era um misto do que rescendia de objectos de artesanato fabricados com as fibras naturais de então, tais como cordas, vassouras, capachos, cestos, juntamente com o que se evolava dos temperos vindos do Oriente. O aroma subtil dos cominhos, do cravo-de-cabecinha, da canela e da pimenta harmonizavam-se no acorde dominante do pimentão. Este último era negociado sobretudo por espanhóis que residiam ali. O local compunha-se, no seu arranjo funcional e utilitário, com os habituais estabelecimentos de comes e bebes, tabernas, casas de pasto e algumas hospedarias.

Para o lado do Tejo, as obras do porto de Lisboa, realizadas no fim do século passado e no início deste, prolongaram para sul a parte firme da terra da Ribeira Velha, que se organizou em docas, com seus per-

tences logísticos e funcionais. Ali aportavam as fragatas, que eram autênticas carroças do mar, contracenando com as de terra no transporte de mercadorias.

Acarretavam abastecimentos oriundos da Outra Banda, de bordo de navios ancorados ao largo ou de «água acima». Conserva-se na toponímia — Cais de Santarém. Aquelas embarcações deslizavam suavemente nas águas ribeirinhas. As suas velas altas e elegantes cruzavam-se ritmicamente com o voo planado e lento das gaivotas. Bernardo Marques, sem dúvida um dos mais penetrantes e incisivos cronistas plásticos desta Lisboa que se extingiu, deixou-nos dela impressionantes documentos iconográficos.

O local, nosso berço natalício, sofreu, ao dobrar da segunda metade deste século, grande modificação na sua aparência urbana. Resultou da demolição de um grupo de casas de rés-do-chão e primeiro andar, destinadas a pequeno comércio, situadas entre o troço oriental da Rua dos Bacalhoeiros e a da Alfândega, da de um grande armazém anexo desta, e, ainda, da abertura, paralelamente ao rio, da Avenida Infante D. Henrique. Surgiu uma vasta praça entre a nova, ampla e dilatada via de comunicação citadina e a rua onde se situa a Casa dos Bicos.

Revelou-se, então, uma bem composta e sugestiva imagem-cenário da Lisboa pré e transpombalina. Tornou-se clássica entre os *clichés* obrigatórios da cidade. De um lado e do outro daquela formavam bastidores, que a alongavam em profundidade, o edifício da Alfândega estendido pelo quarteirão de casas da Rua dos Arameiros, ambos dentro do teor pombalino, e as edificações mais recentes da Rua do Instituto Virgílio Machado.

Realçava-se, assim, o pano de fundo de que a Casa dos Bicos e o pitoresco bairro seu cavaleiro se ufanavam, coroados pela massa arquitectonicamente bem definida da Sé, com as torres em dominância.

A heráldica citadina, deste modo ressoante e evocativa do medievo ao Terramoto de 1755, era emoldurada por um aglomerado de contruções de Setecentos a Novecentos, cujo cariz variegado, mas harmónico, se impunha ao espectador, mesmo quando distraído. Foi, por isso, tema obrigatório que inspirou os nossos artistas plásticos. De entre eles, Carlos Botelho, como «o pintor de Lisboa», utilizou-o repetidas vezes. Atingiu, naquele, um dos seus máximos em vibrantes cartões, de que saíram excelentes tapeçarias de Portalegre, as quais constituem obras representativas da arte nacional do nosso tempo.

O espaço aéreo da praça era amplo e o conjunto equilibrado. O céu, de azul diáfano ou nimbado com breve movimento de nuvens, por cima da massa de construções, ampliava-lhe a dimensão. Depois do Terreiro do Paço nenhuma das praças ribeirinhas a igualava em sugestões e beleza. Constituía a vinheta, bem iluminada, da letra capital da primeira página do belo livro urbanístico da Lisboa Antiga — a do prefácio e introdução a Alfama.

Este panorama durou cerca de quatro décadas. Um tempo curto e breve na longa, certamente muito longa, história da Ribeira Velha. Foi substituído pelo que agora ali se nos depara, por motivo da «reconstrução-reinvenção» da Casa dos Bicos, com o arranjo da área que a envolve e o do chão antigo e moderno em sua frente.

E é esta a Ribeira Velha de 1983!

Com a introdução de uma planta de desenho curvilíneo, que se eleva arquitectada em altura, junto da Avenida Infante D. Henrique, e o transplante de um jardim de palmeiras de alto porte, evocativas das nossas relações históricas com a África, tanto as dimensões aparentes da praça como a ampla perspectiva que dali se desfrutava modificaram-se completamente. A colocação de uma fila arbórea paralela à avenida e situada a meio da praça encurtou a profundidade visual.

Por sua vez, os mesmos elementos vegetais, esguios e longos, encimados por penachos de folhas curvas e abertas, fizeram reduzir a altura anterior do então decorativo e belo pano urbano de fundo. A protagonista — a Casa dos Bicos —, apesar de ter sido aumentada consideravelmente no alçado, que encobre agora parte do bairro situado por detrás, e do arranjo enfeitado da nova fachada, surge pouco explícita (se não envergonhada!...), conforme é entrevista através das palmeiras.

A uma cenografia bem dimensionada e digna, na serenidade que confere o tempo decorrido, sucedeu uma paisagem movimentada, estranha e um tanto com ar de provisória. O casario envolvente da Casa dos Bicos foi pintado com cores convencionais de tonalidade intensa. Entretanto, o sol de Lisboa, o mesmo que desde o início e do alto tem iluminado o cenário movediço, mas não transmutável, da Ribeira Velha, vai-se encarregando, como mestre que «ordena a cor», de conduzir a pouco e pouco o novo colorido para a cor de Lisboa. É aquela que Carlos Botelho, na sua delicada mas bem perceptiva sensibilidade, ia sempre e progressivamente depurando, nos limites de um emotivo inefável, na diluição dos tons e na finura do desenho.

Não vimos aqui para discutir os propósitos e a orientação estética que presidiu a toda esta obra, cujo interesse e oportunidade também não recusamos. Admitimos que se trate de uma «experiência». Neste sentido, a reconstrução da Casa dos Bicos, mesmo com o seu imaginário, é defensável. Durante aquela, a olisipografia acrescentou, por esta via, interessantes contribuições. A Ribeira Velha revive, apesar da omissão toponímica e dos acontecimentos que a propósito da XVII Exposição Europeia de Arte, Ciência e Cultura sobre ela incidiram. Vai resistindo «ao tempo e à fortuna». É óbvio que a história se constrói e se renova em cada dia que passa. Surge agora um novo aspecto na fisionomia da Ribeira Velha de Lisboa; uma página, talvez não muito feliz, a acrescentar à longínqua e prolongada persistência. As cidades que o possuem procuram afanosamente o seu passado. Roma propõe-se agora transformar radicalmente o centro urbano, destruindo a Via do Império no intento de reunir o conjunto da cidade romana, subjacente, e de o isolar do tráfego actual. Lamentamos, contudo, que no nosso caso se tenha perturbado, com acentuado dano, um cenário-património da cidade e da própria cultura nacional. Devemos acentuar, ainda, que os locais necessitam de palavras para os definir. Os nomes valem, no seu significado simbólico, pela evocação que promovem e pela força que conservam. Numa época em que o recurso à memória se encontra ameaçado pela influência dos *mass media* e da computadorização, empurrando-nos para a «cultura do efémero», convirá que nas referências localistas de Lisboa se registe: «Casa dos Bicos, sita na Ribeira Velha», e que esta designação seja identificável no próprio local.

O azul deserto da tarde

Continuação da pág. 1

também não a devia ajudar: tudo muito azul e sofisticado no Instituto; espelhos e águas muitos transparentes... Quem é que lhe diria que o homem que ela sentia ter, e ó de que maneira, todo o prazer nele; quem é que lhe ia dizer que o que ele procurava era um meio de se escapar para sempre de tal perfeição?

— A versão do rapaz é que queria o dinheiro para viajar. Dizia-me isto como se se tratasse do direito mais legítimo, mas já não dele, duma outra pessoa passada com quem tem actualmente vagas parecenças. Penso que já lhe disse da outra vez que nos vimos que o rapaz não afirma nada. Quando sou eu a reconstituir os factos da maneira que me parece mais lógica, vem sempre por mim.

Neves não parece ter muita vontade de ouvir Duarte. Não chega a estar propriamente voltado para ele. Por essa razão, quando fala, fica isolado dos outros dois; mesmo calado, deixa-se embalar ainda pelo que disse, com o ritmo dos que só sabem contar consigo porque o que deseja é que o Duarte, mais tarde ou mais cedo, reconheça o favor da sua parte em estar nesta casa a dizer o que diz ou mais precisamente, que o Duarte venha a admitir certas superioridades dele como esta em que Vera, sentada na penumbra, está a pensar: o conseguir mexer-se num meio que Duarte bem gostaria de penetrar.

— A sombra que vela os vivos. — Neves ri-se de novo, agora ostensivamente para Vera que pensa «ri-se de mim desta maneira pela primeira vez». Ela pensa e diz muito rápido:

— Quem é que está do lado de quem, isso é que eu gostava de saber.

— E nós também. Todos nós. — O tom da voz do Neves é já diferente. — Sossega, não te quero apoquentar. — E estende o braço na direcção de Vera que vai ver principalmente a mão, primeiro tensa; depois, e porque ele continua a fitá-la e a insistir nesta entrega, a mão abre-se sem hesitar. Quando o braço se desmoraliza, é ela que se diz «há quanto tempo». A mesma mão que tocou vezes sem conta; o Neves a dar-lhe a mão que toma nas suas e beija, com ele a rir-se do que ela faz. E ainda que já esteja sobre a perna do Neves, ainda a vê a avançar à luz.

Apanha-se de repente voltada para Duarte porque não quer que ele assista a vestígios do que foi para o Neves. Duarte, se se apercebeu desses gestos ressuscitados, não o deixa transparecer. Não deve considerar que seja possível intervir num campo que os dois criaram inevitavelmente entre si.

— Esse miúdo é de ouro. Só para os outros claro porque, para ele, lixou-se bem lixado.

O Neves está de copo na mão ao recomeçar a falar e Vera, que lhe segue os movimentos e não as palavras, vê-o solitário, de uma solidão sem cálculos, atirado para este momento por um passado demasiado pesado. Quanto a ela, sabe por si mesma que já não tem nada, a não ser o presente, para justificar a vinda dele. Do que aconteceu entre eles, só lhe ficou uma espécie de conhecimento descorado pela falta de uso. Neste momento que o tem a lado, não pode negar certamente que o que ele é, à distancia dum braço, lhe faz vir sem tréguas o que foi; como numa noite, o Neves a tocar à campainha, altas horas, todo encostado à porta sem se conseguir manter de pé, com a cara ensanguentada, um dos lábios desfeitos. Puxou-o para dentro para poder trancar a porta; ele escorregava pela parede do corredor a gemer. Vera ainda lhe lançou mão; deixou-o para ir espreitar a rua. Quando voltou, o Neves não se mexia, caído no chão, a cabeça meio encostada à parede.

Mesmo com a conversa retomada pelo Neves, ainda volta a sentir o frio que lhe deu o corpo sem forças.

— Também com um padrinho daqueles, como é que se podia safar! Porque as coisas entre eles começaram ao contrário: o professor tornou-se padrinho depois de o empernar.

Duarte põe-se de pé e vai em direcção ao móvel onde estão as bebidas. Fica de costas e, se está realmente a encher um copo, fá-lo demasiado lentamente para quem está acompanhado. A Vera parece-lhe uma eternidade aquele estar de costas parado e teimoso; talvez seja um dos efeitos do facto de a solidão do Neves ser feita de um passado muito vivido. Quando se volta, apoiando as mãos no móvel, já o mal-estar se tinha instalado. Diz então:

— O que você diz tem a ver com as escolhas, gostos e vida privada das pessoas em questão. O professor sabe muito bem em que é que está metido para me mencionar o apadrinhamento do miúdo. Aliás, tudo isso cheira a uma questão velha de há vinte anos em que um senhor, mais ou menos instalado, se podia permitir apadrinhar um rapaz vindo da província para Lisboa e ensinar-lhe como obter um lugar ao sol. Entretanto ia-lhe despindo as calças porque de qualquer maneira o Sol não chega para todos. Você tem a certeza de que este é o caso dos dois em causa?

— Acho que sim — responde Neves depois de uma pausa. — Olhe, assisti a uma cena impressionante entre os dois à porta do clube frequentado pelo miúdo. O professor não estava só e devia ter chegado uma meia hora antes de aquilo fechar; coisa estranha que ninguém faz pois as entradas são caras; portanto não interessa chegar tão tarde. Entrou e percebia-se logo que não vinha ali para passar um sábado à noite já tardio. Quem o conhecesse, via logo também que aquele não era o ambiente dele. Encostou-se ao bar a um canto com uma bebida, só, pois o tipo que o acompanhava não ficou ao pé dele; ficou foi perto do miúdo que devia estar com dois ou três outros. O professor não arredou pé daquele canto, a beber trago atrás de trago; mas nem sequer disfarçava o que estava ali a fazer e para quem olhava. O miúdo, esse, fazia que não era nada com ele: andava dum lado para o outro, dançou, e as vezes que saiu de vista, obrigou o tipo do professor a mexer-se atrás dele até que por último se despediu do grupo, mas descaradamente, e saiu. Diga-se aqui entre nós que eu nunca tinha visto o professor agir daquela forma directa: vai atrás do miúdo, chega a descer as escadas dois a dois e dá de caras com ele pacífico, à porta do clube. Acho que foi como uma visão: ia-se aproximando do miúdo à toa até que o abraçou. Lançou-se-lhe ao pescoço. Você conhece o corpo magnífico do miúdo, mais alto que o professor. Mantinha-se muito direito, hirto, com o outro pendurado a dizer-lhe coisas baixinho; que eu tenha visto, o miúdo não falava; limitava-se a aguentá-lo até que o outro tipo, sempre atrás deles, chega-se ao pé do professor e deve ter-lhe dito: «vá venha», e leva-o.

Enquanto o Neves falava, Duarte manteve-se muito atento sem disfarçar essa atenção. É verdade que o Neves também contou o que tinha a contar, sem se importar para quem. Falaria da mesma maneira com qualquer pessoa que lhe prestasse atenção. Dadas as circunstâncias, é o máximo que Duarte pode esperar dele.

— Essa é forte. — Duarte está ainda totalmente absorto pelo que pensa. Vera, que o conhece, acha que a história do Neves tem uma certa eficiência porque Duarte nunca se absorve no que lhe contam; quanto muito, responde taco a taco com o seu estilo próprio e escapa-se frequentemente para regiões afastadas do assunto em causa quando precisa de assegurar o domínio do que o rodeia.

— Pois — diz Duarte, retomando o fio do que acha ser possível dizer — o que se deve passar é uma dependência entre eles. Pela sua versão, parece ser do professor em relação ao miúdo. Nada mais natural, aliás, mas no princípio dos princípios, há anos suponho, quando ainda não havia mais ninguém entre eles e nem sequer cenas a poderem vir a ser contadas, aí sim, posso imaginar facilmente o miúdo irremediavelmente atraído para o professor, do fundo de si mesmo, do mais profundo que tinha então, sem reservas e sem pôr obstáculos a futuros. Mas claro, os tempos mudam as pessoas, muito mais um miúdo de quinze anos. — Duarte entrega-se à fala mais sentimental e humana de que deve ser capaz, pensa Vera, espantada com ele, pressentindo-o num desamparo momentâneo em que nunca o tinha visto.

— É verdade, o que é que é feito do Jaime? — Duarte volta-se para Vera e ela, que tinha estado demasiado tempo enovelada em pensamentos, olha-o fixamente quando responde:

— Está no hospital outra vez.

— Outra vez?

Entrou há dois dias. Sou capaz de ir vê-lo amanhã de manhã. Para ver se o arranco dos sonhos. — Ela sorri com desânimo.

De certo modo Duarte fechou um ciclo ao perguntar pelo Jaime. Não que a conversa com o Neves se tenha esgotado; muito pelo contrário, o Neves revela-se um poço sem fundo; só que Duarte não o pode deixar tomar conta da situação porque, a troco de mais informações sobre o professor e o miúdo, será obrigado a aceitar que fica em estado de espera perante o outro, última coisa que quer que aconteça. Nem a si próprio deve confessar que o Neves pertence às esferas onde os factos se decidem verdadeiramente para o miúdo. Duarte, ele mesmo, ficaria com um papel secundário de espectador de acções alheias.

— A propósito, na noite que a roubou, o miúdo foi a casa da cliente de metro e veio de lá a pé. Não utilizou nenhum carro do professor — o Neves está pronto para sair. Deixa concluir que a forma indirecta usada pelo Duarte para lhe roubar a palavra não o perturbou. Vai sair desta sala muito mais airosamente do que entrou, como alguém que dá por finda uma missão incómoda a pessoas difíceis.

Quanto a Vera, o que a leva a sair para o corredor tão depressa é o desejo de que o mal-estar que sente e de que se culpa acabe o mais rápido possível. Encontra-se já ao fundo do corredor, isolada, quando o Neves se lhe dirige:

— Mas o que é que esperas deste gajo, posso saber? Tão lânguido e frio! — Vera fica com a mão na porta e está num misto de espanto e de desconfiança. Segundos antes, tinha sido ele a poisar a mão no fecho da porta mas desistiu e afastou-se.

Está agora longe da saída, com o braço apoiado à parede de pessoa com intenções de resolver situações que a enervam. O outro braço não pára de falar.

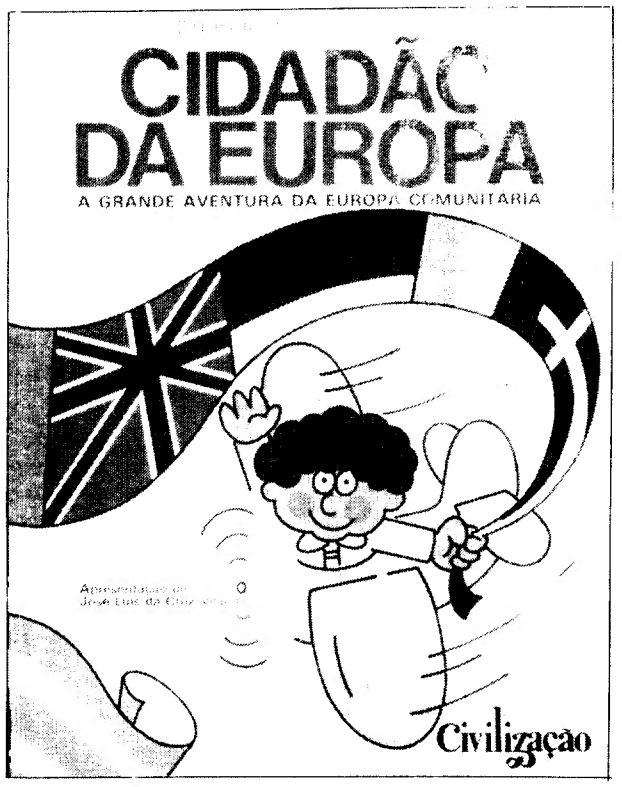
— Tao sob controlo o teu Duarte! — diz mais alto. — Para mais, anda em terrenos muito baldios, mas está bem...

De um momento para o outro, como se estivesse só a falar consigo, o Neves cala-se. Parece aceitar pelo silêncio a injustiça daquela casa a que nunca mais tinha voltado, o corredor vulgar, igual a qualquer outro, sem marcas do que ali foi vivido.

Eunice Cabral

O Azul Deserto da Tarde
Pub. *Europa-América,*
colecção *Século XX*

O QUE É A CEE?



OFEREÇA AOS SEUS FILHOS ESTA MAGNÍFICA OBRA

À VENDA NA FEIRA DO LIVRO
PAV. 19 • 20 • 21

LIVROS HORIZONTE

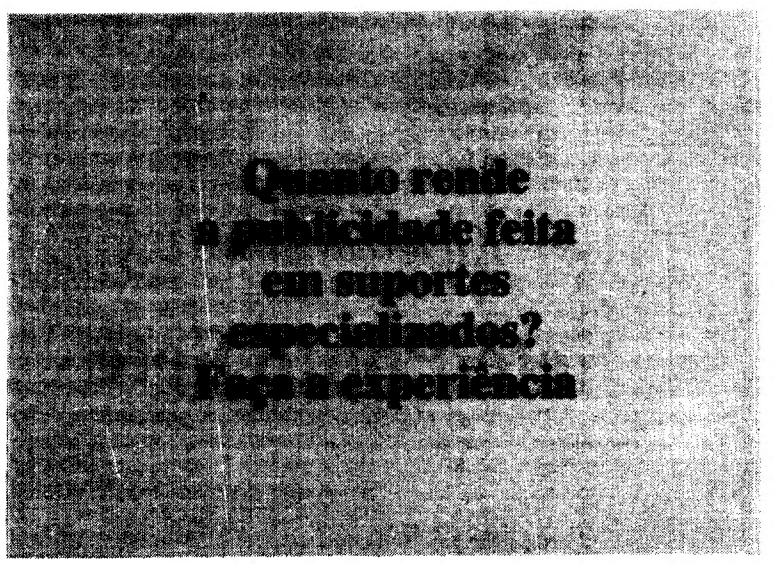
Obras de

JOEL SERRÃO

— Fernando Pessoa, Cidadão do Imaginário
— O primeiro Fradique Mendes
— Sampaio Bruno, o homem e o pensamento

FEIRA DO LIVRO — PAVILHÕES 34 e 35
LISBOA

LIVROS HORIZONTE — RUA DAS CHAGAS, 17-1.º DTO. — 1200 LISBOA
TEL.: 36 69 17



O Conde de Monsaraz

Celeiro de Portugal lhe têm chamado. Seara farta de artistas, poetas e prosadores, podemos acrescentar que também é o Alentejo. De um dos poetas maiores da região transtagana — o conde de Monsaraz — aqui ficam uns ligeiros dados biográficos, esboçados a propósito do grande drama ocorrido no Paço de Vila Viçosa no dia 2 de Novembro de 1512. E a propósito porque conde de Monsaraz nos deixou no poema *Justiça de El-Rei*, inserto no volume «Poesias», uma versão daquele horrendo, sangrento drama: o assassínio, com uma faca de mato, pelo duque de Bragança, D. Jaime, da mulher, D. Leonor de Mendonça, filha do 3.º duque de Medina Sidónia, e a morte do amante da duquesa, o jovem António de Alcoforado, pajem de D. Leonor, por um escravo negro que, com um cutelo de cozinha, de um golpe lhe separou a cabeça do tronco.

Descendente de uma antiga família de grandes lavradores alentejanos, o primeiro conde de Monsaraz, António de Macedo Papança, nasceu em Reguengos de Monsaraz a 18 de Julho de 1852. Filho de Joaquim Romão Mendes Papança e D. Maria Gregória de Évora, casou em 1888 com D. Amélia Simões, filha de um grande proprietário e negociante da Figueira da Foz. Estudou em Coimbra, onde alcançou o grau de bacharel em Direito (1874).

Deputado, par do Reino (1898), esteve no Congresso da Paz em 1900 como embaixador delegado. Monárquico sincero, depois da proclamação da República saiu de Portugal: foi para a Suíça e posteriormente fixou residência em Paris, onde viveu com a família até 1913, ano em que voltou ao nosso país. Neste mesmo ano morreu em Lisboa, no dia 17 de Julho.

Pertenceu ao Partido Progressista. Galardoado com a Grã-Cruz da Ordem de Afonso XII de Espanha, foi comendador da Ordem de Sant'Iago, sócio da Academia Real de Ciências (Classe de Letras), do Instituto de Coimbra, da Sociedade de Geografia de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras. Colaborou em vários jornais e revistas.

Traduziu algumas obras teatrais, mas foi como poeta que o conde de Monsaraz se notabilizou. Algumas das suas poesias, «recitadas constantemente nos teatros e nos salões do tempo... (segundo testemunho de Júlio Dantas) — ficaram no lirismo nacional como documentos, até então únicos, daquela poesia requintada, civilizada, subtil, cheia de optimismo e de distinção, que é o sorriso das grandes épocas literárias».

Macedo Papança estreou-se nas letras em 1876 com uma colectânea de poemas — «Crepusculares»; quatro anos depois, em 1880, publicou um longo poema em três cantos — «Catarina de Ataíde». É de 1883 o livro «Telas Históricas», conjunto de dois poemas — *O Grande Marquês* e *Lenda do Jesuitismo;* de 1892 é o volume «Poesias», dividido em duas partes: *Do último Romântico* e *Páginas Soltas*. A obra mais conhecida do conde de Monsaraz, «Musa Alentejana», de 1908, é um conjunto de poemas ricos de colorido, onde perpassa um Alentejo patriarcal, paisagens, figuras típicas, actividades campestres, usos e costumes da vasta região transtagana.

Porque é muito longo e se torna impossível apresentá-lo na totalidade, publica-se parcialmente o poema *Justiça de El-Rei*.

S.C.

Justiça de El-Rei

A GUARDA El-Rei no paço o lôbrego assassino.
Endurecem-lhe o olhar a colera e a tristeza,
Absorto a meditar no trágico destino
D'essa infeliz Duqueza.

Acode-lhe á lembrança o caso miserando
De haver cahido ali, tambem de madrugada,
N'um cadafalso erguido a fronte decepada
Do duque D. Fernando.

«Infame, has-de morrer como teu pae, descança,
Já hoje irás dormir nas lages da masmorra;
Manda Deus que tambem no meu reinado corra
O sangue d'um Bragança!»

.....

Um pagem no entretanto ergueu o reposteiro,
E livido, sereno, altivo e sobranceiro,
O Duque entrou na sala.

.....

Cravando n'elle o olhar, disse-lhe com firmeza
El-Rei, tremula a voz de raiva mal contida:
«— Duque, trazeis de mais essa cabeça erguida,
Se a consciencia vos peza.

Quem mata uma mulher, uma creança lhe opprime,
Se a dôr ou se o remorso o coração lhe opprime,
Deve perante El-Rei dar contas do seu crime
De rastos como um verme.

E, sendo essa mulher a esposa immaculada
Do cobarde assassino, esse homem que estremeça,
Que um rei justo não poupa a sordida cabeça
Que deve ser cortada!»

.....

O Duque então falou: «— Deixae que eu me defenda,
Senhor; tenhoa consciência e a honra immaculada;

.....

Senhor, de uma mulher se perde e se enlameia,
Deve cahir sobre ella a colera e a vingança;
Pois bem: essa que foi Duqueza de Bragança
Trahiu-me, e eu matei-a.

.....

O amante d'ella foi uma creança, um pagem
Imberbe, desarmado! Eu gabo-lhe a coragem
E maldigo-lhe o amor.

Provas? As cartas d'ella.
Ao surprehender os dois nos aposentos d'ella,
Revolvida no leito a roupa ainda quente,
Fui calmo e fui christão, fui nobre e fui clemente,
Como quem ama e zela

Da santa religião as regras e os preceitos;

.....

Mandei chamar um padre... O pagem no sobrado
De rastos, a tremer, pedia-me perdão;
— Padre, em nome de Deus, ouvi de confissão
Esse homem condemnado.

Em seguida ordenei que um negro o degolasse
A golpes de manchil. A Duqueza, entretanto,
Transita de terror que lhe banhava em pranto
A lividez da face,

Desgrenhada, a gritar, a maldizer a sorte,
Aos filhos se acolheu para salvar a vida.
— Padre, disse eu, também essa mulher perdida
Foi condemnada á morte.

Ella prostrou-se então em supplicas frementes
Aos pés do confessor... Eu silencioso ouvi-a
Arquejante de horror, convulsionado e fria
E a baterem-lhe os dentes!

Depois da absolvição — Agora a penitência,
Disse eu, e fiz collear a lamina da espada;
E ella, a fugir, cahiu de bruços, desmaiada,
Sem voz e sem consciência.

Ao vel-a assim corri, sem rancor e sem zelos,
N'um desforço legal d'essa mulher impura:
Finquei-lhe com firmeza um joelho na cintura,
Agarrei-lhe os cabelos,

E d'um golpe efficaz decepei-lhe a cabeça,
A mesma que gerou tantas traições e dólos
O sangue espadanou, saltaram-lhe os miólos
N'uma golfada espessa.

E para os contemplar no abraço extravagante,
Na tragica juncção da plebe e da nobreza,
Ergui e arremessei o corpo da Duqueza
Sobre o corpo do amante

Bem vêdes, procedi segundo a lei,

.....

El-Rei disse-lhe então: «— Sois nobre e sois sagaz;
Procedestes com honra e com valor. Pois bem,
Eu aceito o perdão e vos perdôo também,
Mas que Deus nos perdôe!
Duque, ide-vos em paz!»

Conde de Monsaraz

Na terça-feira

Sete Ponto Sete

Lapso

Por lapso, na edição anterior de **Ler/Escrever**, o poema «Sem substância», de Silva Carvalho, saiu sob a autoria de A. da Silva O. As nossas desculpas a ambos os autores, extensíveis também aos leitores do suplemento.

Literatura alemã

Breve reflexão sobre o «Heinrich Von Ofterdingen» de Novalis

PROTAGONIZADA por Fabel, a poesia consegue, neste rico e denso texto de Novalis, transformar o mundo, este mundo, identificado com o segundo estádio dos românticos, onde vivem os homens. A morte, a própria morte, até aí envolta em terror, passa, mediante uma profunda interiorização do drama de Cristo, a ser olhada de forma positiva. Anulando a vida e a luz (essa luz, esse sol que a «*Aufklaerung*» tanto havia prezado — o que ressalta, na criação de Novalis, da figura do «*Schreiber*»), a morte, penosa embora, promove a reunião, a religação, entre este mundo finito, limitado, e o mundo, o universo infinito de Deus.

Daí que, expostas as cinzas de uma mãe que em vida tão amada fora, e transformadas essas cinzas em bebida, a ser partilhada por quantos lhe veneram a memória, todos se sintam penetrados de tranquilizadora felicidade.

Fabel, a Poesia, vai incitando cada qual a superar o mundo contingente, de modo a que possa comungar da contemplação da verdade, da verdadeira felicidade, que se esconde na noite e na morte.

É dessa bebida que Sophie dá de beber a Eros, o Amor. E Eros a todos os outros. Bebida que já não é deste mundo trágico e contraditório, antes é uma bebida divina. A mãe volta a estar presente, sempre amiga, no interior de cada um. Agora, todos percebem por que se torna necessária a ausência. A libertação não é alcançável sem a dor, sem o sofrimento da separação. Como Cristo ensinou com o seu próprio drama. Como Novalis aprendeu amargamente com a morte de Sophie von Kuehn. Como cada qual verifica, ao ter de transportar a sua própria cruz.

O mundo novo terá, assim, de brotar, necessariamente, do padecimento. Por isso, iluminada também pela Poesia (para Novalis, esta, a grande via para a Verdade), diz Sophie que é com lágrimas que as cinzas da mãe se transformam, dissolvendo-se, na bebida da vida eterna. Já do Céu que não da Terra, a mãe vive agora em cada um...

...E Sophie, uma sabedoria não confinada aos estreitos limites da «*Aufklaerung*» — que, essa, era incompleta, na medida em que excluía a noite, a morte, o mistério, o sagrado, o insondável... —, aconselha Eros, então já transformado, já profundamente tocado de sentimentos, a retirar-se com a irmã, visando assim a libertação da Paz, protagonizada por Freya...

Aproxima-se a hora de a Poesia e o Amor — Fabel e Eros — iniciarem o seu reinado. Um reinado finalmente sem tensões, sem oposições dramáticas. Um reinado onde as armas e a guerra não mais estarão presentes, antes sendo a paz a magnífica realidade de todos os dias. A Poesia havia operado o grande milagre. Deixara de ocorrer a morte. As Parcas tinham sido para sempre destruídas. Majestosa, a Primavera estendia-se por sobre a Terra, tudo congraçando na maior harmonia...

Pois bem. Subjacente a todo este maravilhoso (maravilhoso, que não fantástico) do famoso «*Heinrich*» de Novalis, está toda a filosofia do mesmo Novalis, para quem a Poesia, e só a Poesia, como suprema arte que é («*die grosse Kunst*»), torna possível a concretização de um perfeito relacionamento com o Além, o Transcendente — com vista à «construção de uma saúde transcendental», pelo que o poeta se torna como que num «médico do transcendente»...

A Poesia opera, pois, a síntese (tão cara aos românticos!). Mistura a dor com o prazer, a sorte com o infortúnio (como ocorre no já focado repartir das cinzas, transformadas em bebida. — É leve a brisa que então se faz sentir, é divinamente saborosa a bebida que então se bebe...). Mistura o erro com a verdade (erros do «*Schreiber*», de Eros...; verdades de Sophie, de Fabel...). Mistura a saúde com a doença, a vida com a morte (a vida dos que ficam bebendo as cinzas — aliás verdadeira bebida da vida eterna, «*Trank des ewigen Lebens*»; a morte, aliás vida, porque reencontro dos que partem, deixando as cinzas...).

...E mistura tudo para quê, a Poesia? Para alcançar o objectivo dos objectivos — ou seja, a superação do próprio Homem sobre todas as suas limitações. Superação, essa, que só se poderá dar, na óptica de Novalis, no retorno do Homem a Deus, retorno a alcançar mediante a descida ao interior do próprio Homem. Descendo ao interior de si próprio como um mineiro ao interior da mina, o Homem deparará com a Verdade — com a escuridão que é a verdadeira luz, com a morte que é a verdadeira vida. Alcançará, então, após penosa experiência («*Erfahrung*»), o terceiro estádio, e terá a assisti-lo, no transe, o próprio Cristo, a cuja mensagem deve Novalis a intelecção profunda da própria morte...

Por Manuel Alexandre Alvim

Poemas de Eduardo Pitta na «Hora de Poesia»

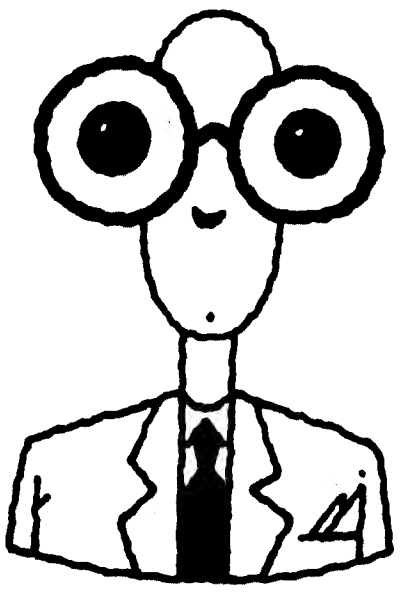
A revista espanhola *Hora de Poesia* publica, no seu último número (o 49, data de Novembro-Dezembro de 1986) uns tantos poemas do português Eduardo Pitta, em tradução de Amador Palacios, com duas ou três notas aos poemas e uma breve apresentação também assinada pelo tradutor deles.

A revista tem crédito reconhecido, prestígio e projecção em Espanha e no estrangeiro, e também em Portugal. O tradutor é já alguma coisa nosso conhecido: ainda há dias aqui se falava dele a propósito de traduções de António Osório noutra revista, *Barcarola*. Pitta é das referências correntes (para não dizermos cimeiras) das promoções mais recentes (anos 70, 80) da poesia portuguesa. Pretextos e motivos fortes quanto baste para que se fale disto, sem excesso de ênfase, mas, pelo menos, com a noção da importância que tem, e que é bem mais do que meramente pessoal.

Hora de Poesia faz-se há anos (uns seis ou sete) em Barcelona. Na ficha estão os nomes de Javier Lentini como editor, de Rosa Lentini Chao como coordenadora, e há ainda uma dezena de nomes como comité de redacção. Alguns desses nomes não nos serão de todo desconhecidos: Angel Crespo, Ana Maria Moix, por exemplo. E já não é a primeira vez que a revista abre as suas páginas a portugueses. Na altura falou-se disso neste «DL» (12 de Outubro de 1983), em 1983, o número duplo 27/28 da revista era uma antologia de poesia portuguesa de hoje, vinte autores, de Eugénio de Andrade a Nuno Júdice, de Mário Cesariny a António Franco Alexandre, selecção, tradução e notas de Xosé Lois Garcia. É possível que noutros números tenham aparecido mais portugueses. De tal não temos conhecimento, todavia.

Amador Palacios, além do tradutor já conhecido, é também autor de alguns livros de poesia, o último dos quais titulado *Billete Heterónimo*, há dois anos, na colecção Melibeia, de Talavera de la Reina. A referência é mais pertinente do que se pode suspeitar: tem-se a ideia de que um poeta é sempre, potencialmente, pelo menos, tradutor mais habilitado para a poesia. Palacios, já agora, tem ainda um estudo de grandes dimensões sobre um poeta espanhol falecido não há muito: *Gabino Alejandro Carriedo, su continente y su contenido* (publicou a Caja de Ahorros de Palencia, em 1984). Uma curiosidade talvez pouco conhecida: — Aqui há pouco tempo, Palacios andou empenhado numa antologia de poesia de poetas portugueses das mais recentes promoções (Pitta entre eles), a publicar. Esteve em Lisboa umas duas vezes, para tratar disso. Depois abandonou o projecto, por dificuldades que não estavam ao seu alcance vencer. Na altura disse-nos Palacios que parte do trabalho já feito no campo da tradução iria sair avulsamente, aqui e ali. Esta divulgação de Pitta deve ser realização de tal propósito. Não se perdeu tudo, pois, e ainda bem.

Das traduções é difícil dizer alguma coisa fora dos lugares comuns. Aqueles que virem o trabalho feito



podem avaliar facilmente: tal como no caso de Osório em *Barcarola*, também as traduções de Pitta na *Hora* trazem o original em texto corrido, com separado, em lugar de rodapé.

Quanto a Pitta, já atrás ficou dito o lugar-comum de que se trata dum nome do topo de referências da poesia portuguesa de hoje, âmbito das duas ou três mais recentes promoções (ou vagas, grandes vagas, de preferência, e embora no domínio do relativo temporal). Suba-se um pouco acima dos níveis do lugar-comum.

Pitta tem uma primeira fase noutro âmbito de referências: a poesia moçambicana (talvez, pela especificidade do caso, mais do que poesia africana de expressão portuguesa, acepção de expressão como língua; talvez mais do que isso: poesia portuguesa de expressão africana, acepção de expressão agora outra e mais vasta). Documento principal: um livro titulado *Sílaba a Sílaba*, publicado na então Lourenço Marques, em 1974.

Parte deste livro ultramarino reaparece depois num primeiro livro europeu em 1979: *Um Cão de Angústia Progride*. Começa aqui outra radicação, — e passam a ter muito a ver com esta radicação os talvez melhores (ou, pelo menos, os mais significativos) motivos de interesse duma poética desde cedo muito em dia quanto a exigências e orientações geracionais, para nada se perder por quaisquer exotismos.

A Linguagem da Desordem (de 1983) culmina (até agora) uma evolução. E *Os Olhos Calcinados* (85) mantém o processo e a evolução num plano superior entretanto atingido.

É do livro de 83 que Palacios retira os poemas que traduz para *Hora de Poesia*, entre eles o que dá título ao livro.

A expressão «A linguagem da desordem» é de Joaquim Manuel Magalhães e o poema de Pitta recorta-se sob uma vastíssima produção dos últimos (talvez dez) anos, de uma ou duas gerações de poetas. Caiba aqui transcrevê-lo, em texto corrido, com barras separadoras, por razões de espaço:

«Esta gente não sabe dos corpos a linguagem da desordem. / Esboça, quando muito, pequenos gestos periféricos. É uma longa/ aprendizagem que pouco lhes diz. Pervertem-se na ignorância/ de tudo e de si mesmos e vão (sobre) vivendo com a lentidão/ e o sensabor de quem tudo desistiu. / Subsistem. / A Praia que lhes sobra chega-lhes para a (des) satisfação do/ largo mundo./ Percurso rastreado dia-a-dia onde não cabem/ os melquíades da infância. // Neles, a contiguidade do desejo é vital e extemporânea: um vinho/ resinoso e a polpa de algumas azeitonas configuram/padrões de vida não vivida./ Assumem-se, outrossim, como a geração do martini./ progridem de snack em snack ao sabor de liofilizadas/ cerejas, outros fumos, vários palpites gustativos. Entre a magia/ do sound e a inutilidade de alguns lances vão auscultando/ um tempo de procura e merecimento.»

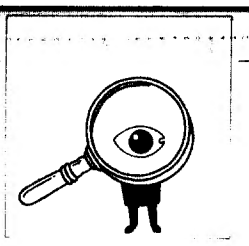
É este poema que (em espanhol e em português) o público da revista Hora de Poesia tem agora ao seu alcance.

Não sei se irá aperceber-se da significação desta peça. Palacios, na nota de apresentação, não chama a atenção para isso, e talvez devesse fazê-lo.

Mas, por outro lado, a nota de apresentação de Palacios sintetiza dois ou três aspectos — formais, temáticos, — da poesia de Pitta, e dispensa-nos de ir mais longe. Diz assim:

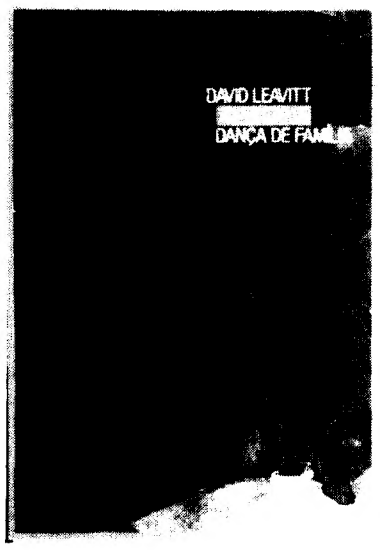
«Eduardo Pitta gosta do poema curto, conciso e, muitas vezes, aforístico, o que, entretanto, não impede que a sua poesia se povoe de uma nebulosidade sugestiva, apta para a melhor comunicação com o leitor. Nos seus poemas predomina um erotismo hermético, uma palavra palpitante e sinuosa que faz dele, deste modo, uma das vozes mais características da nova poesia portuguesa.»

Acabados de Chegar



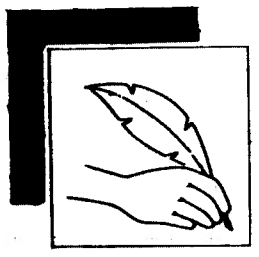
■ **Dança de Família, David Leavitt, Ed. Teorema, Col. Estórias**

Nove contos cuja ideia base poderia talvez ser sintetizada assim: «Cada família abriga um estranho no seu seio». O segundo livro da «nova geração» de escritores americanos que é editado pela Teorema (o primeiro foi «Menos Que Zero» de Bret Easton Ellis). Ellis tinha 20 anos quando o escreveu. Leavitt tinha 22 quando acabou esta «Dança de Família».



■ **Sete Manifestos Dada, Tristan Tzara, Hiena Editora, Col. Cão Vagabundo**

«(...) Escrevo um manifesto e não quero nada, digo contudo certas coisas e sou por princípio contra os manifestos, tal como sou contra os princípios (decilitros para o valor moral de qualquer frase — demasiada comodidade: a aproximação foi inventada pelos impressionistas). Escrevo este manifesto para mostrar que as acções opostas podem ser feitas conjuntamente, numa só respiração fresca: sou contra a acção, pela contradição contínua, também sou pela afirmação, não sou nem a favor nem contra e não explico, porque odeio o bom senso (...)» (extracto do Manifesto Dada). Os «Sete Manifestos Dada» foram publicados pela primeira vez em conjunto em 1924. A publicação das Edições Jean Budry era ilustrada por desenhos e Francis Picabia que a presente edição também reproduz.

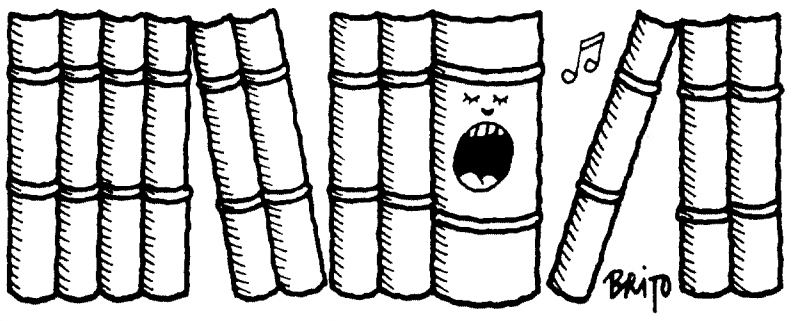


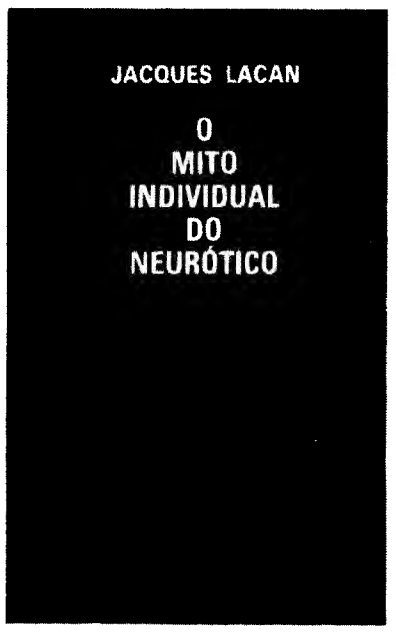
■ **Regresso Por Um Rio, Francisco José Viegas, Publicações Europa-América**

Em post-título, o autor escreve «imaginações para uma novela», onde «são citados nomes e lugares: quase todos são verdadeiros como é verdadeira a história que se esconde aos olhos do leitor. Nomes, alguns, e lugares, todos, podem ser confirmados».

■ **Alter/Ego, n.º 3 — 1987, Ed. Salamandra**

Dirigida por J. Dias Cordeiro, a revista «Alter/Ego» conta neste número com a participação, entre outros, de José Mattoso («Saúde Corporal e Saúde Mental na Idade Média Portuguesa»); Rafael Cruz Rocho («Algumas Considerações Sobre a Mudança no Adoecer Psíquico» — reproduzido no último «Sete Ponto Sete»); A. Bracinha Vieira («Estratégias e Comportamentos Reprodutivos nos Primatas Não Humanos»); Teresa Ferreira («Risco Psicológico e Gravidez»).



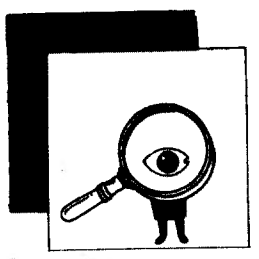


■ **A Mentalidade Revolucionária — Sociedade e Mentalidade na Revolução Francesa, Michel Vovelle, Ed. Salamandra**

Michel Vovelle, professor catedrático na Sorbonne, traça neste livro um quadro da prodigiosa mutação das mentalidades entre 1789 e 1799.

■ **O Mito Individual do Neurótico, Jacques Lacan, Assírio & Alvim**

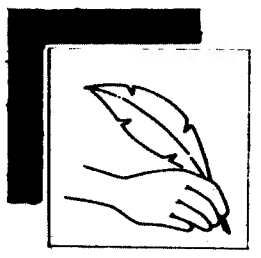
No prefácio a esta edição, Tito Cardoso e Cunha afirma: «a importância do 'mito individual do neurótico' na obra de Lacan e no aparecimento do estruturalismo psicanalítico está desde já patente na nota dos Ecrits (...) onde o autor se lhe refere, precisamente como o «initium» de uma referência estruturalista em forma, referência que, muito explicitamente, se reenvia para o «primeiro texto de évi-Strauss sobre o mito» (...) A relação com Lévi-Strauss é pois essencial para se situar e compreender a obra de Lacan e o presente texto em particular (...)».



■ **A Literatura no Estômago, Julien Gracq, Assírio & Alvim**

Julien Gracq publicou o presente texto em 1950. Em 1951 recebia o Prémio Goncourt pelo romance «Le Rivage des Syetes». A apresentação e tradução da edição portuguesa de «A Literatura no Estômago» é de Ernesto Sampaio.

■ **Duas História de Lisboa, David Mourão-Ferreira, Ed. Labirinto**



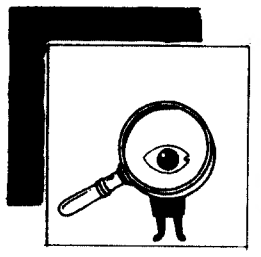
«A tua Véspera de Natal» e «O Cachimbo do Santo» são os dois contos que integram o presente livro. Escritos em 1987, ano em que David Mourão-Ferreira ganhou o Grande Prémio da APE com «Um Amor Feliz», as «Duas Histórias de Lsboa» integram um roteiro literário proposto pela Labirinto e do qual fazem parte títulos como «Duas Histórias de Praga» de Rainer Maria Rilke ou «Duas Histórias do Egipto» de Stratis Tsirkas.

■ **A Oleira Ciumenta, Claude Lévi-Strauss, Ed. 70, Col. Perspectivas do Homem**

Através da análise dos mitos das duas Américas, Lévi-Strauss tenta responder a perguntas como as seguintes: «Que há de comum entre um pássaro insectívoro, a arte da olaria e o ciúme conjugal? Entre o pensamento especulativo dos índios e os dos psicanalistas? Entre uma tragédia de Sófocles e uma comédia de Labiche?».

■ **Prolegómenos a Toda a Metafísica Futura, Immanuel Kant, Ed. 70, Col. Textos Filosóficos**

Nesta obra, Kant propõe-se pensar a ciência e a metafísica, inquirir a possibilidade desta última como ciência através da elucidação da estrutura da matemática e da física.

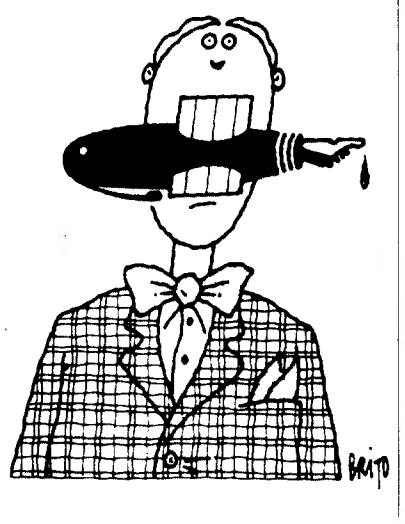


■ **Mente, Cérebro e Ciência, John Serle, Ed. 70, Biblioteca de Filosofia Contemporânea**

Um livro «divulgação» onde o autor fala sobre a relação entre a mente e o cérebro, a inteligência artificial, o livre arbítrio, entre outras questões.

■ **O Cinema Espectáculo, Eduardo Geada, Ed. 70, Col. Arte $ Comunicação**

Realizador e crítico de cinema, Eduardo Geada tenta agora deslindar o que está por detrás do prazer do espectador.



O eu nos outros

As mãos atrás da nuca

Através do estore, os olhos pelos interstícios, Júlia M. ia observando as cores em explosão no jardim do hotel. O Sol era grande e recortava as pessoas de uma maneira tão nítida que elas pareciam desligadas de tudo, caídas ali ao acaso, sem quaisquer relações umas com as outras — e ainda menos com os canteiros, as flores, o perfume... Júlia M. sorriu-se: «Perfume que eu sinto, que chega até ao meu quarto...» Ficou-se depois na imagem de Raul, lá muito em baixo, a contemplar as águas do pequeno lago. Ele também lhe parecia, assim sob a luz, separado de tudo. «Até de mim...» — pensou.

Abandonou-se na cama, as mãos atrás da nuca, os olhos cerrados. Achou verdadeiramente aterrador que o perfume do jardim viesse até ela, se ligasse ao seu corpo, a penetrasse de maneira tão suave — e o mesmo se não verificasse com Raul. Do corpo dele (pelo menos naquele momento) nada emanava que a tocasse de excitação, de impaciência, de um certo tempo de espera. E, no entanto, não tardaria muito que Raul entrasse pelo quarto, buscando-lhe o corpo e o sono até à hora do jantar. «Vou é descer» — decidiu-se.

— Então...? — admirou-se Raul no átrio, a sacudir o cachimbo na palma da mão.

— Vou dar uma volta. Uma volta aqui pelo jardim.

Ele bocejou:

— Então eu subo...

Sentada sob um toldo, uma água mineral na mesa, Júlia M. sentiu-se, de repente, perturbada: onde o perfume que a tocara lá em cima, no quarto, a enleara toda, a chamara, afinal, até ao jardim...?

Olhou, de olhos cerrados, o estore do quarto, lá muito em cima, corrido como o deixara ficar, as mãos atrás da nuca. Certamente que Raul já dormia, ou dormitava, ou se espreguiçava... Bem vistas as coisas, ele não havia desejado o seu corpo, bocejara no átrio, dissera simplesmente que subiria até ao quarto. «Então eu subo» — tinha dito ele. Oh, que calor! Pois bem...

Ela sorriu-se:

«Eu subo também.»

Pedro Alvim